

PUCRS

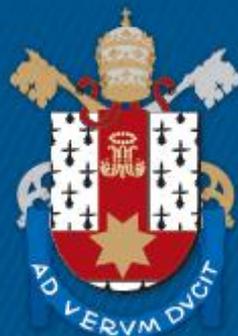
ESCOLA DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
DOUTORADO EM HISTÓRIA

LUCIO LEMES

**A PERSPECTIVA DAS PEDRAS: FENOMENOLOGIA E PERCEPÇÃO
NO SÍTIO ARQUEOLÓGICO SANTA CLARA**

Porto Alegre
2018

PÓS-GRADUAÇÃO - *STRICTO SENSU*



Pontifícia Universidade Católica
do Rio Grande do Sul

LUCIO LEMES

**A PERSPECTIVA DAS PEDRAS: FENOMENOLOGIA E PERCEPÇÃO
NO SÍTIO ARQUEOLÓGICO SANTA CLARA**

Tese apresentada como requisito para a obtenção do grau de Doutor pelo Programa de Pós-Graduação e História pela Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, com área de concentração em Sociedade, Cultura Material e Povoamento.

Orientador: Prof. Dr. Klaus Peter Kristian Hilbert

Porto Alegre, 2018

Ficha Catalográfica

L552p Lemes, Lucio

A perspectiva das pedras : fenomenologia e percepção no sítio arqueológico santa clara / Lucio Lemes . – 2018.

209.

Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em História, PUCRS.

Orientador: Prof. Dr. Klaus Peter Kristian Hilbert.

1. Arqueologia. 2. Arqueologia pré-colonial. 3. Engajamento. 4. Fenomenologia. I. Hilbert, Klaus Peter Kristian. II. Título.

LUCIO LEMES

**A PERSPECTIVA DAS PEDRAS: FENOMENOLOGIA E PERCEPÇÃO
NO SÍTIO ARQUEOLÓGICO SANTA CLARA**

Tese apresentada como requisito para a obtenção do grau de Doutor pelo Programa de Pós-Graduação e História pela Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, com área de concentração em Sociedade, Cultura Material e Povoamento.

Data de aprovação: _____

Prof. Dr. Klaus Peter Kristian Hilbert – PUCRS

Prof. Dr. Átila Stock da Rosa – UFSM

Prof. Dr. Marlon Borges Pestana – FURG

Prof. Dra. Gislene Monticelli – PUCRS

Prof. Dr. Guilherme Galhegos Fellipe – PUCRS

AGRADECIMENTOS

Agradeço a meu orientador, Professor Dr. Klaus Hilbert por toda dedicação e paciência para orientar esta tese.

À Professora Dra. Maria Cristina dos Santos, em especial, por ter ampliado minhas reflexões a respeito da história indígena a partir de seus seminários de pós-graduação da PUC-RS. Agradeço também aos funcionários do PPGH-PUCRS.

Aos amigos e colegas, Paulo, Carlos, Filipe, Alexandre e à Vanessa. Ao colega Bruno por sua atenção dada à pesquisa do Sítio Arqueológico Santa Clara e seu entusiasmo com o material lítico. Agradeço a meu pai por suas incalculáveis caronas para rodoviária toda segunda-feira de manhã. Também agradeço à Dona Elenita por toda força espiritual.

Agradeço também a CAPES pela concessão da bolsa. E, em especial, a minha esposa Elisângela.

“Aprendi também que cada *hombre*, como o cavalo, tem seu lado de montar. A questão é a gente descobrir. Porque *hai* gaúchos e gaúchos, nem todo o nosso povo é igual. Os da fronteira são largados, falam sempre meio gritando e com ar de provocação. Gostam de contar bravatas e de fazer gauchadas, tem mão aberta e coração grande e assim como se espinham por qualquer coisa e querem logo brigar em seguida ficam amigos e dão até a vida por *vassuncê*. Uma coisa, patrícios, eu lhes garanto: pra meu gosto o verdadeiro Rio Grande fica da margem direita do Jacuí, pros lados de São Borja e pra baixo na direção de Uruguaiana, Santana do Livramento, Dom Pedrito e Bagé principalmente na Campanha, onde sempre terçamos armas com os castelhanos. (Érico Veríssimo).”

Para Saul

RESUMO

Este trabalho é fruto de uma visão fenomenológica em Arqueologia, fundamentada no engajamento perceptivo e na tentativa de esclarecer a separação criada entre sujeito e objeto, sob influência do paradigma cartesiano, que induziu todo o saber científico a uma visão mecanicista do mundo e à hegemonia do racionalismo acadêmico. Para tanto, buscamos na fenomenologia o entendimento das essências na existência (retorno às coisas mesmas) e buscamos a definição das vivências humanas. Podemos dizer que o método fenomenológico busca entrar em contato com os fatos e percebê-los em si mesmos e decifrá-los de maneira que dê sentido às coisas. Com isso, realizamos uma revisão para os modelos ocupacionais criados para a pré-história de Quaraí e a região da fronteira oeste do Rio Grande do Sul demonstrando que os grupos que ali habitaram permaneciam, desde o princípio então, engajado em seu meio ambiente, como um organismo-pessoa que forma com o mundo um sistema de rede, este habitado por objetos materiais, humanos e não humanos, e que se relacionavam uns com os outros.

Palavras-chave: Arqueologia, arqueologia pré-colonial, engajamento, fenomenologia.

ABSTRACT

This paper is the outcome of a phenomenological view on archeology, based on the perceptive commitment and in the try to enlighten the separation created between subject and object, under the influence of the Cartesian paradigm which induced all scientific knowledge to a mechanistic view of the world and to the hegemony of academic rationalism. Therefore, we seek in phenomenology the understanding of the essences in existence (return to the same things) and we seek the definition of human experiences. We can say that the phenomenological method seeks to get in touch with the facts and perceive them in themselves and decipher them in a way that gives meaning to things. Therewith, we review the occupational models created for the prehistory of Quaraí and the region of the western border of Rio Grande do Sul, believing that the groups that lived there remained, from the beginning, commitment in your environment, as an person-organ who forms with the world a network system, and this inhabited by material objects, human and non-human and that related to each other.

Keywords: Archeology, pre-colonial archeology, commitment, phenomenology.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Típico Sítio Arqueológico <i>Catalanense</i> localizado em Quaraí	23
Figura 2 – Divisão das indústrias líticas de caçadores-coletores para o Uruguai.....	24
Figura 3 - Circulação de matéria prima da "RACNA" ao médio Rio Uruguai	26
Figura 4 - Localização dos sítios do <i>Catalanense</i>	27
Figura 5 - Arroio <i>Catalán Chico</i>	27
Figura 6 - Localização dos sítios da indústria <i>Catalanense</i>	28
Figura 7 – Núcleo da indústria <i>Catalanense</i>	30
Figura 8– Núcleos sobre lasca da indústria <i>Catalanense</i>	31
Figura 9- Instrumentos com retoques alternantes e instrumentos com retoque em entalhe	31
Figura 10 - Instrumentos com retoques em entalhe.....	32
Figura 11 - 1- Rio Quaraí e seus afluentes; 2 - Sítio de Artigas;.....	33
Figura 12 - Artefatos sobre seixo da indústria <i>Cuareimense</i>	35
Figura 13 - Sítios da fase Uruguai ● e Ibicuí ▲	40
Figura 14 - Crânio de <i>Glossotherium robustus</i> no sítio RS-I-50.....	41
Figura 15 - Ponta <i>Pay Paso</i> (A) e ponta <i>Fell 1</i> (B)	43
Figura 16 - Mapa com sítios da localidade de <i>Pay Paso</i>	43
Figura 17 - Pontas de projétil e instrumento bifacial encontrado no Areal.....	45
Figura 18 - Fontes de matéria prima identificadas no Areal	45
Figura 19 - Afloramento de arenito silicificado	46
Figura 20 - Cascalheira de arenito Silicificado, Sítio Areal	46
Figura 21 – Material lítico em associação ao solo arenoso de coloração avermelhada	47
Figura 22 - Monólito e suas gravuras no Areal de Quaraí.....	47
Figura 23 - Conjunto de sítios localizados por Miller	48
Figura 24 - Estratigrafia de Miller para o Rio Uruguai	49
Figura 25 - Localização da área estudada.....	50
Figura 26 - Estratigrafia local (exemplos da unidade A).....	53
Figura 27 - Exemplo do arenito Botucatu remobilizado	54
Figura 28 - Típica paisagem da campanha gaúcha (Cuesta do Haedo).....	55
Figura 29 - Exemplo da remobilização (sítio do Areal)	56
Figura 30 - Sítio: 001; UNDR: Topo de Interflúvio.....	60
Figura 31 - Sítio: 002; UNDR: Topo de Interflúvio.....	60
Figura 32 - Sítio: 006; UNDR: Topo de Interflúvio.....	61
Figura 33 - Sítio: 008; Altitude: 248m; UNDR: Topo de Interflúvio	61
Figura 34 - Sítio: 009; UNDR: Terraço Fluvial	62
Figura 35- Sítio: 011; UNDR: Terraço Fluvial (nascente).....	62
Figura 36 - Sítio: 012; UNDR: Terraço Fluvial	63
Figura 37 - Sítio: 013; UNDR: Terraço Fluvial	63
Figura 38 - Sítio: 016; UNDR: Terraço Fluvial	64
Figura 39 - Sítio: 014; UNDR: Cabeceiras de Nascente	64
Figura 40 - Sítio 015; UNDR: Pavimento Detrítico	65
Figura 41- Sítio: 018; UNDR: Pavimento Detrítico (com presença de calcedônia)	65

Figura 42 - Sítio: 003; UNDR: Afloramento/Cascalheira	66
Figura 43 - Sítio: 004 – Areal-1; UNDR: Paleopedon (arenito eólico).....	66
Figura 44 - Antigo fluxo de água e estruturas de lascamento.	67
Figura 45 - A Colheita do Trigo, Pieter Bruegel, 1565	81
Figura 46 - Relação Triédrica.....	91
Figura 47 – Bacias e Sub-bacias Hidrográficas do Rio Grande do Sul.....	102
Figura 48 – Unidades Geomorfológicas do Rio grande do Sul.....	103
Figura 49 – Clareira aberta pela escavação	105
Figura 50 – Clareira aberta pela escavação	105
Figura 51 – <i>Full Coverage Survey</i> , junho de 2009.....	108
Figura 52 – Início da escavação na "Sondagem controlada 1", junho de 2009.....	108
Figura 53 – Amostras de sedimentos datadas no perfil estratigráfico, março de 2011	109
Figura 54– Plotagem do material arqueológico, fevereiro 2013	110
Figura 55 – Malha elaborada em laboratório.....	110
Figura 56 – Escavação nos níveis inferiores do sítio.....	111
Figura 57 – Dispersão das peças em função dos eixos X e Z, escala em metros	112
Figura 58 – Dispersão geral dos materiais líticos da escavação de setembro de 2012.....	112
Figura 59 – Dispersão geral dos materiais líticos da escavação de fevereiro 2013.....	113
Figura 60 – Desenho de perfil estratigráfico	113
Figura 61 – Retirada de sedimentos	114
Figura 62 – Perfil estratigráfico Sul da quadrícula B2 do Sítio Arqueológico Santa Clara	114
Figura 63 – Camada II, detalhe nas finas nervuras horizontais.....	115
Figura 64 – Sondagem na camada III do sítio Santa Clara	116
Figura 65 – Materiais <i>in situ</i> , associados às nervuras horizontais e às camadas eólicas, respectivamente	117
Figura 66 – Localização Sítio Arqueológico Santa Clara em relação ao rio Quaraí.....	118
Figura 67 – Instrumentos retocados: a), b) e h) retoques em entalhe; c) e f) retoques inversos; d) retoque denticulado; e) retoque serrilhado; g) retoques diretos;.....	122
Figura 68 – Macro-traços de utilização nos instrumentos; a), b), c) macro-lascamentos; 124	
Figura 69 – Instrumentos não retocados com diferentes inclinações e delineações de gume	126
Figura 70 – Instrumentos utilizados sem retoque; a) Gume retilíneo, b) Gume côncavo, c) Gume convexo.....	126
Figura 71 – Formato das lascas em relação com a orientação dos negativos. Quadrangular e retangular com negativos paralelos de mesmo sentido e triangular com negativos convergentes de mesmo sentido	128
Figura 72 – Formato do suporte dos instrumentos do sítio Santa Clara em função das combinações de negativos	128
Figura 73 – Volume Inicial I e Volume Inicial II (esse produzido experimentalmente), respectivamente	130
Figura 74 – Núcleos com volume inicial I. a) Com plano de percussão natural	131
Figura 75 – Núcleo Inicial II	132
Figura 76 – Método <i>Kombewa</i>	133

Figura 77 – Núcleo <i>Kombewa</i> do Sítio Arqueológico Santa Clara com exploração total da superfície inferior da peça	133
Figura 78 – Instrumento elaborado sobre típico suporte <i>Kombewa</i> , sítio Santa Clara.....	134
Figura 79 – Remontagem método <i>Kombewa</i> , Sítio Santa Clara	134
Figura 80 – Remontagem método <i>Kombewa</i> , Sítio Arqueológico Severo.....	135
Figura 81 – Núcleo <i>Kombewa</i> do Sítio Arqueológico Santa Clara	135
Figura 82 – Esquema de produção do núcleo <i>Kombewa</i> do Sítio Arqueológico Santa Clara	136
Figura 83 – Esquema de produção do núcleo <i>Kombewa</i> do Sítio Arqueológico Santa Clara	136
Figura 84 – peça 289 – 35	139
Figura 85 – peça 289 – 87	139
Figura 86 – peça 289 – 54	140
Figura 87 – peça 289 – 98	141
Figura 88 – peça 289 – 117	141
Figura 89 – peça 289 – 221	142
Figura 90 – peça 289 – 76	143
Figura 91 – peça 289 – 121	143
Figura 92 – peça 289 – 212	144
Figura 93 – peça 289 – 41	145
Figura 94 – peça 289 – 63	145
Figura 95 – peça 289 – 118	146
Figura 96 – peça 289 – 82	147
Figura 97 – peça 289 – 77	147
Figura 98 – peça 289 – 13	148
Figura 99 – peça 289 – 162	149
Figura 100 – peça 289 – 204	149
Figura 101 – peça 289 – 173	150
Figura 102 – peça 289 – 207	151
Figura 103 – peça 289 – 142	151
Figura 104 – peça 289 – 194	152
Figura 105 – peça 289 – 200	153
Figura 106 – peça 289 – 51	153
Figura 107 – peça 289 – 148	154
Figura 108 – peça 289 – 33	155
Figura 109 – peça 289 – 28	155
Figura 110 – peça 289 – 31	156
Figura 111 – peça 289 – 301	157
Figura 112 – peça 289 – 401	157
Figura 113 – peça 289 – 307	158
Figura 114 – peça 289 – 222	159
Figura 115 – peça 289 – 412	159
Figura 116 – peça 289 – 374	160
Figura 117 – peça 289 – 29	161

Figura 118 – peça 289 – 96	161
Figura 119 – peça 289 – 26	162
Figura 120 – peça 289 – 532	163
Figura 121 – peça 289 – 321	163
Figura 122 – peça 289 – 38	164
Figura 123 – peça 289 – 05	165
Figura 124 – peça 289 – 12	165
Figura 125 – peça 289 – 438	166
Figura 126 – peça 289 – 763	167
Figura 127 – peça 289 – 540	167
Figura 128 – peça 289 – 874	168
Figura 129 – peça 289 – 179	169
Figura 130 – peça 289 – 908	169
Figura 131 – peça 289 – 432	170
Figura 132 – peça 289 – 364	171
Figura 133 – peça 289 – 743	171
Figura 134– Análise perceptiva dos Sítios Arqueológicos em Topo Interflúvio	177
Figura 135 – Análise perceptiva dos Sítios Arqueológicos em Topo Interflúvio	177
Figura 136 – Análise perceptiva dos Sítios Arqueológicos em Cascalheira	179
Figura 137 – Análise perceptiva dos Sítios Arqueológicos em Cascalheira	179
Figura 138 – Análise perceptiva dos Sítios Arqueológicos em Terraço Fluvial	181
Figura 139 – Análise perceptiva dos Sítios Arqueológicos em Terraço Fluvial	181
Figura 140 – Análise perceptiva dos Sítios Arqueológicos em Pavimento Detrítico	183
Figura 141 – Análise perceptiva dos Sítios Arqueológicos em Pavimento Detrítico	183
Figura 142 – Análise perceptiva dos Sítios Arqueológicos em Areas	185
Figura 143 – Análise perceptiva dos Sítios Arqueológicos em Areas	185

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Amostras de sedimentos datadas por LOE em 2011, Sondagem controlada 1 .	117
Tabela 2: Amostras de sedimentos datadas por LOE em 2012, Quadrícula C3.....	118
Tabela 3: Amostras de sedimentos datadas por LOE em 2012, Quadrícula F1	118
Tabela 4: Comunicação Sensorial	176
Tabela 5: Comunicação Sensorial	178
Tabela 6: Comunicação Sensorial	180
Tabela 7: Comunicação Sensorial	182
Tabela 8: Comunicação Sensorial	184

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Classificação geral da coleção Santa Clara.....	119
Gráfico 2 - Quantidades das matérias primas utilizadas para o lascamento no sítio Santa Clara.....	120
Gráfico 3 - Quantidade das granulações dos arenitos silicificados lascados.....	120
Gráfico 4 - Morfologia dos retoques.	123
Gráfico 5 - Inclinação dos gumes retocados.....	123
Gráfico 6 - Face do instrumento com traços de uso.	125
Gráfico 7 - Partes ativas dos instrumento com traços de uso.	126
Gráfico 8 - Formato das lascas.	127
Gráfico 9 - Tipos de Talão.....	129
Gráfico 10 - Tipos de Bulbo.....	130

SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS	9
LISTA DE TABELAS	13
LISTA DE GRÁFICOS.....	14
CAPÍTULO 1	21
1.1 Revisando as Tradições Líticas no Sudoeste do Rio Grande do Sul e Noroeste Uruguaio.....	21
1.1.1 Pré-História no Sudoeste do Rio Grande do Sul.....	21
1.1.2 Pré-História no Noroeste Uruguaio.....	23
1.1.3 A Indústria <i>Catalanense</i>	26
1.1.4 A indústria <i>Cuareimense</i>	33
1.1.5 A Tradição Umbu.....	37
1.1.6 O Paleoíndio no Rio Grande do Sul.....	39
1.1.7 Fase Ibicuí	40
1.1.8 A Fase Uruguai.....	41
1.1.9 O Paleoíndio no Uruguai.....	42
1.2 Os Complexos Arqueológicos no Sudoeste do Rio Grande do Sul.....	44
1.2.1 O Complexo Areal	44
1.2.2 O Complexo Itaqui	48
CAPÍTULO 2	50
2.1 A Paisagem Regional de Quaraí e os Modelos Arqueológicos.....	50
2.1.1 A Vegetação	51
2.1.2 O Clima	52
2.1.3 A Questão Geológica	52
2.1.4 A Geomorfologia da Cuesta do Haedo	54
2.1.5 A Remobilização dos Solos Arenosos	55
2.1.6 Um Sítio Arqueológico no meio de um “Deserto”	56
2.2 Ocupando Espaços a partir do Modelo Locacional de Lemes (2008).....	57
2.3 Ligados à função morar	58
2.4 Ligados à função extrativa.....	58
2.5 Sítios Arqueológicos evidenciados a partir do Modelo Locacional determinado por Lemes (2008).....	58
2.5.1 Sítios em Topo de Interflúvio.....	60

2.5.2 Sítios em Terraço Fluvial	62
2.5.3 Sítios em Cabeceira de nascente	64
2.5.4 Sítios em Pavimento Detrítico.....	65
2.5.5 Sítios em Cascalheira	66
2.5.6 Sítios em Arenito Remobilizado	66
CAPÍTULO 3	68
3.1 Arqueologia da Paisagem e a Ciência dos Fenômenos: Desconstruindo Modelos ...	68
3.1.1 Contribuições Fenomenológicas para pensar Arqueologia.....	68
3.1.2 A Fragmentação do Conhecimento	69
3.1.3 Alguma Metodologia.....	71
3.1.4 A Oposição Entre Sujeito e Objeto na Arqueologia	75
3.1.5 Paisagem Arqueológica como Engajamento: Tim Ingold e a <i>Dwelling Perspective</i>	77
3.1.6 Paisagem Habitada	83
CAPÍTULO 4	86
4.1 Teorias Técnica e Tecnológica e sua Aplicação na Arqueologia.....	86
4.1.1 André Leroi-Gourhan: O início das abordagens Tecnológicas.....	86
4.1.2 Gilbert Simondon e a Gênese dos Objetos.....	87
4.1.3 Pierre Rabardel e a Antropologia das Técnicas	90
4.1.4 Cadeia Operatória e o domínio da técnica Francesa	92
4.1.5 O caminho para a Essência da Técnica	93
4.1.6 O Conceito de Tecnologia para Val Dusek.....	95
4.1.7 Fenomenologia no estudo da Tecnologia para Don Ihde.....	96
CAPÍTULO 5	99
5.1 Sobre o Lugar e Suas Coisas e Substâncias.....	99
5.1.1 O Sítio Arqueológico Santa Clara.....	100
5.1.2 Aspectos Físicos do Sítio Arqueológico Santa Clara.....	101
5.1.3 As escavações no Sítio Arqueológico Santa Clara.....	104
5.1.4 As campanhas de campo no Sítio Arqueológico Santa Clara	107
5.1.5 Estratigrafia e cronologia do Sítio Arqueológico Santa Clara	114
5.1.6 Aspectos morfológicos e quantitativos da coleção revelada.....	119
5.1.7 Os núcleos da coleção	131
5.1.8 O método <i>Kombewa</i>	132
5.1.9 As substâncias reveladas e percebidas no Sítio Arqueológico Santa Clara .	136

5.1.10 Substâncias líticas	138
5.1.11 Paisagens reveladas	172
CONCLUSÃO.....	187
REFERÊNCIAS	191

INTRODUÇÃO

A maioria das doenças que as pessoas têm
 São poemas presos.
 Abscessos, tumores, nódulos, **pedras são palavras
 calcificadas,**
 Poemas sem vazão.
 (...).
 Pessoas às vezes adoecem da razão
 De gostar de **palavra presa.**
Palavra boa é palavra líquida.

(MOSÉ, Viviane. Pensamento Chão. Rio de Janeiro Sete Letras 2001).

A pesquisa desta tese tem como tema fundamental a compreensão perceptiva do material lítico lascado derivado das cinco campanhas de campo realizadas entre os anos de 2009 e 2013 no Sítio Arqueológico Santa Clara. O Sítio Arqueológico Santa Clara está localizado a aproximadamente 30 km da cidade de Quaraí, próximo a fronteira com o Uruguai. A coleção é composta por 989 peças líticas que estão relacionadas a grupos de caçadores-coletores estabelecidos na região há pelo menos desde o final do Pleistoceno.

Podemos dizer que o Sítio Arqueológico Santa Clara evidencia-se dos demais por ser um dos raros sítios arqueológicos estratificados e datados na região. As datações conseguidas pelo método de LOE (Luminescência Opticamente Estimulada) para o sítio proporcionaram um horizonte ocupacional localizado entre **12.870 ± 2.050 e 2.135 ± 330** anos antes do presente.

Historicamente, o material lítico da região foi relacionado a grupos pré-cerâmicos de caçadores-coletores declarados na literatura arqueológica uruguaia como não especializados (sem pontas de projétil), sendo eles referenciados nas indústrias líticas *Catalanense* e *Cuareimense* ou, então aos chamados caçadores-coletores especializados, estes sim possuidores de pontas de projéteis líticas e mais conhecidos no Brasil como Tradição Arqueológica Umbu.

Passados alguns meses depois de muitas leituras, apareceram outras indagações, intenções e aspirações que não estavam mais relacionadas a entender o Sítio Arqueológico Santa Clara por este viés de **especializados versus não especializados**. Grande parte deste entusiasmo surgiu pelas leituras e pelas discussões geradas nas aulas sobre cultura material com o professor Klaus Hilbert. Os problemas anteriores e os objetivos da pesquisa adotaram outras direções. Então o que organizamos e apresentamos agora é, neste sentido, fruto de

indagações em torno do que é a arqueologia e qual a sua essência enquanto ciência. Com essas e outras preocupações apresentamos abaixo um estudo de caso abrangendo o Sítio Arqueológico Santa Clara.

Desta maneira, a partir das análises feitas primeiramente das substâncias líticas e posteriormente, dos espaços e lugares dos sítios arqueológicos ora em estudo, notamos uma variabilidade morfológica entre os instrumentos que pode ser resumido no seguinte questionamento:

→ A variabilidade perceptiva observada nas coleções já resgatadas e analisadas por Lemes (2008) seriam resultados de táticas de um ou vários grupos de caçadores coletores com percepções diferentes? Seriam eles portadores de uma mesma **TRADIÇÃO TECNOLÓGICA** e cuja produção lítica era motivada para atender a diversas tarefas? Ou este procedimento de aquisição de conhecimento pode também ser percebido como um produto da ação e da vivência dos indivíduos no mundo?

Assim traçamos como objetivo principal deste trabalho buscar discutir a ligação da arqueologia com a fenomenologia da percepção e da tecnologia, onde as coisas e as substâncias estariam relacionadas de maneira holística com todo o contexto regional da área estudada.

Dentro deste aspecto, os objetivos específicos seriam:

→ Avaliar os contatos perceptivos e corporais que compõem o lugar e as substâncias estudadas.

→ Entender como as substâncias arqueológicas e espaços dos sítios ainda interferem no dia a dia das pessoas, seja por populações antigas, quanto por indivíduos contemporâneos, como os arqueólogos.

→ Definir como as coisas arqueológicas são entendidas por arqueólogos.

→ Entender como os caçadores-coletores ocuparam os espaços arqueológicos da campanha gaúcha.

Também daremos ênfase para as análises relacionadas ao conceito de técnica e tecnologia em arqueologia. Dentro desta perspectiva, utilizaremos a fenomenologia de Heidegger que, em 1953, buscou formular uma resposta para essas questões no seu ensaio “*A questão da técnica*” gerada de uma conferência proferida na Escola Superior Técnica de Munique.

Buscaremos também aproximar a discussão de alguns conceitos básicos da fenomenologia que se tornam necessários para nossa experimentação da paisagem no Sítio Arqueológico Santa Clara, tais como espaço, lugar, coisas e substâncias.

Pensando então o termo lugar enquanto um local onde elementos da experiência do corpo no espaço se organizam e dão sentido à relação entre as coisas e a paisagem, passamos a considerar os sítios arqueológicos como experiências sociais carregados de simbologia. Assim, espaço seria socialmente produzido, como afirma Tilley (1994, p. 11) *“It follows that the meanings of space always involve a subjective dimension and cannot be understood apart from the symbolically constructed lifeworlds of social actors.”* O que podemos perceber então é que não haveria um espaço, mas espaços, que combinariam os meios cognitivos, físicos e emocionais. Por envolverem esta dimensão cognitiva então os espaços seriam definitivamente pensados.

Ainda de acordo com Tilley (1994), um espaço pode ser construído e reproduzido, o que não quer dizer que ele não esteja aberto a transformações e mudanças. Ele não possui essência constitutiva própria, somente existe a partir das relações entre pessoas, substâncias e coisas. Um lugar é sempre o lugar de alguma coisa. Por este motivo, não pode ser considerado universal, ele é determinado, ele é plural e assim entendido e experimentado de formas diferentes por diferentes indivíduos ou sociedades.

Dessa forma, percebemos que o corpo no espaço é uma ferramenta essencial da vivência humana e, portanto, não há substituto para a experiência pessoal (TILLEY, 2008). Um espaço, sendo ele sólido como a terra ou líquido como a água, percebido dessa maneira, torna-se significativo em virtude do seu envolvimento em mundos vividos. **Ingold (2002) afirma que cada lugar adquire uma significância única através do engajamento das pessoas com o mundo.**

Experiencing the landscape allows insights to be gained through the subject observer's immersion in that landscape. This is to claim that landscapes have agency in relation to persons. They have a profound effect on our thoughts and interpretations because of the manner in which they are perceived and sensed through our canal bodies. We cannot, therefore, either represent or understand them in any way we might like (TILLEY, 1994, p. 271).

Então, o espaço fornece o contexto para a existência do lugar, mas seus significados vão derivar dos significados com que os lugares são preenchidos. Não pode haver espaços sem lugares. As pessoas estão imersas no lugar, que é o contexto das experiências humanas construídas através de movimentos, memórias, encontros e associações. Identidades pessoais

e culturais são criadas nos lugares, assim como experiências geográficas, que se inicia em um lugar, se estendem a outros através dos espaços e criam paisagens ou regiões pela experiência humana (TILLEY, 1994).

Temos em mente então que lugares não são apenas aqueles onde há vestígios materiais da presença humana. Por isso, nossa experimentação vai além de espaços visivelmente transformados e habitados, pois procuramos perceber as relações que podem ocorrer com o clima e a paisagem apreendida pela visão, uma vez que lugares existem quando relações de significação são estabelecidas.

Já no que diz respeito aos vestígios arqueológicos enquanto **coisas** existem muitas formas de abordar teoricamente as coisas na arqueologia. Dentre as múltiplas possíveis, destacamos a que conceitua a cultura material enquanto uma entidade ativa e carregada de significados.

Desta maneira, o que nós pensamos é que, a cultura material corporifica as relações humanas com a natureza e com os elementos que a formam, como as substâncias que podem ser parceladas e que apresentam tendências subjetivas e inclinações simbólicas. São estruturas materiais complexas às quais muitas propriedades podem ser atribuídas e que, geralmente, são associadas com valores específicos que as conferem definições sociais (BISINELLA, 2011).

Através da superfície estabelecem-se as primeiras relações comunicativas entre objeto e sujeito. Os olhos, esses órgãos da distância, avaliam o brilho, a rugosidade, a pátina do objeto. As mãos aproximam-se, as pontas dos dedos percebem a superfície da peça. Algumas substâncias respiram, absorvem seu entorno, outras não respiram. Substâncias basálticas, areníticas, graníticas, madeira, cerâmica estão em constante intercâmbio com seu entorno, absorvem o ambiente. Essas substâncias contam histórias, incorporam histórias. Outras substâncias, como as cristalinas, silicosas, as ágatas, os quartzos parecem inalteradas. Suas superfícies são lisas, brilhantes, repelentes, as marcas, as impressões digitais são removíveis. Essas substâncias parecem sempre novas (HILBERT, 2007, p. 24).

É nisso que queremos nos debruçar nesta tese, no sentido tátil, referente ao toque e movimento das coisas, das substâncias, aquele que tem relação direta com o corpo e com o meio. Logo, o contato físico é capaz de criar um vínculo essencial entre as pessoas e o mundo ao seu redor.

De acordo com Bisinella (2011), apesar de tocar a todo o momento nas coisas, ao analisá-las, sentindo suas texturas, suas marcas, suas quebras, a maioria dos arqueólogos não se deixa levar por essa forma íntima de contato em suas pesquisas sobre o passado. Portanto, para se chegar a conclusões como essa, é preciso fechar os olhos e partir para novas percepções corporais.

Acreditamos realmente que os movimentos acompanham nosso acordo perceptivo com o mundo e especialmente com a cultura material. Situamo-nos nas coisas e nas substâncias dispostos a habitá-las e integrá-las ao nosso ser.

Então para dar encaminhamento a esta pesquisa, trataremos das coisas antigas, designadas arqueológicas, buscando compreender como elas se tornaram velhas. Procuramos entender a metáfora da clareira para perceber a escavação como um lugar de revelação e, conseqüentemente entender suas coisas e suas substâncias. Assim buscamos perceber as substâncias como uma ocupação para os sentidos do corpo humano. Hann & Soentgen (2010) argumentam que se almejamos olhar para o conteúdo de que uma coisa é composta, devemos encurtar a distância dela, observando-a e tateando-a com atenção, distinguindo sua microestrutura formativa e assim buscar revelar sua verdadeira essência formativa. Dessa maneira, esta tese tentará elucidar estas questões baseando-se, sobretudo na fenomenologia. Portanto, boa leitura a todos!

CAPÍTULO 1

1.1 Revisando as Tradições Líticas no Sudoeste do Rio Grande do Sul e Noroeste Uruguaio.

Buscando elucidar determinadas aflições que acarretaram à confecção de uma tese de doutorado voltada ao estudo fenomenológico da tecnologia e da percepção lítica, julgamos fundamental construir uma revisão bibliográfica que debata como foram construídas e interpretadas as indústrias líticas das regiões sudoeste do Rio Grande do Sul e noroeste do Uruguai. Ponderando que o Sítio Arqueológico Santa Clara está inserido próximo à fronteira com o Uruguai acreditamos então que seja necessário revisar arqueologicamente ambos os lados da fronteira.

Como poderemos ver na sequência deste capítulo, é notório que os empenhos classificatórios mais minuciosos foram realizados pelo arqueólogo Antônio Taddei a partir dos trabalhos de campo realizados no *Arroyo Catalán Chico*, localizados no Uruguai. Já no Brasil, mais especificamente na fronteira oeste do Rio Grande do Sul, ainda não possuímos nenhum tipo de classificação mais sistemática que deem conta da variabilidade tecnológica e específica da cultura material existente na região.

Dentro desta perspectiva, buscou-se neste capítulo, esquematizar um cenário que observasse as principais informações particulares do material lítico da região, com o desígnio de harmonizar uma conexão de dados das Indústrias e Tradições Líticas dos dois países ora em estudo.

1.1.1 Pré-História no Sudoeste do Rio Grande do Sul

Podemos dizer que o estado do Rio Grande do Sul foi cenário de várias investigações arqueológicas entre os anos de 1965 e 1971 com o objetivo de estabelecer um perfil espacial e cronológico dos testemunhos arqueológicos, bem como sua adaptação ao meio ambiente (SCHMITZ, 1982).

Como resultados destas pesquisas, as indústrias líticas descobertas foram classificadas sob uma óptica polarizada baseada principalmente em aspectos tipológicos e geográficos como critérios distintivos de duas englobantes tradições, que ficariam conhecidas na literatura arqueológica como Umbu e Humaitá (SCHMITZ, 1982; KERN, 1981; RIBEIRO, 1990). Enquanto a Tradição Umbu se caracterizaria pela ocupação de áreas de campos abertos e teria

como artefato mais característico as pontas de projétil pedunculadas, a Humaitá se concentraria nas áreas de floresta subtropical e seria caracterizada pela presença de grandes artefatos bifaciais (SILVA, 2014).

Como podemos ver em Silva (2014), a elaboração destas Tradições, guarda certo paralelismo com as indústrias uruguaias ao empregar como critério distintivo a presença ou ausência de pontas de projétil, especialmente no que diz respeito à Tradição Umbu e os caçadores superiores, analisadas por muitos, como Bórmida (1964) e Ribeiro (1990), indústrias de vinculação patagônicas. Enquanto a Tradição Umbu teria um horizonte temporal situado entre 11.500 e 300 A.P., a tradição Humaitá estaria posicionada entre 8.700 e 1.130 anos A.P. (HOELTZ, 2005, p. 10).

Ainda dentro deste contexto de dualidade, teríamos o reconhecimento de uma terceira tradição, a Paleoindígena de Miller (1987), subdividida em fase Ibicuí e Uruguai. Ribeiro (1990), Kern (1981), Schmitz (2006) e Noelli (2000) encontram na Fase Uruguai a origem da Tradição Umbu, contudo, Milder (2000, p. 80) assegura que ambas seriam visivelmente distintas no tocante a ambientes e tecnologia, e que os pesquisadores ao criarem este tipo de correlação acabariam não fazendo as revisões corretas das mesmas.

De acordo com Silva (2014), outra questão que merece ser ressaltada é a ocorrência de sítios integrados às indústrias líticas típicas do Uruguai no lado brasileiro da fronteira. Muitos autores como Rambo (1957), Schobinger (1969), Taddei & Fernández (1982), Ribeiro & Feris (1984), Ribeiro, Feris & Herberts (1994), Milder (1994, 1994b, 2000, 2003) e Lemes (2008) asseguram a existência de sítios do *Catalanense* nos municípios de Quaraí, Alegrete e Uruguaiana, o que comprova uma realidade arqueológica mais complicada para a região, bem como os perigos de deixar as atuais fronteiras se sobreporem ao registro arqueológico.

Figura 1 - Típico Sítio Arqueológico *Catalanense* localizado em Quaraí



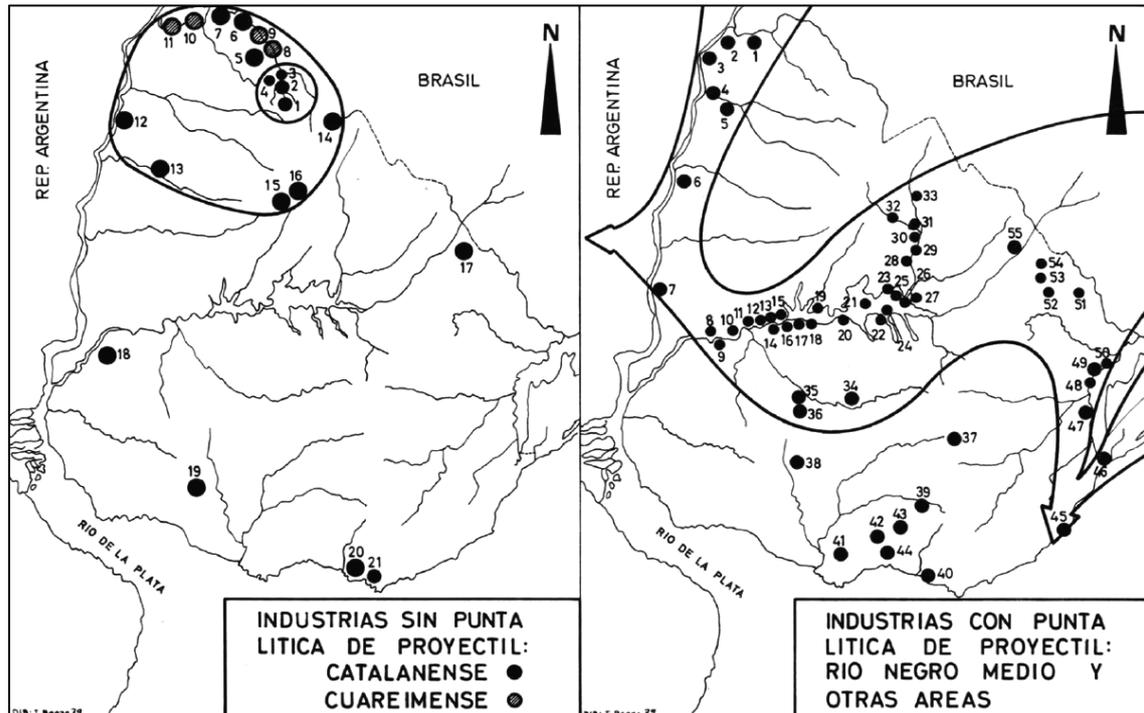
Fonte: LEPA-UFSM.

Conforme Silva (2014), tal complexidade permanece, em nível nacional relativamente desconhecida. Isso pode ser compreendido ao lermos as amplas sínteses que ambicionam dar conta da pré-história brasileira, como Prous (1992; 2012) e Pallestrini & Morais (1982), ou ainda, em um nível mais regional, como Schmitz (2006) e Noelli (2000), que não fazem sequer alusão aos problemas aqui debatidos e que permanecem, até certo ponto, sem serem solucionados.

1.1.2 Pré-História no Noroeste Uruguaio

Segundo Silva (2014), o território uruguaio foi dividido em duas áreas com base em suas indústrias líticas, uma localizada no centro-sul e outra na região noroeste do país. O limite dessas áreas seria relativamente permeável, e desdobrar-se-iam entre os Departamentos de *Salto*, *Tacuarembó* e *Cerro Largo*.

Figura 2 – Divisão das indústrias líticas de caçadores-coletores para o Uruguai



Fonte: Taddei (1987).

Na primeira região (conforme a figura acima), ficariam reunidos os conjuntos líticos catalogados nos chamados caçadores inferiores ou não especializados, possuidores supostamente de uma baixa tecnologia concebidos pelas simbólicas indústrias *Catalanense* e *Cuareimense*. Enquanto que, na segunda, localizam-se as evidências dos ditos caçadores superiores ou especializados, com pontas de projétil (BÓRMIDA, 1964; TADDEI, 1987).

Para Cabrera Pérez (2011), pode-se assegurar que assim como aconteceu no sul do Brasil, o desenvolvimento do estudo da arqueologia pré-histórica no Uruguai aconteceu também de maneira bastante fragmentada, encontrando-se repletas de lacunas em periódicos de determinadas localidades, de maneira que a narrativa dos estudos da pré-história uruguaia confunde-se com a própria história da disciplina no país.

Quanto à classificação dualista estabelecida para as indústrias líticas uruguaias, Hilbert (1991) afirmará que não existem provas conclusivas que atestem a antiguidade das indústrias pré-pontas no Uruguai, pois todas as datações antigas conseguidas pelo método C14 estão integradas às tradições de caçadores-coletores com pontas de projétil, o que poderia sugerir um desenvolvimento paralelo de ambas (1991, p. 140).

Já no início dos anos 2000 irá surgir uma tendência americana coordenada por Suárez (2003, 2010), onde o autor considerará que os sítios da região do arroio *Catalán Chico* seriam

na verdade sítios de obtenção de matéria prima, relacionados com os sítios residenciais no médio rio Uruguai. Suárez (2010), tem se sobressaído na revisão das indústrias líticas do noroeste do Uruguai e uma de suas fundamentais metas é acabar com a visão micro, até então dominante, e praticar uma arqueologia de tendência regional, que leve em conta a territorialidade de tal modo como as diferentes categorias de utilização do espaço pelos caçadores-coletores na paisagem (SUÁREZ, 2010b).

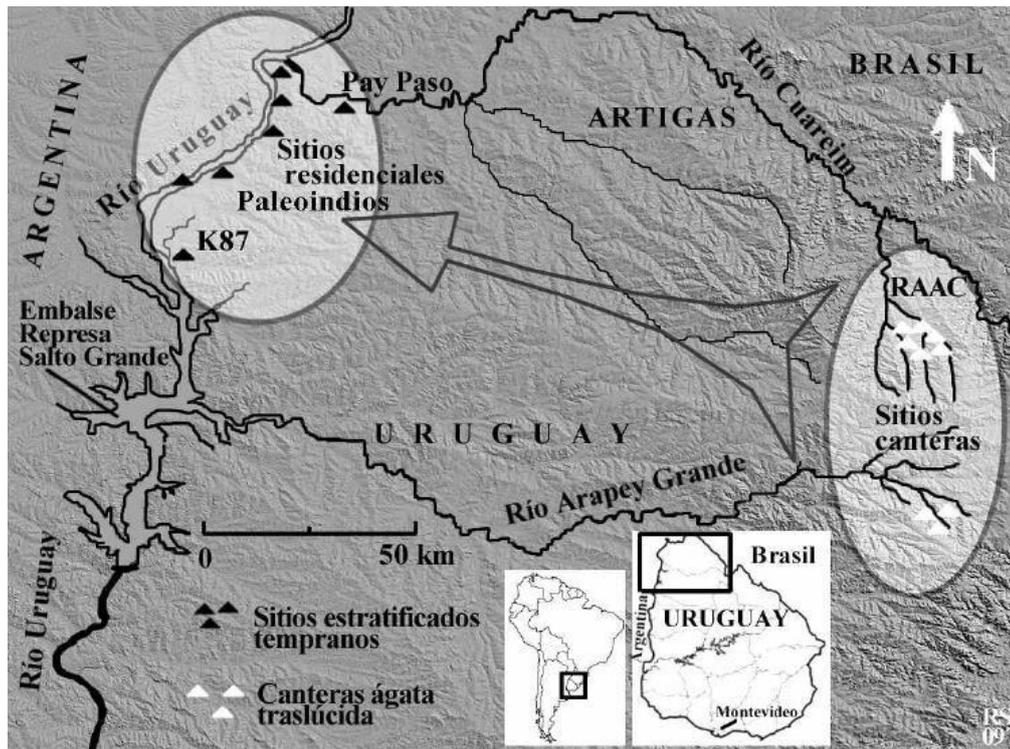
Conforme Silva (2014), Suárez será um dos principais pesquisadores a tentar romper de maneira drástica com os modelos estabelecidos até então, criticando até mesmo a existência de indústrias como o *Catalanense* e *Cuareimense*, que segundo a opinião do próprio autor não passariam de unidades abstratas criadas pelos antigos arqueólogos. Para Suárez (2010), existiria uma afinidade entre os conjuntos de sítios do médio rio Uruguai e do Quaraí inferior com aqueles clássicos sítios dos arredores do Arroio *Catalán Chico*. Estes últimos, devido a sua fatura de rochas com boa capacidade para o lascamento, sobressaindo-se o arenito silicificado e a ágata translúcida, tratar-se-iam na verdade de *canteras-talleres*, e conseqüentemente, poderiam integrar um núcleo de circulação de matéria prima em escala regional para contextos arqueológicos da Argentina e sul do Brasil (SILVA, 2014, p. 21).

Então, essas *canteras-talleres* não se estabeleceriam apenas nos arredores do Arroio *Catalán Chico*, mas se ampliariam ao longo de uma faixa de quase 80 km de comprimento por 30 km de largura, desde a foz do Arroio *Catalán Grande* até os mananciais do Rio *Arapey Grande*, sendo este limite denominado de *Región Arqueológica Catalanes-Nacientes Arapey* (RACNA) (SUÁREZ, 2010b, p. 47).

Já os sítios encontrados no Médio Uruguai e Quaraí inferior, como o *Pay Paso* e o *K87*, Suárez assegura que se trataria de sítios residenciais ou logísticos, que exibiriam artefatos bifaciais manufaturados em ágata translúcida em estágios de adelgaçamento secundário, o que atestaria a alta mobilidade desses grupos, e reforçaria a hipótese dos sítios da chamada “RACNA” serem *canteras-talleres*, onde seriam encontrados bifaces em estágios iniciais de produção, sendo estes bastante espessos e apresentando acidentes de lascamento, que indicariam seu abandono (SILVA, 2014, p. 15).

A partir destes elementos, Suárez argumenta que isto atestaria um transporte de matéria prima entre a “RACNA” e os sítios logísticos do Médio Uruguai e do Quaraí Inferior, o que exigiria um deslocamento de 140 e 170 km (SUÁREZ, 2010b, p. 60).

Figura 3 - Circulação de matéria prima da "RACNA" ao médio Rio Uruguai



Fonte: Suárez (2010b).

Tendo em vista então o cenário apresentado, será traçado um perfil das diversas Indústrias, Tradições, Fases e Complexos Arqueológicos que foram propostos para a região em debate, dispendo-se a contextualizá-la arqueologicamente e tecnologicamente, como base para as discussões dos capítulos seguintes.

1.1.3 A Indústria *Catalanense*

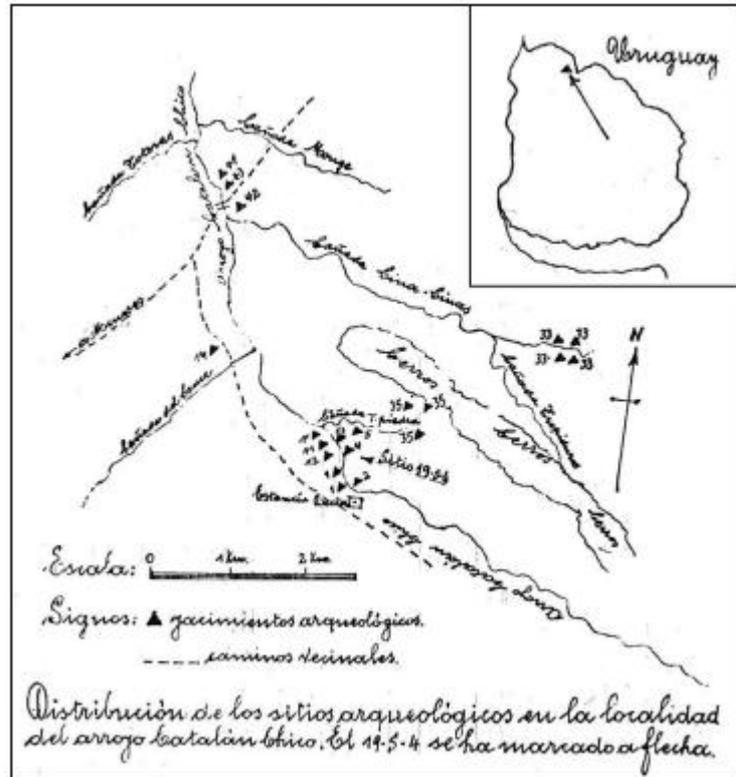
A indústria *Catalanense* foi revelada em 1955 pelo arqueólogo Uruguaio Antônio Taddei, em uma expedição de campo preparada pelo Laboratório de Geografia Física e Biologia, da Faculdade de Humanidades e Ciências do Uruguai, com o desígnio de estudar a geomorfologia e a vegetação do Departamento de *Artigas* (CHEBATAROFF, 1961, p. 78).

Taddei iria encontrar um conjunto de sítios que mais tarde seriam internacionalmente conhecidos como Indústria *Catalanense*. Seu trabalho de investigação durou mais de 30 anos, e lhe rendeu publicações de relevância científica, reconhecidas tanto na América como na Europa (SUÁREZ, 2010).

Em uma área de aproximadamente 27 km², em *Cuchilla Belém*, Taddei encontrou dezessete sítios nos arredores da nascente do Arroio *Catalán Chico* e que incluiriam, apenas em sua coleção, mais de 19.900 peças líticas. Os resultados das primeiras análises foram

apresentados no 33º Congresso Internacional de Americanistas na Costa Rica (TADDEI, 1987; HILBERT, 1994).

Figura 4 - Localização dos sítios do Catalanense



Fonte: Taddei & Fernández (1982).

Figura 5 - Arroio Catalán Chico

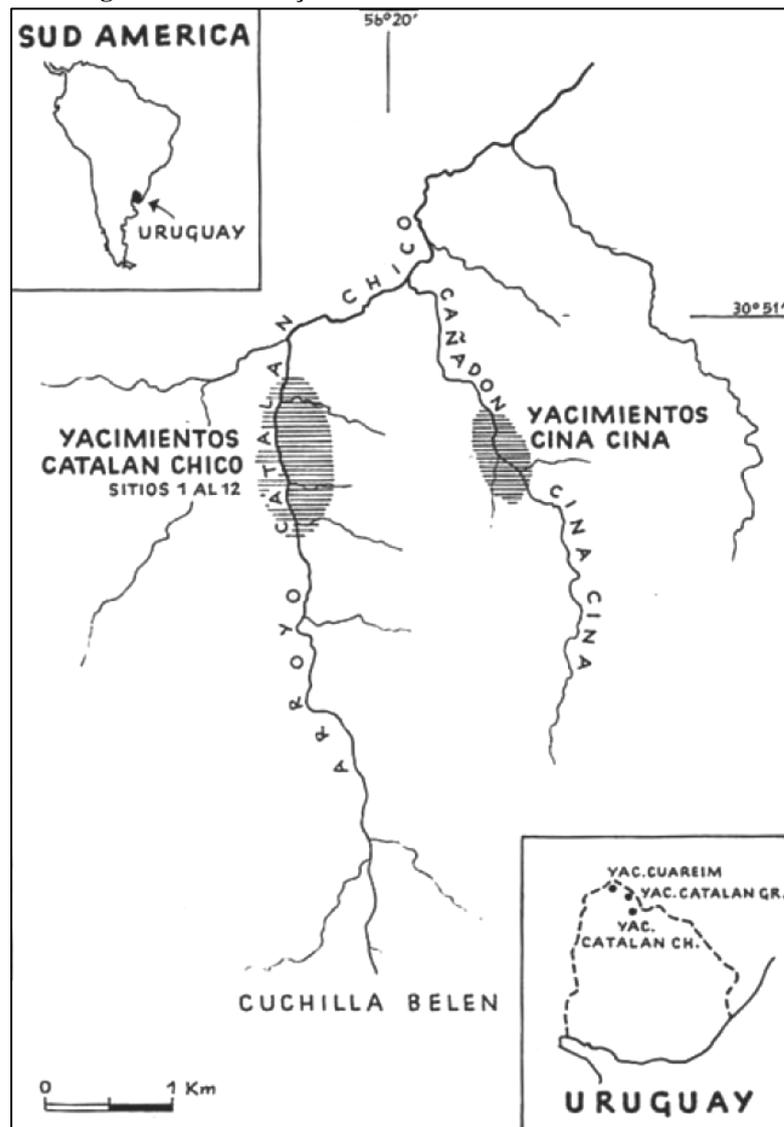


Fonte: Silva (2014).

De acordo com Silva (2014), estes sítios também apareceriam no lado brasileiro e conforme afirma Milder (2000), seriam encontrados nos municípios de Alegrete, Quaraí e

Uruguaiana, sendo um exemplo disso, os sítios descobertos pelo Padre Balduino Rambo na década de 40 em Quaraí junto à foz da sanga do *Nhanduvai* no rio Quaraí-Mirim, nas proximidades do Cerro do Jarau (RAMBO, 1957; 2014). No entanto, Schobinger (1969, p. 91) considerava que os sítios descobertos pelo naturalista B. Rambo seriam na verdade idênticos aos do *Catalanense*, porém com instrumentos sobre lasca e com retoques mais apurados.

Figura 6 - Localização dos sítios da indústria *Catalanense*



Fonte: Cabrera Pérez (2011).

Para Taddei (1987), esta indústria tradicionalmente foi classificada como pré-cerâmica, e relacionada a caçadores-coletores, que não teriam pontas de projétil líticas em seus inventários, o que lhe atribuiria uma aparência bastante primitiva ou mesmo tosca. Porém, como nos mostra Silva (2014), quando as pontas se faziam presentes, os autores

recorriam comumente a esclarecimentos externos. Ora eram contextos arqueológicos distintos que se embaralhavam (um de grupos com pontas e um de grupos sem pontas), ora por contato de populações em períodos mais recentes. Um exemplo deste tipo de entendimento pode ser percebido no caso do Sítio 35-S-Perdices coletado por Taddei onde:

(...) al que hemos siglado 35-S-Perdices, entre sus 2621 piezas recogidas en un área concreta de 85 x 45 m aproximados, creemos que ha sido el producto de un grupo “catalanense” influenciado en buen grado por los cazadores superiores, puesto que entre los muestreos allí efectuados hemos recogido: siete puntas de proyectil líticas pedunculadas con aletas (seis completas y una fragmentada) y 34 puntas de proyectil líticas apedunculadas (10 completas, lanceoladas y foliáceas de base convexa y 24 fragmentadas de las que 11 son distales y 13 bases convexas).(...) Pensamos que en este caso particular del sitio 35-S Perdices, en una etapatransicional de sus ergologías, los “catalanenses” han tenido reales contactos, elaborando entonces puntas de proyectil líticas. La mayoría de ellas son de tosca factura y asimétricas, y parecen ser el producto de una talla inhábil, pero ejecutadas ya sobre bifaces delgados (TADDEI, 1987, p. 68).

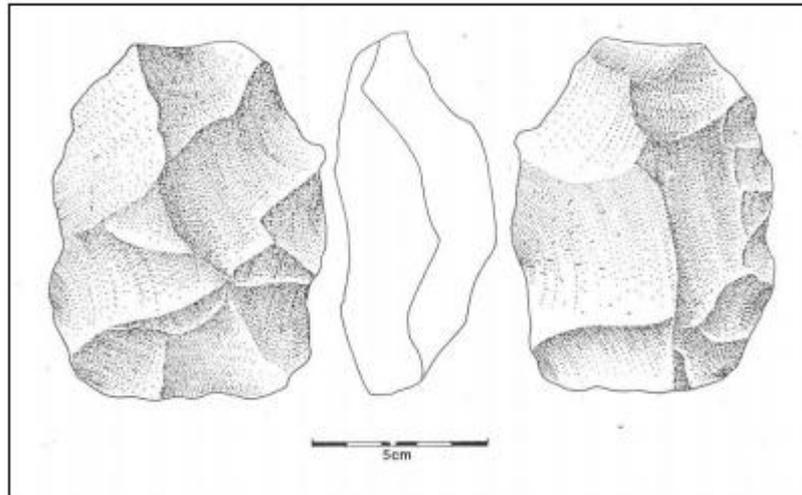
A matéria prima para o lascamento era composta toda de origem local, sendo utilizado majoritariamente o arenito silicificado (99%) e em menor proporção à calcedônia (1%) (TADDEI, 1987; BÓRMIDA, 1964; HILBERT, 1991; MILDNER, 2000).

Quanto aos aspectos técnicos, Silva (2014) irá mostrar que os autores irão divergir consideravelmente de opinião. De fato, cada tentativa de síntese levava a uma nova gama de atributos e tipos supostamente característicos. Pois para Taddei (1987), o grupo tipológico dominante seria o das *raederas* e Bórmida (1964) acreditava que seria o das *muescas* e das *puntas entre muescas*.

Para Taddei (1987, p. 66), a principal técnica de lascamento seria a percussão direta, porém, ocorreriam retoques por pressão. Contudo, o simples fato da ocorrência de retoques por pressão era interpretado pelo autor a partir de um viés evolucionista, pois Taddei assegurava que estes deveriam estar incluídos em fases mais recentes do *Catalanense*, onde aconteceria um aumento dos instrumentos ditos especializados.

Conforme Taddei (1987) e Bórmida (1964), esta seria uma indústria de lascas, onde a presença de lâminas e bifaces seriam praticamente escassas. Opostamente, Hilbert (1991; 1994) acredita que o componente mais distintivo desta indústria seria exatamente o lascamento bifacial, o que relevaria a presença de lascas com talão facetado e com negativos de orientação centrípeta. Para Hilbert, estes fragmentos seriam típicos do lascamento de núcleos discoides.

Figura 7 – Núcleo da indústria *Catalanense*



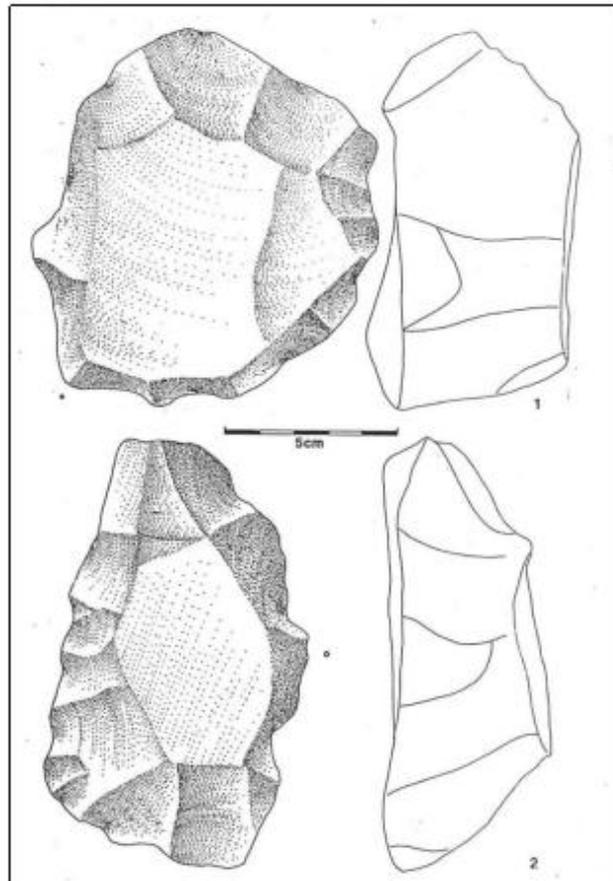
Fonte: Hilbert (1991).

Para Silva (2014), um aspecto importante de se ressaltar é que, enquanto para os dois primeiros autores, os bifaces são sinônimos de instrumentos, o segundo irá relativizar esta questão, conferindo a estes, sobretudo, a função de núcleos. E, se observarmos a própria descrição de Taddei para os instrumentos bifaciais, nos convencemos mais ainda de que talvez muitos destes seriam núcleos:

Es escaso y variable el trabajo bifacial, el cual produjo piezas en general espesas y de variada morfología. Hay entre ellos: elipsoides, cordiformes, lanceolados, circulares e irregulares. Estos bifaces han recibido retoques a percusión en casi todo su perímetro, y resultan ser, por ello, artefactos ya terminados. Tipológicamente serían raederas de filos convexos convergentes (TADDEI, 1987, p. 67).

Quanto aos outros núcleos, haveria variedades morfológicas como piramidais, poliédricos, facetados e amorfos (TADDEI, 1987, p. 67). Ainda existiria outra categoria bastante importante, assinalada por Hilbert (1991), que seriam núcleos formados sobre espessas lascas, cuja face inferior seria convertida em plano de percussão.

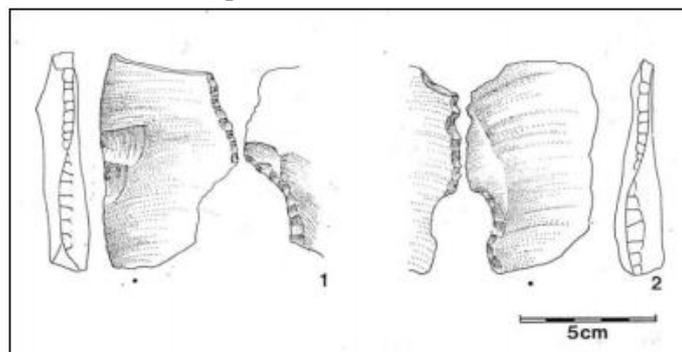
Figura 8– Núcleos sobre lasca da indústria *Catalanense*



Fonte: Hilbert (1991).

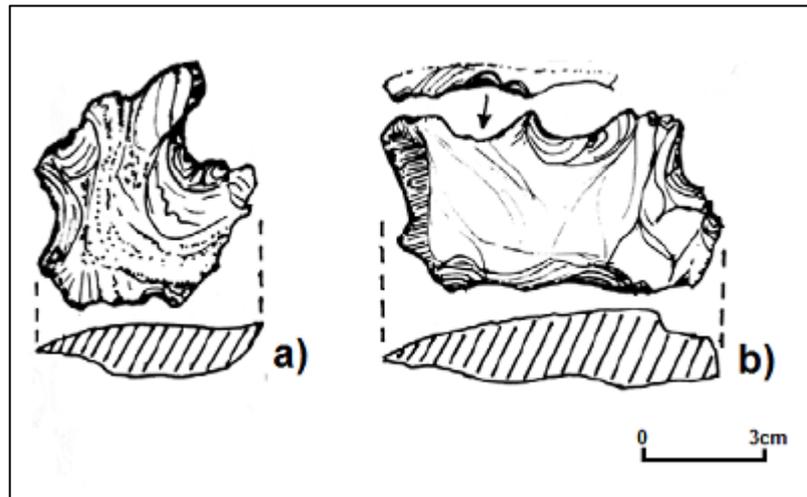
A indústria *Catalanense* exibiria uma multiplicidade apreciável de retoques (diretos, denticulados, inversos, em focinho, etc.), cujos mais peculiares seriam os de posição alterna e alternante, assim como as *muescas* e *puntas entre muescas* (TADDEI, 1987; BÓRMIDA, 1964; HILBERT, 1991, 1994).

Figura 9- Instrumentos com retoques alternantes e instrumentos com retoque em entalhe



Fonte: Hilbert (1991).

Figura 10 - Instrumentos com retoques em entalhe



Fonte: Taddei (1987).

De acordo com Silva (2014), os retoques em *muescas* podem acontecer em sua forma simples, com somente a retirada de uma lasca ou então serem compostas por uma pequena continuação de retoques que dão uma morfologia côncava. Enquanto as *puntas entre muescas* em sua definição mais clássica seriam uma espécie de perfurador entre entalhes. No entanto, Hilbert (1991, p. 10) afirma que a grande maioria dos retoques não seria intencional e muitos estariam relacionados a processos pós deposicionais.

Para Taddei, esta fatura de utensílios com retoques côncavos demonstrava o uso da madeira pelos primitivos caçadores da indústria *Catalanense*, onde os entalhes serviriam para formatizar hastes de lanças e flechas (1987, p. 67).

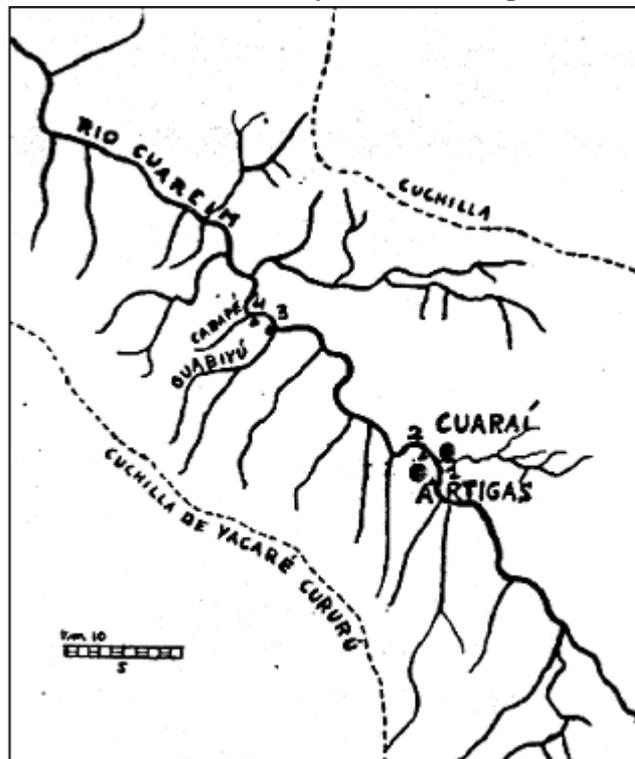
Bórmida (1964, p. 108) estabeleceu que o *Catalanense* fosse composto por quatro fases (A, B, C e D) provavelmente diacrônicas, até então pouco definidas devido à maioria dos sítios serem superficiais. Estas diferenças estariam baseadas na dimensão das peças, na metodologia de retoque criada e na presença ou ausência de certos tipos de instrumentos. Como demonstra Silva (2014), o estabelecimento das ditas fases é genuinamente especulativo, amparada exclusivamente na hipótese de M. Bórmida de que os artefatos mais antigos seriam mais toscos e maiores, enquanto que os mais recentes eram menores e mais especializados.

Para Bórmida (1964), esta indústria dataria entre 9.000 e 8.000 anos A.P. O geomorfólogo Jorge Chebataroff também realizou um estudo estratigráfico junto aos terraços do Arroio *Catalán Chico* nas porções com ocorrência de material lítico *Catalanense*, e aferiu uma antiguidade entorno dos 10.000 A.P. (1964, p. 90).

1.1.4 A indústria *Cuareimense*

O *Cuareimense*, igualmente ao *Catalanense*, seria uma indústria pré-cerâmica e com ausência de pontas de projétil. Esta indústria também se encontraria no Departamento de *Artigas* e reduzir-se-ia às margens do médio Rio Quaraí e junto aos baixos cursos de seus afluentes.

Figura 11 - 1- Rio Quaraí e seus afluentes; 2 - Sítio de Artigas;
3 - Sítio do Guabiyú; sítio do Carapé



Fonte: Bórmida (1964).

Então o *Cuareimense* é uma indústria lítica que foi encontrada no norte do Uruguai e as principais comunicações científicas foram feitas por Chebataroff (1961) e, posteriormente, foi detalhadamente discriminada por Bórmida (1964) e Hilbert (1991).

Diferentemente dos sítios do *Catalanense* que se localizariam dispersos por todo o noroeste do Uruguai, o *Cuareimense* restringir-se-ia aos arredores do rio Quaraí, ocorrendo especialmente nas barrancas voltadas para o lado brasileiro. Esta região já havia sido alvo de estudos de J. Chebataroff em 1961, entretanto tal indústria foi distinguida do *Catalanense* entre 1962 e 1964, pelo arqueólogo argentino Marcelo Bórmida, durante duas campanhas de campo ao departamento de *Artigas*, dedicadas a esclarecer problemas morfológicos e

cronológicos próprios das indústrias líticas desta região (CHEBATAROFF, 1961; BÓRMIDA, 1964; TADDEI, 1987; HILBERT, 1985, 1991, 1994).

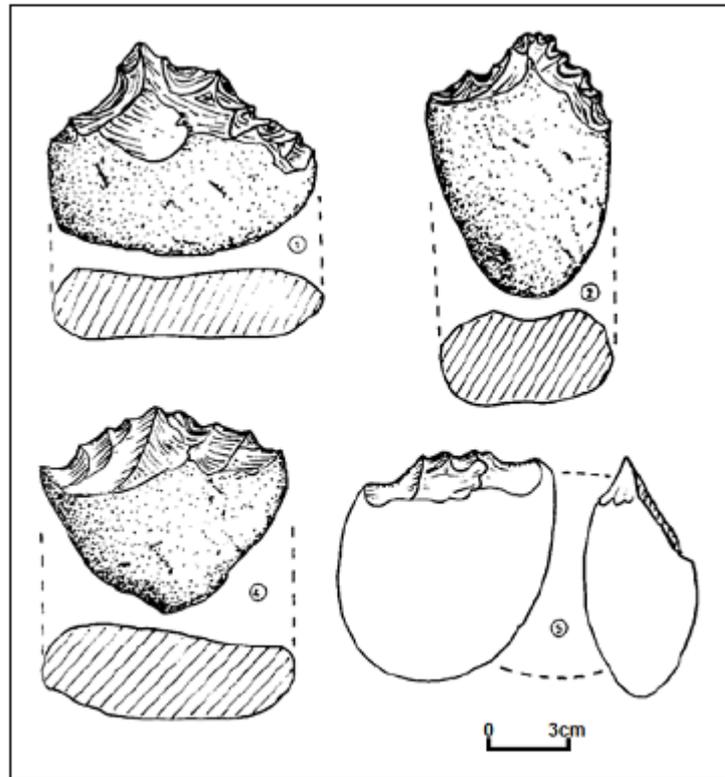
Além da posição geográfica, como demonstra Silva (2014), a principal diferença em relação ao *Catalanense*, não diz respeito tanto ao tipo de matéria prima utilizada, mas sim como ela era obtida na natureza. Enquanto que no *Catalanense* eram utilizados blocos para o lascamento, no *Cuareimense* seriam predominantemente utilizados os seixos de arenito silicificado (92%) ou basalto (8%), provenientes do rio Quaraí (BÓRMIDA, 1964; TADDEI, 1987; HILBERT, 1991, 1994).

Desta forma, Hilbert garante existir um grande problema em se diferenciar os núcleos dos instrumentos preparados em seixos, pois:

La dificultad del cuareimense se presenta en lo trabajoso que resulta distinguir entre núcleos y herramientas, ya que este contexto la definió de estos dos tipos de artefactos es, en principio, flexible. Si reconocemos como herramientas a aquellos núcleos que posteriormente recibieron retoques, entonces pudieron ser utilizado cualquiera núcleo como instrumento. Los retoques mismos no causan gran impresión: grandes, distanciados unos de otros y tallados por percusión directa, siendo Los retoques a presión desconocidos. Estas herramientas con retoques marginales, parecen haber sido utilizadas ad hoc, para cortar o cavar. Se asocian al inventario cuareimense, aquellos instrumentos nucleiformes, redondeados ovalados con finos retoques acompañando el margen de la pieza (HILBERT, 1991, p. 13).

Hilbert (1991, 1994) demonstra que os menores núcleos seriam propostos para a fabricação de instrumentos tipo *chopper*, enquanto que os de maiores dimensões seriam aproveitados na produção de núcleos. Assim, os núcleos mais típicos seriam preparados sobre grandes lascas de arenito silicificado, obtidas a partir do lascamento de seixos mais volumosos.

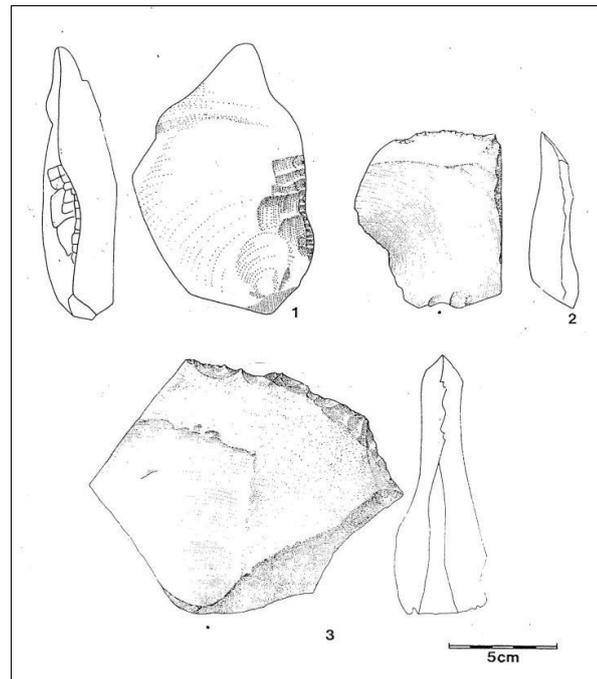
Figura 12 - Artefatos sobre seixo da indústria *Cuareimense*



Fonte: Taddei (1987).

De acordo com Silva (2014), o *Cuareimense* foi avaliado como uma indústria basicamente unifacial, cuja técnica de lascamento predominante seria a percussão direta, e as ferramentas típicas seriam nucleiformes arredondados, com finos retoques seguindo o perímetro da peça, parecendo obedecer a um padrão. Também existiriam lascas retocadas, definidas claramente como instrumentos, porém os retoques em geral eram grandes e distanciados.

Figura 13 - Instrumentos sobre lasca da indústria *Cuareimense*



Fonte: Hilbert (1991).

Outro instrumento característico do *Cuareimense* seriam as lenticulares, exibindo em sua superfície marcas de picoteamento e de abrasão, o que poderia indicar sua utilização enquanto percutor (retocador) ou então como moedor de grãos (HILBERT, 1991; 1994).

Enquanto que a maioria dos pesquisadores estava inclinada em apreciar o *Cuareimense* como uma indústria de caçadores-coletores primitivos, M. Bórmida (1964, p. 124) afirmava que esta estaria atrelada a culturas de agricultores primitivos ou protoagrícolas.

De acordo com Bórmida (1964), a indústria *Cuareimense* seria cronologicamente posterior ao *Catalanense*. Quanto a sua cronologia, o autor aferiu sua antiguidade a partir da localização dos artefatos nos terraços do rio Quaraí, trazendo como referencial cronológico a reativação erosiva das barrancas, fixada entorno de 7.000 A.P.

Segundo Silva (2014), Hilbert foi um dos poucos a realizar escavações em sítios típicos do *Cuareimense* e conseguir datações por C14. Em 1979, Hilbert realizou datações a partir de amostras de carvão e que resultaram na data de 1.560 ± 50 A.P. resultando em uma cronologia conflitante com o conceito de tradição pré-pontas de projétil, mas harmoniosa com as cronologias da tradição Humaitá.

Bórmida (1964) e Schobinger (1969), ponderavam uma aceitável relação do *Cuareimense* com a indústria Altoparanaense da Argentina por ambas serem ligadas a grupos

proto-agrícolas, mas o *Cuareimense* não teria os típicos instrumentos como os talhadores e bumerangoides.

Segundo Bórmida (1964, p. 115), esta indústria mesmo tendo uma caracterização muito peculiar, exibiria duas variantes contextuais diacrônicas denominadas, fases “A” e “B”. Silva (2014) demonstra que a demarcação destas fases essencialmente baseava-se na posição estratigráfica dos artefatos e em seus aspectos tecnológicos. Enquanto que na “Fase A” dominariam peças de maior porte, na “Fase B” seriam mais comuns às peças de menores dimensões, assim como uma maior porcentagem de artefatos preparados sobre seixos, lascas pouco espessas, pontas de projéteis e bifaces.

1.1.5 A Tradição Umbu

Salientamos a importância de sublinhar que dentre as Tradições aqui mencionadas, a Tradição Umbu é a que oferece as maiores dificuldades em sua construção, especialmente por seu caráter excessivamente universal e englobante no que se refere aos critérios de identidade e classificação.

Silva (2014) demonstra que os autores brasileiros tendem a conferir uma grande magnitude à Tradição Umbu. Alguns autores como Kern (1981) e Prous (2012) restringem a relacioná-la aos estados mais ao sul do Brasil, outros como Noelli (2000) juntam tanto o sul do Brasil quanto o território uruguaio, e por fim, ainda há aqueles como Ribeiro (1984) que acreditam em uma dispersão que vai desde o Paraná até a Patagônia argentina e da costa atlântica ao nordeste do mesmo país. Entretanto, arqueólogos que analisaram os sítios no Uruguai, como Hilbert (1991, 1994) e Taddei (1987) são mais criteriosos e evitam vinculações tão abrangentes.

Estes dois conjuntos, sob uma ótica tradicional, poderiam ser entendidos como uma mesma tradição de caçadores coletores que ocorreria em ambos os lados da fronteira e que teriam como principal objeto diagnóstico as pontas de projétil líticas, assim como as boleadeiras e "quebra-coquinhos". No sul do Brasil, estes sítios foram classificados como tradição Umbu, enquanto no Uruguai, foram associados aos ditos "caçadores especializados" (SILVA, 2014, p. 44).

Hilbert (1991, 1992) dividirá os caçadores especializados do Uruguai (estes vinculados hipoteticamente no Rio Grande do Sul à Tradição Umbu) em duas tradições. A primeira seria uma mais antiga e integrariam aqueles sítios que exibiam registros e cronologia parecidos aos da tradição paleoindígena, mas que faltariam em suas coleções as famosas

pontas rabo de peixe. E outra mais recente que exibiria um amplo paralelismo com a Tradição Umbu no Rio Grande do Sul e cujas pontas de projéteis apresentariam uma grande similitude com as patagônicas também ligadas a esta Tradição.

Este modo generalizante pode ser observado no próprio significado do termo Tradição Umbu apresentada por A. Kern: *“Le terme Tradition Umbu désigne d'une façon hypothétique tous les sites ayant des industries caractérisées par des pointes de flèche lithiques à pédoncules et ailerons trouvés dans les trois états méridionaux du Brésil”* (KERN 1981, p. 266).

Quanto às aparências técnicas, segundo Kern (1981), Ribeiro (1982) e Schmitz (2006) esta Tradição empregaria de tal maneira a percussão direta, percussão indireta, pressão e lascamento sobre-bigorna como técnicas de lascamento. Quanto aos instrumentos característicos haveria uma grande variabilidade de objetos, dentre eles:

Les outils de la Tradition Umbu sont les pointes de flèche pédonculées (à base droite, concave et convexe), avec ailerons et en forme triangulaire, les pointes sans pédoncules (lancéolées, triangulaires et foliacées), les éclats, les lames, les couteaux bifaciaux (simples, trapezoïdes, lancéolés), les grattoirs de petite et moyenne taille (terminaux, latéraux, plano-convexe, circulaires, avec pédonculé et plus rarement discoïdales, avec encoche, elliptiques, unguiforme, angulaire, en pointe, quadrangulaires e triangulaires), les perçois en pierre et en os, les feuilles bifaciales, les percuteurs, les retouchoirs, en bois de cerf et en os, et les petits bifaces. Plus rarement il existe des limaces, des burins, des pointes de javelot des talhadores, des grandes bifaces, des enclumes, des hameçons en os, des aiguilles en os, des spatules en os, des meules et des quebra-coquinhos. Probablement les bolas, les haches polies, les polissoirs, les pierres à encoches, les pointes et les pics ne font pas partie de l'industrie, tous ces éléments étant d'une extrême rareté (KERN, 1984, p. 284).

De acordo com Prous (1992), a característica principal da Tradição Umbu seria de uma indústria lítica com lascas retocadas e com pontas de projétil. Conforme o autor, os portadores desta tecnologia ocupavam as regiões menos arborizadas do Rio Grande do Sul, acontecendo uma dispersão cultural que permitiu a absorção desta cultura nas regiões das encostas do planalto. De acordo com Gomes:

Os sítios relacionados à Tradição Umbu apresentam uma dispersão geográfica que se estende aos estados brasileiros do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná e São Paulo, também na Argentina (Misiones, Corrientes), e Uruguai. Encontrar-se-ia nos campos subtropicais as fases mais antigas da Tradição Umbu, sobretudo no sudoeste do Rio Grande do Sul (GOMES, 2016, p. 70).

O panorama estabelecido nos anos de 1990 sobre as fases desta tradição cultural demonstravam que para o sul do Brasil existiriam vinte e duas fases para sítios arqueológicos com pontas de projétil, concentrando-se quinze no estado do Rio Grande do Sul, cinco no Paraná e duas em Santa Catarina.

Resumindo, teríamos a chegada do grupo no sudoeste do Rio Grande do Sul há mais ou menos 11.500 anos A. P. e daí, uns partindo na direção do centro do Estado e outros, em torno dos 7 ou 8 milênio A. P., subindo ao alto Paraná, invadindo planalto e litoral. Vivendo inicialmente numa vegetação mais rarefeita do que a atual, deveriam buscar refúgio em vegetação mais densa, seja junto aos cursos d'água, seja em pequenos vales encaixados onde se manteria certa umidade (RIBEIRO, 1990, p. 134).

Ribeiro (1990) estabeleceu três momentos distintos para esta Tradição, sendo que o mais antigo corresponde à fase Uruguai, o intermediário obedece à fase de mesmo nome, Umbu, datado em 6.000 anos AP., e o momento mais recente chegaram aos 290 AP. e pode ser encontrado tanto no Rio Grande do Sul quanto em Santa Catarina e no Paraná.

Algumas particularidades em relação aos tipos de assentamentos da Tradição Umbu podem ser vistos tanto nos sítios a céu aberto como nos sítios em abrigos sob-rocha. Excluindo os abrigos, os sítios a céu aberto podem ser encontrados no campo ou em áreas florestais, proporcionando características comuns de se estabelecerem em terrenos próximos a cursos d'água, arroios e sangas.

1.1.6 O Paleoíndio no Rio Grande do Sul

O pioneiro na procura por sítios paleoindígenas no Rio Grande do Sul, mais precisamente na Fronteira Oeste do estado, foi o arqueólogo Eurico Miller. Milder (1995) descreve que a descoberta do sítio RS-I-50, permitiu que, após o término do PRONAPA, fossem criadas as possibilidades para que Eurico Miller desenvolvesse um plano voltado ao estudo de caçadores-coletores antigos. Este projeto ficou popularmente conhecido na literatura arqueológica como PROPA (Projeto Paleoindígena), e foi amparado pelo Smithsonian Institution (EUA), pela FAPERGS (Fundação de Amparo a Pesquisa do Rio Grande do Sul) e pelo MARSUL (Museu Arqueológico do Rio Grande do Sul) (MILLER, 1987).

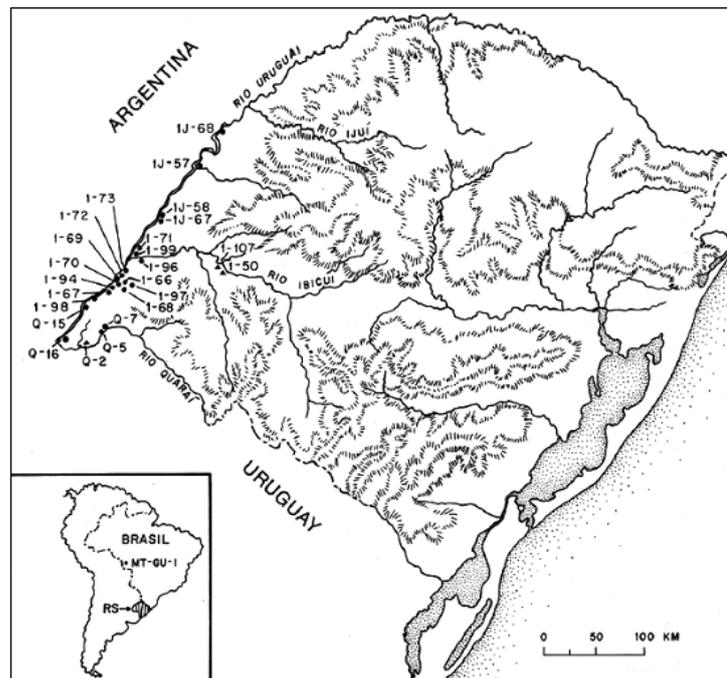
Conforme Silva (2014), o PROPA não surgiu apenas com o desígnio de examinar a plausível relação de restos de fauna pleistocênica e materiais de origem antrópica, mas

também propor-se-ia para uma reconstituição ambiental regional. O programa deveria durar de 1972 a 1977, mas prolongou-se, além disso, por mais um ano.

Sua metodologia de trabalho partia da pressuposição de que nas localidades com ocorrência de fósseis de animais extintos (como o Arroio Touro Passo, o rio Quaraí e a Sanga da Cruz) existiria maior probabilidade de serem descobertos sítios de caçadores-coletores do pleistoceno final (MILDER 1994, 1995).

Os trabalhos desenvolvidos por Miller, nas cidades de Uruguaiana, Quaraí, Alegrete, Itaqui e São Borja, resultaram na criação de uma Tradição Paleoindígena formada por duas fases, uma mais antiga denominada Ibicuí, e uma mais atual intitulada Uruguai. De tal maneira, os sítios da fase Ibicuí e os da fase Uruguai estavam localizados nos terraços fluviais e nas beiras dos rios, e sofriam conseqüentemente os efeitos da erosão fluvial sendo progressivamente destruídos.

Figura 13 - Sítios da fase Uruguai ● e Ibicuí ▲



Fonte: Miller (1987).

1.1.7 Fase Ibicuí

De acordo com Silva (2014), a fase Ibicuí era concebida por somente três sítios arqueológicos, o RS-I-50, o RS-I-107 e o RS-Q-2, os dois primeiros situavam-se na margem esquerda do Rio Ibicuí. O primeiro em um dique marginal, o segundo na planície de inundação e o terceiro estariam localizados junto à margem direita do rio Quaraí.

Os restos materiais seriam formados por artefatos líticos e fósseis de megafauna, como *Glossotherium robustus*, apresentando-se reunidos em aglomerados descontínuos ao longo dos rios numa extensão de até 160 m (MILLER, 1987).

Figura 14 - Crânio de *Glossotherium robustus* no sítio RS-I-50



Fonte: Miller (1987).

De acordo com Miller (1987, p. 50), o material incide em apenas um nível cuja profundidade é a dos próprios testemunhos culturais e fósseis, estando cobertos por até 5,5 m de sedimentos aluvionais. Quanto às características do material Miller garante que:

Foram elaborados por percussão e pressão a partir de núcleos basálticos e placas naturais de arenito metamórfico e raramente em quartzito ou calcedônia. As três coleções existentes somam 466 evidências líticas e dois fragmentos de osso fóssil contendo ranhuras paralelas, finas e rasas, além dos demais testemunhos fósseis, animais e vegetais. O rol é composto por lascas secundárias com retoques a pressão com algumas prováveis evidências de uso (micro lascados desordenados nas serrilhas), núcleos com evidências de lascamento e percussão, lascas sem evidência de uso, talhadores tipo chopper, raspadores alguns em ponta e de feitura tosca e aglomerados de seixos sem nenhuma evidência cultural (MILLER 1987, p. 51).

1.1.8 A Fase Uruguai

A fase Uruguai foi composta a partir de vinte um sítios, acumulando uma coleção com total de 3.240 evidências líticas “*in situ*” e datada entre 11.555 ± 230 A.P. (RS-IJ-68) e 8.585 ± 115 A.P. (RS-IJ-67), esta fase compreende geograficamente o baixo rio Quaraí, o baixo Rio Ijuí e o rio Uruguai longitudinalmente entre estes extremos (MILLER, 1987).

Até 1974, Miller cogitava tratar-se de uma tradição paleoindígena sem pontas de projétil, entretanto, a partir de 1975, a descoberta de tais artefatos tornou-se regular fazendo com que estas fossem explicadas como os objetos mais simbólicos desta fase, sendo pedunculadas e elaboradas preferencialmente em calcedônia, possuindo formas bem variadas, mas predominantemente de tamanho médio a pequeno (4,9 - 2,9 cm) e estreitas (1,6 - 3,4 cm) (MILLER, 1987).

Quanto ao material remanescente, Miller demonstra estarem presentes facas bifaciais retocados à pressão, raspadores circulares, laterais e terminais, pré-formas lanceoladas, lascas e lâminas. Miller não faz nenhuma descrição detalhada dos núcleos, apenas descreve que suas dimensões variavam entre três e dezenove cm e que alguns deles, depois de esgotados eram aproveitados como raspadores, o restante do material corresponderia a percutores, pedras de bigorna e talhadores tipo *chopper* (1987, p. 53).

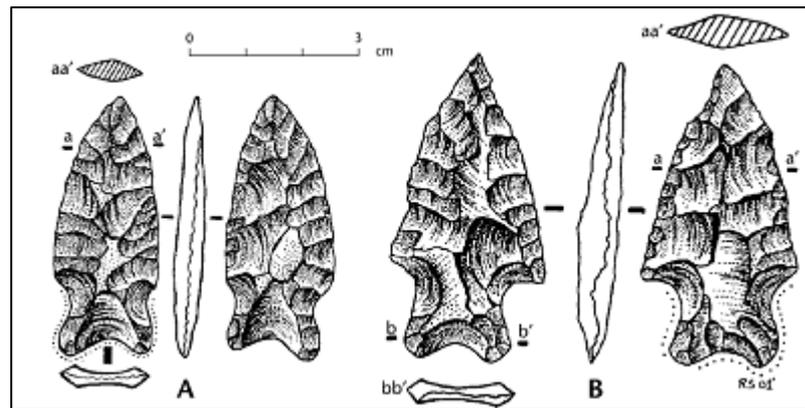
1.1.9 O Paleoíndio no Uruguai

Conforme Silva (2014), as principais descobertas de sítios paleoindígenas no Uruguai ocorreram nas décadas de 1970 e 1980, localizando-se na costa do rio Uruguai, nos Departamentos de *Artigas* e *Salto*, com as datações dos sítios: *K87*, escavado por Klaus Hilbert próximo ao *Arroyo del Tigre*, datado em 10.400 ± 150 A.P; do Sítio *Y85*, datado em 11.200 ± 500 A.P., escavado por Niede Guidón na localidade de *Isla de Arriba*; e *Pay Paso* datando em 9.990 A.P. e escavado por Austral.

Desde o início dos anos 2000, Suárez vem desenvolvendo um projeto multidisciplinar, que envolve uma região uruguaia da bacia do rio Quaraí e do médio rio Uruguai, almejando a partir destes, incluir e inventariar dados arqueológicos, paleoambientais e paleoecológicos com a ocupação humana do final do Pleistoceno e início do Holoceno.

Suárez garante que, suas pesquisas relacionadas com as ocupações humanas antigas no Uruguai, permitiram a identificação de dois artefatos paleoindígenas distintos. Um mais velho estabelecido entre 11.000 e 10.000 A.P e seriam as tradicionais pontas *Fell I*, e um mais atual situado entre 9.900 e 8.600 A.P, com até então original ponta de projétil de tipo *Pay Paso* (SUÁREZ, 2003, p. 30).

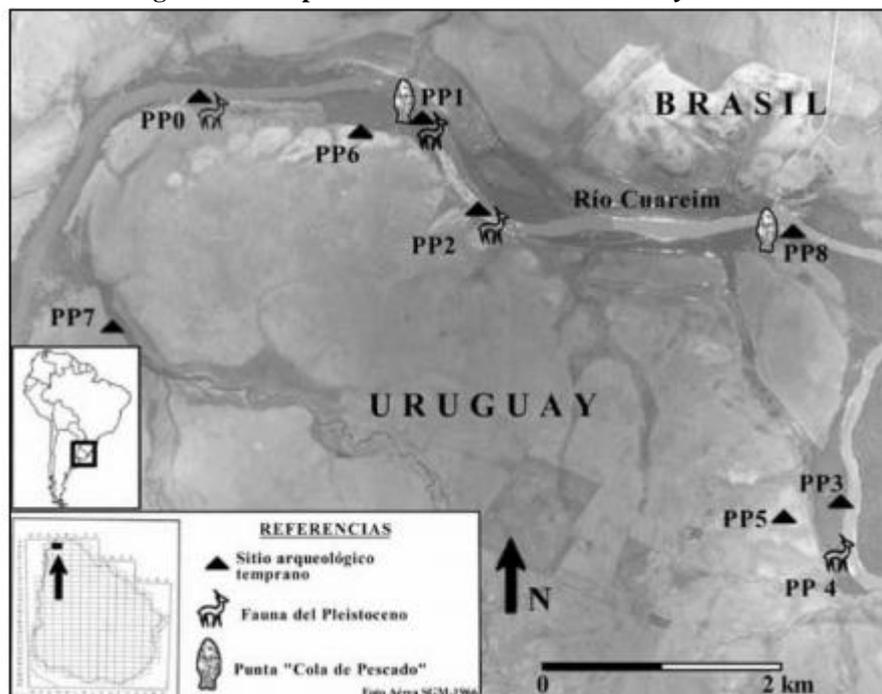
Figura 15 - Ponta Pay Paso (A) e ponta Fell 1 (B)



Fonte: Suárez (2003).

Segundo Silva (2014), a relação entre a fauna pleistocênica e as ocupações paleoindígenas na localidade de *Pay Paso* têm originado informações estimadas. A região que se coloca entre as fronteiras do Uruguai, Brasil e Argentina, junto com a foz do rio Quaraí, é formada por um total de nove sítios de importância arqueológica e paleontológica. Em especial, o sítio *Pay Paso 1* que proporciona peças ósseas de *Glyptodon* e *Equus* associadas a artefatos líticos (SUÁREZ, 2010b, p. 28).

Figura 16 - Mapa com sítios da localidade de *Pay Paso*



Fonte: Suárez (2010a).

1.2 Os Complexos Arqueológicos no Sudoeste do Rio Grande do Sul

Na região sudoeste do Rio Grande do Sul, encontram-se também dois complexos arqueológicos denominados como Areal (RIBEIRO & FERIS, 1984), (RIBEIRO, FERIS & HERBERTS, 1994), e Itaqui (MILLER, 1969). Esta designação procede porque estes dois conjuntos de sítios são compostos por diferentes grupos de indústrias líticas e cerâmicas e de acordo com Kern, na metodologia do PRONAPA sítios com esta diversidade de artefatos eram designados de complexos (KERN, 1981, p. 230).

1.2.1 O Complexo Areal

No início dos anos oitenta o professor Ribeiro realizou diversos trabalhos de campo na região do Areal em Quaraí, definindo os sítios arqueológicos encontrados nesta área de Complexo Areal (RIBEIRO & FÉRIS, 1984; RIBEIRO, FÉRIS & HERBERTS 1994). De acordo com Silva (2014), o sítio arqueológico do Areal está situado no divisor de águas entre os Arroios Catí e Areal a aproximadamente 21 km da cidade de Quaraí, a esquerda da RS 293 (no sentido Quaraí-Santana do Livramento).

Ribeiro não irá realizar qualquer poço teste nas áreas com material arqueológico, resumindo-se apenas a fazer algumas coletas controladas em locais de maior concentração de destes e coletas esparsas de objetos fora destas concentrações.

Ribeiro identificou cinco concentrações que totalizaram 2051 peças líticas e 259 fragmentos cerâmicos em uma área menor do que 1 km. Segundo Ribeiro o material lítico teria atributos que se pareceriam com os da Tradição Umbu e com as indústrias *Catalanense* e *Cuareimense*. Após esta constatação, os autores levantam duas hipóteses para a ocupação do Areal que seriam uma diacrônica e a outra sincrônica. Desta maneira, poderia ter acontecido uma sobreposição de distintas indústrias ou se estaria conhecendo uma única "Tradição cultural" bem delimitada espacialmente (RIBEIRO & FÉRIS, 1984; RIBEIRO, FÉRIS & HERBERTS, 1994).

Figura 17 - Pontas de projétil e instrumento bifacial encontrado no Areal



Fonte: Silva (2014).

Posteriormente, a coleção do Areal foi objeto dos estudos tecnológicos de Lemes (2008), que através das análises das cadeias operatórias de lascamento entendeu que no Areal as diferenças entre o *Catalanense* e o *Cuareimense* não se amparariam, pois os gestos técnicos das duas indústrias e a produção de instrumentos sobre seixo ou sobre bloco teriam um caráter de complementaridade, induzindo o autor a acreditar que, os grupos que ali viveram tiveram uma única tradição tecnológica.

Já no ano de 2014, foram realizadas novas prospecções no Areal sob a coordenação de Saul Milder. Conforme Silva (2014), em um raio de 1,5 km entorno do monólito com gravuras rupestres, foram identificadas cinco grandes fontes de matéria prima, sendo duas delas afloramentos e três cascalheiras.

Figura 18 - Fontes de matéria prima identificadas no Areal



Fonte: Silva (2014).

Figura 19 - Afloramento de arenito silicificado



Fonte: Silva (2014).

Figura 20 - Cascalheira de arenito Silicificado, Sítio Areal



Fonte: Silva (2014).

Quanto às aglomerações de materiais arqueológicos, estas são invariavelmente transformadas pela remobilização eólica das dunas, que segundo Milder (2000, p. 148), decapa áreas imensas onde aparecem os sítios arqueológicos.

Figura 21 – Material lítico em associação ao solo arenoso de coloração avermelhada



Fonte: Silva (2014).

Ainda dentro do sítio do Areal, encontramos um bloco medindo 5m de altura por aproximadamente 7 m de diâmetro, exibindo gravuras rupestres em todo seu perímetro.

De acordo com Ribeiro & Féris, a técnica empregada na produção das gravuras seria o alisado. E entre os motivos mais típicos estariam os traços isolados e os paralelos, seguido dos gradeados e dos traços unidos que formam bifurcações, haveriam ainda linhas ziguezagueadas, tridáctilos, arcos e retângulos (RIBEIRO & FÉRIS, 1984, p. 8).

Figura 22 - Monólito e suas gravuras no Areal de Quaraí

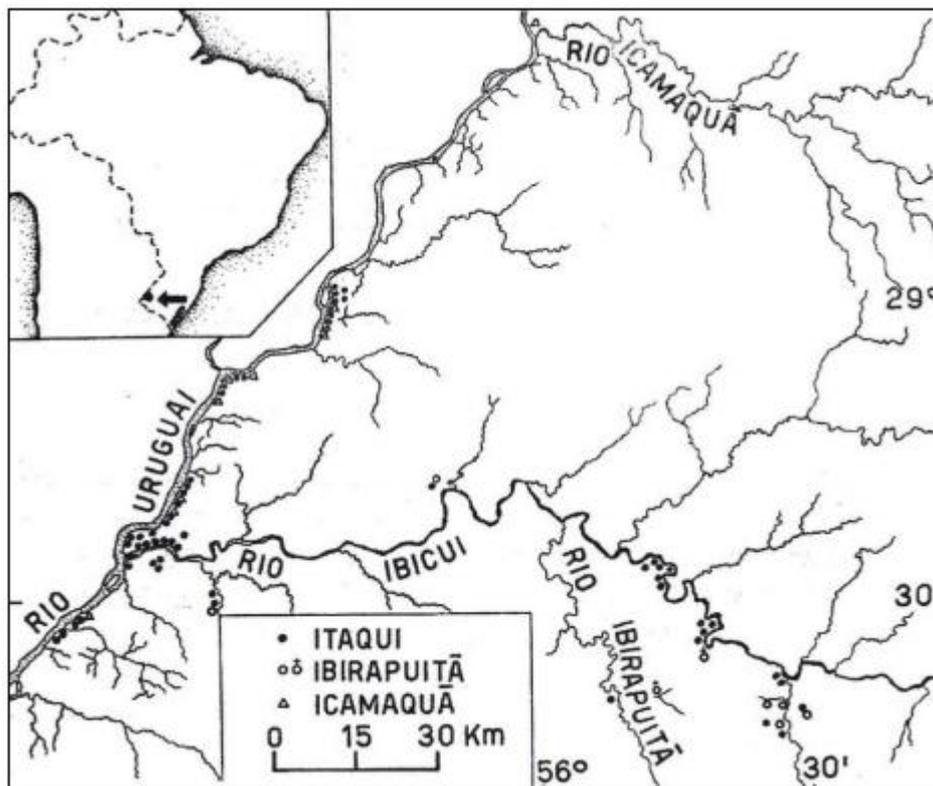


Fonte: Silva (2014).

1.2.2 O Complexo Itaqui

De acordo com Milder (2000), no ano de 1968, Eurico Miller localizou oitenta e um sítios, a maioria a céu aberto, na bacia do Médio Rio Uruguai e conseqüentemente, definiu duas fases arqueológicas ceramistas (Ibirapuitã e Icamaquã) e um complexo pré-cerâmico batizado de Itaqui.

Figura 23 - Conjunto de sítios localizados por Miller



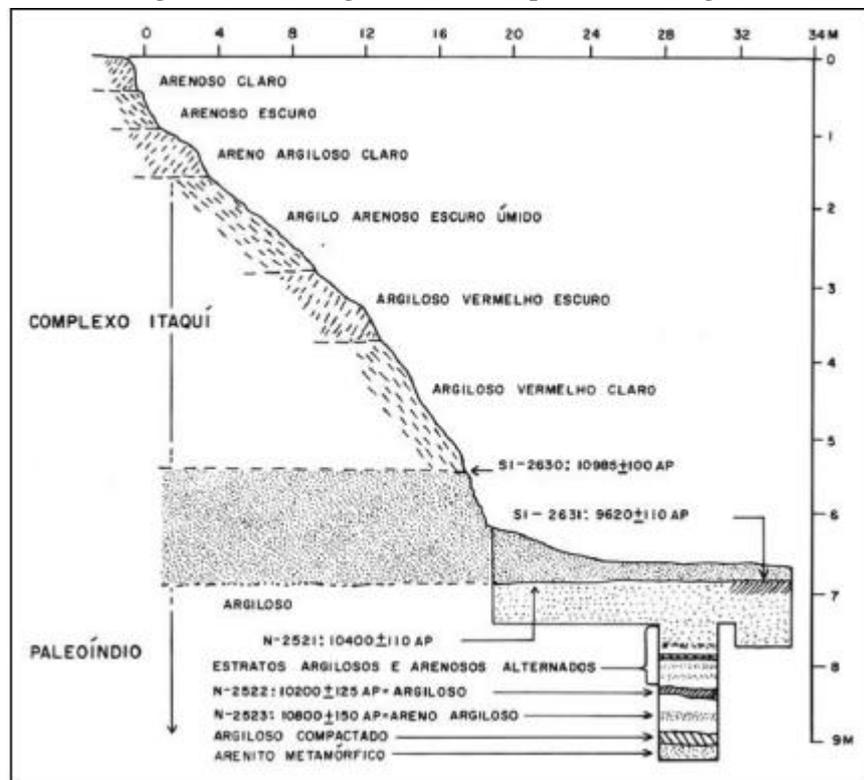
Fonte: Miller (1969).

O complexo Itaqui seria representado por sessenta e um sítios e seus artefatos eram lascados por percussão e fabricados a partir de núcleos, lascas e lâminas, na maioria das vezes, em arenito silicificado. Os instrumentos mais típicos eram os raspadores, facas-raspadores, lâminas-facas e pontas de projétil. As pontas se sobressairiam pela composição do pedúnculo, exibindo formas particulares e distintas das até então descobertas no Rio Grande do Sul (MILLER, 1969, p. 15). Ainda constituiriam instrumentos comuns os talhadores e as bolas de boleadeiras, portanto, essa multiplicidade de instrumentos, na visão de Miller, lembraria influências culturais distintas (KERN, 1981, p. 230). Mais tarde, Schimitz e Brochado (1982) dividiriam o Complexo Itaqui em duas fases diferentes, o Itaqui I e II.

Conforme os autores, o complexo Itaqui conservaria muitas afinidades com a indústria *Cuareimense* do Uruguai, mas exibiria bifaces parecidos aos da indústria Altoaranaense da Argentina e pontas de projétil semelhantes à Tradição Umbu (SCHIMITZ e BROCHADO, 1982, p. 152).

Este complexo tomaria as quatro primeiras camadas da sequência estratigráfica estabelecidas por Miller para o Rio Uruguai. Mais tarde, em 1972, Miller criaria a fase Ibicuí, a partir da datação de 12.770 ± 220 A.P do sítio RS-I-50 (Lajeado dos Fósseis) não podendo este ser mais considerado pertencente ao complexo Itaqui (KERN, 1981).

Figura 24 - Estratigrafia de Miller para o Rio Uruguai



Fonte: Miller (1987).

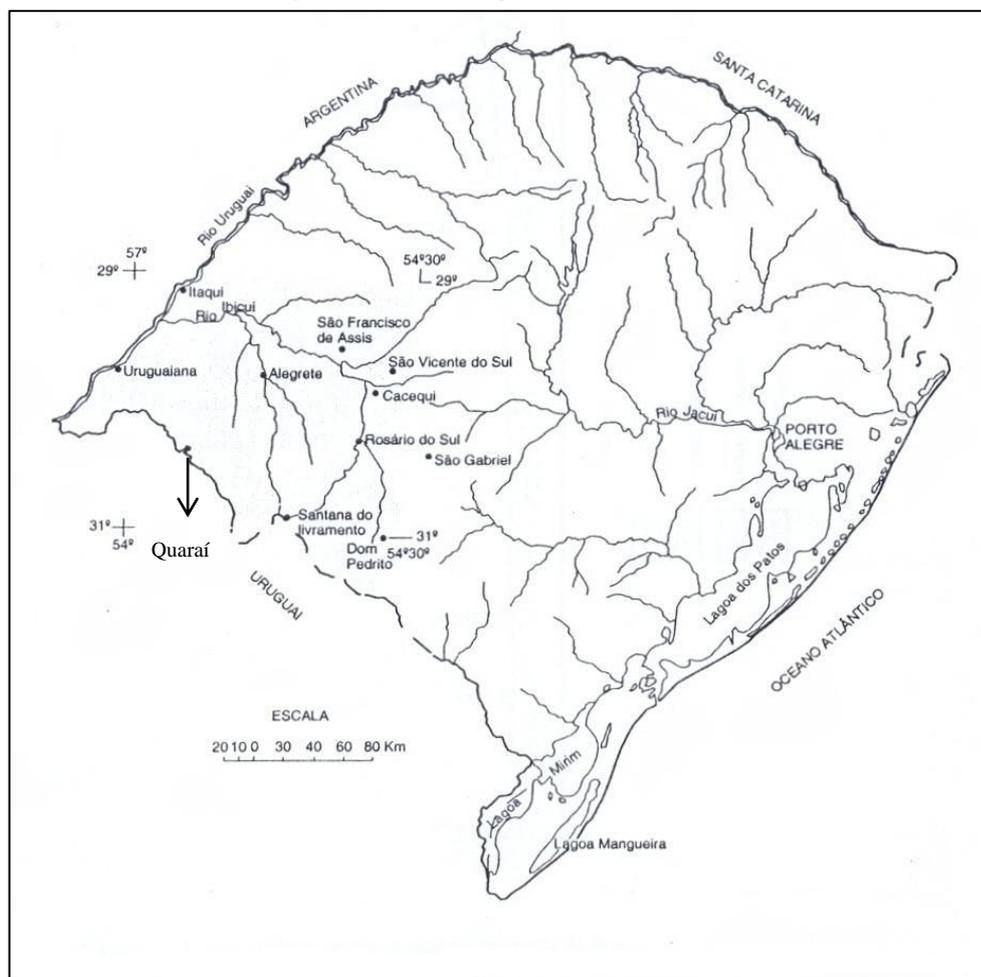
Desta forma, apresentado o panorama histórico das pesquisas, no próximo capítulo demonstraremos como foram criados os modelos locais para o encontro dos sítios arqueológicos da fronteira Oeste do Rio Grande do Sul. Mostraremos quais foram seus pressupostos e seus métodos aplicados dentro desta perspectiva cartesiana de arqueologia.

CAPÍTULO 2

2.1 A Paisagem Regional de Quaraí e os Modelos Arqueológicos

A finalidade deste capítulo é expor, de uma forma revisionista, a paisagem arqueológica do sudoeste do Rio Grande do Sul. Para tanto, iremos utilizar as informações das ciências da natureza para dar sustentação a nossa proposta interpretativa.

Figura 25 - Localização da área estudada



Fonte: Suertegaray (1998).

Cabe salientar que, todos os elementos abaixo mencionados foram resumidamente retirados de nossa pesquisa de mestrado realizada no MAE-USP no ano de 2008. Isto se fez necessário neste capítulo para que pudéssemos entender como Lemes (2008) estabelece o modelo hipotético de encontrar sítios arqueológicos na paisagem.

2.1.1 A Vegetação

Podemos dizer que o estado do Rio Grande do Sul é mesclado por dois riquíssimos biomas que são os complexos de fauna, do clima, da altitude e do solo que determinam as particularidades de um determinado meio ambiente. Estes biomas que compõem as paisagens gaúchas são eles o Pampa e a Mata Atlântica. Desta maneira, destacaremos os principais tipos de vegetação que constituem a fronteira oeste do Rio Grande do Sul.

De acordo com Veloso (1992), a Savana Estépica localiza-se especificamente na região do Parque do Espinilho, no sudoeste do Rio Grande do Sul em uma área de planície alagável, situada entre os rios Quaraí e Uruguai. Seu clima é caracterizado por um período úmido (ao contrário das demais ocorrências da Savana Estépica no Brasil) e subordinado a frentes frias geralmente chuvosas. As espécies predominantes nestes campos da Campanha gaúcha são dos tipos *Prosopis nigra* (algarrobo) e a *Aristida Setifolia* (capim-penasco).

Já no que diz respeito à vegetação Estepe, o projeto Radam-Brasil considera seu território de distribuição e localização a área que se inicia próxima ao Cerrado (Ponta Grossa/PR) estendendo-se até a extremidade da fronteira oeste do Rio Grande do Sul. Para Veloso (1992), as estepes são predominantemente caracterizadas como vegetações hegemonicamente campestres e de zonas temperadas com chuvas muito bem distribuídas ao longo do ano.

A estepe gaúcha especificamente pode ser dividida em três grupos, a saber: a **primeira** seria a Estepe Arborizada e teria como sua principal característica o predomínio de árvores baixas e arbustos e gramíneas nativas ou excêntricas. Já o **segundo** tipo foi classificada como Estepe parque - Campo Sujo e tem predominância de arbustos baixos como a aroeira-salsa e gramíneas. Por fim, a **terceira** é caracterizada como Estepe Gramíneo-Lenhosa - Campo Limpo e é o tipo mais significativo e emblemático dos campos gaúchos, com o predomínio do tipo gramínea que é largamente utilizada por estancieiros para a prática da pecuária.

De acordo com o projeto Radam-Brasil, o Bioma Pampa tem como principal característica a composição de espécies herbáceas, ou seja, composta fundamentalmente por gramíneas e classes vegetais de porte pequeno, não ultrapassando os 50 cm de altura. Como Veloso (1992) demonstra, esse tipo de bioma exibe duas formas bem definidas que seriam os chamados **campos limpos e os campos sujos**.

Os campos limpos são aqueles que não apresentam arbustos, exibindo uma paisagem mais homogênea e regular, isto é, sem significativas diferenças entre uma parte e outra, apresentando assim, uma regularidade no horizonte. Já os campos sujos apresentam como

características uma maior presença desses arbustos, que se misturam à paisagem (VELOSO, 1992).

De acordo com Veloso (1992), o Bioma Pampa se prolonga por vários outros países da América do Sul, como o Chile, a Argentina, o Paraguai e o Uruguai. No Brasil sua área de dispersão é de 176.496 km², o que equivaleria a 63% da área total do estado do Rio Grande do Sul e a 2% do território brasileiro.

Ainda de acordo com o projeto Radam-Brasil, a fauna e a flora deste Bioma são bastante variadas. Dados referentes ao Ministério do Meio Ambiente avaliam que existam mais de 3.000 tipos de plantas, 500 tipos de aves e 100 espécies de mamíferos.

De acordo com Pena (2004) pode-se dizer que a prática da monocultura na região esta cada vez mais intensa. Apesar disso, a principal atividade econômica do local ainda é à pecuária, estimulada pelo relevo plano e levemente ondulada. Com isso, boa parte desse bioma foi devastada, restando apenas 30% da vegetação original, o que gerou profundos impactos, como o risco de extinção de algumas espécies, o aumento da erosão e a intensificação do processo de **arenização** dos solos.

Por esse motivo, é preciso conter as atividades de expansão da agropecuária na região, ampliar as áreas de reservas e conservar ao máximo o que ainda resta desse importante Bioma, pois os seus recursos e as suas belezas naturais podem esgotar-se para sempre um dia.

2.1.2 O Clima

Segundo Nimer (1989), o clima enquadra-se como temperado chuvoso e quente, conforme classificação de Köppen. Porém, adaptado ao Brasil, o clima denomina-se subtropical úmido com verões quentes (Cfa), precipitação pluviométrica média anual de 1400 a 1500 mm, não havendo estação de seca.

2.1.3 A Questão Geológica

De acordo com Scherer *et al.* (2000), na área da pesquisa da tese, encontram-se dois tipos de materiais geológicos que estão relacionados à Serra Geral e ao Botucatu. Tais formações compõem parte da estrutura estratigráfica do Mesozóico da Bacia do Paraná. Conforme Brasil (1973), o estado do Rio Grande do Sul é coberto pelo derramamento basáltico denominado como *Trapp* do Paraná. Este derrame de lava basáltica segundo Maciel Filho (1990) abrange praticamente toda a região da Campanha gaúcha e pertence à famosa

Formação Serra Geral, esta, estruturada no período do Cretáceo Inferior.

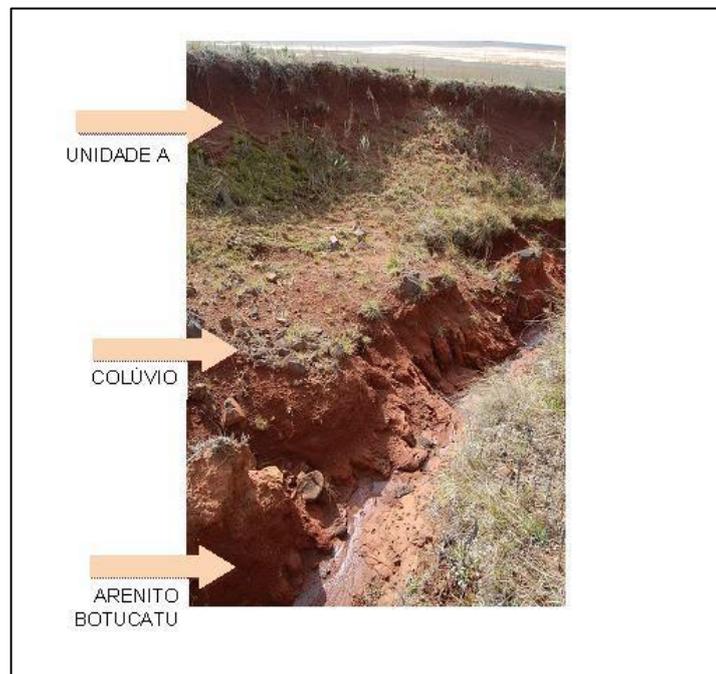
Conforme Reinert *et al.* (2007), no estado do Rio Grande do Sul os derrames da Formação Serra Geral localizam-se em cotas desde 200 metros até 1200 metros de altitude. Devido a grande variação de ambientes e também considerando os tipos de vegetação, clima e altitude, essas rochas poderiam originar inúmeras particularidades regionais.

Já para a formação do Arenito Botucatu em Quaraí tem a seguinte informação:

O Arenito da Formação Botucatu ocorre em uma faixa contornando a Formação Santa Maria, limitando a grande área de rochas efusivas básicas, além de serem encontradas pontualmente nos municípios de Quaraí, Uruguaiana, Tupanciretã e Cruz Alta. Forma solos profundos e bem drenados, muito susceptível a erosão. Este arenito é responsável pela formação de Cruz Alta, Tupanciretã e Bom Retiro e também exerce influência na formação de Passo Fundo (REINERT, 2007, p. 13).

Entretanto, seguindo o raciocínio de Suertegaray (1998), ela irá demonstrar que, além das formações já conhecidas e descritas acima, mais duas outras unidades existem para a região e podem ser classificadas como Unidade A e Unidade B.

Figura 26 - Estratigrafia local (exemplos da unidade A)



Fonte: Verdum (1997).

Figura 27 - Exemplo do arenito Botucatu remobilizado



Fonte: Lemes (2008).

2.1.4 A Geomorfologia da Cuesta do Haedo

De acordo com Pilau (2011), a Cuesta do Haedo é um baixo planalto limitado ao sudoeste do Estado do Rio Grande de Sul e ao noroeste do Uruguai. Possui acelerado caimento leste/oeste, e é diferenciada como uma área de relevo *homoclinal*, dissimétrico com *front* voltado para leste, cujo reverso decai amenamente em direção ao rio Uruguai.

No Brasil, estende-se por Uruguaiana, Alegrete, Rosário do Sul, Quaraí e Santana do Livramento, na região caracterizada geograficamente pelo Bioma Pampa. No Uruguai, prolonga-se ao sul pelos Departamentos de *Artigas*, *Salto*, *Paysandú* e possui influência nos Departamentos de *Rivera*, *Tacuarembó* e *Durazno* (PILAU, 2011).

Figura 28 - Típica paisagem da campanha gaúcha (Cuesta do Haedo)



Fonte: Lemes (2008).

2.1.5 A Remobilização dos Solos Arenosos

Conforme Suertegaray *et al.* (2001), a região de maior concentração dos areais está localizada no sudoeste do Rio Grande do Sul. A degradação do solo nesta área apresenta-se sob a forma de areais. Estes ocupam uma larga faixa onde se localizam os municípios de Alegrete, Cacequi, Itaqui, Maçambará, Manuel Viana, Quaraí, Rosário do Sul, São Borja, São Francisco de Assis e Unistalda.

A formação Botucatu é o substrato que suporta a ocorrência destes areais e sobre esta formação Mesozóica assentam-se depósitos arenosos não consolidados, originários de deposição hídrica e eólica durante o período do Pleistoceno e do Holoceno. São nestes depósitos que vão se originar toda esta fragilidade litológica da região. (SUERTEGARAY, 1998).

Quanto a sua composição Suertegaray esclarece que:

A formação dos areais, interpretada a partir de estudos geomorfológicos, associada à dinâmica hídrica e eólica indica que os areais resultam inicialmente de processos hídricos. Estes, relacionados com uma topografia favorável permitem, numa primeira fase, a formação de ravinas e voçorocas. Estas, na continuidade do processo, desenvolvem-se por erosão lateral e regressiva, consequentemente, alargando suas bordas por outro lado, à jusante destas ravinas e voçorocas em decorrência do processo de transporte de sedimentos pela água durante episódios de chuvas torrenciais, formam-se depósitos arenosos em forma de leques. Com o tempo esses leques vão se agrupando e em conjunto dão origem a um areal. O vento que atua sobre essas areais, em todas as direções, permite a ampliação deste processo (SUERTEGARAY *et al.* 2001, p. 354).

Figura 29 - Exemplo da remobilização (sítio do Areal)

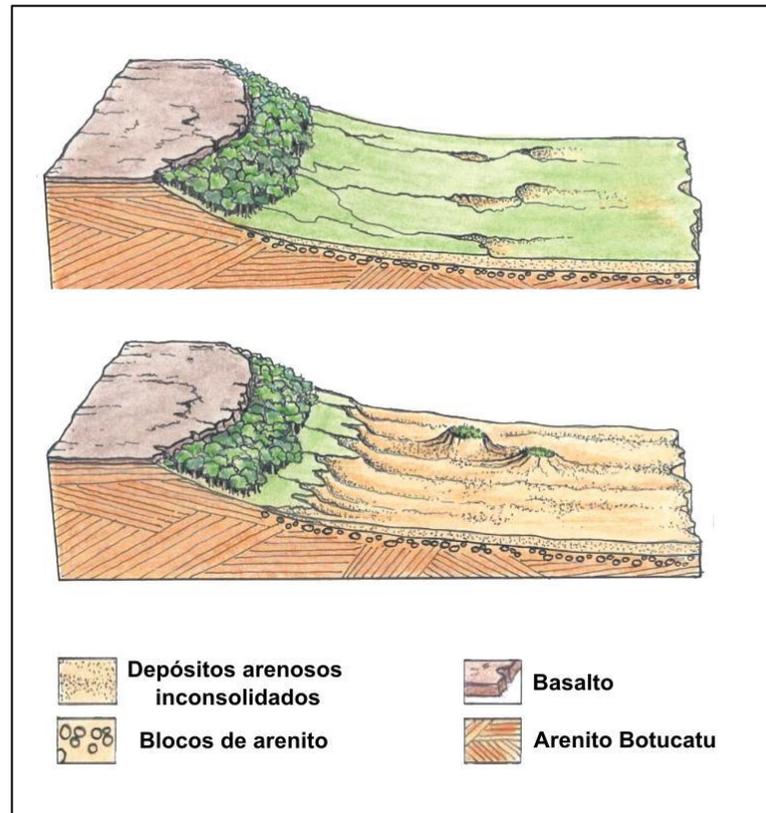


Foto: Suertegaray *et al.* (2001).

Para finalizar, a autora esclarece que os areais sempre irão concentrar-se sobre unidades litológicas frágeis (depósitos arenosos) em áreas com baixas altitudes e declividades. Outro aspecto destacado pela pesquisadora seriam as formações de ravinas e voçorocas, processos estes que estariam na origem dos areais (SUERTEGARAY, 1998).

2.1.6 Um Sítio Arqueológico no meio de um “Deserto”

No município de Quaraí, a pesquisadora Suertegaray (1998) identificou três áreas de arenização que totalizaram aproximadamente uma extensão de 220,88 ha, ou seja, 0,0736% da área total do município. Quanto às variações climáticas nos areais, a autora dividirá estes fenômenos em duas unidades. A primeira Unidade é individualizada por depósitos fluviais e caracterizada por:

(...) uma fase úmida, ocorrida provavelmente no final do Pleistoceno, início do Holoceno, cujos indicadores são os depósitos fluviais encontrados sobre as formações areníticas mesozóicas (formação Botucatu). Esta unidade poderia estar, no nosso entender, correlacionada aos horizontes mais profundos dos solos hidromórficos escuros estudados na região da campanha do Rio Grande do Sul por Bombim e Klant (1974) e decorrentes de uma

deposição fluvial e/ou lacustre em clima mais úmido, relativo ao *optimum* pós glacial (SUERTEGARAY, 1998, p. 122).

Já a segunda Unidade é diferenciada por depósitos eólicos e é compreendida como decorrente de:

(...) uma fase de ressecamento climático, durante o Holoceno, não necessariamente mais frias que as fases glaciais, datada através de estudos elaborados por Muller, em perfis estratigráficos na campanha gaúcha em 4.000 AP., e por Bigarella (1964), Vanzolini e Ab'Saber (1968) em aproximadamente 3.500 AP., em término em torno de 2.400 AP. (SUERTEGARAY, 1998, p. 122).

Desta forma, a principal contribuição realizada por Suertegaray (1998), foi comprovar que a gênese dos areais no Sudoeste do Rio Grande do Sul iniciou-se devido a fatores de **ordem natural**. Neste processo temporal, as culturas indígenas que habitavam o Sudoeste do Rio Grande do Sul adaptaram-se a essas transformações ambientais deixando assim seus resquícios no sítio Arqueológico do Areal e que posteriormente permitiram sua identificação pela Arqueologia nos tempos modernos.

2.2 Ocupando Espaços a partir do Modelo Locacional de Lemes (2008)

Conforme Lemes (2008), o enfoque para a localização dos sítios arqueológicos foi designada de **Análise de Padrão Locacional**, ou seja, por meio de um modelo hipotético e cartesiano, previamente estabelecido, sabemos o tipo de sítio arqueológico que vamos encontrar em uma determinada região.

Para poder visualizar com mais clareza estes parâmetros do Modelo Locacional, Morais (1999) esclarece que devemos encontrar as características geomorfológicas recorrentes de uma região onde estas possam permitir o “*mapeamento das áreas potencialmente favoráveis ao encontro de sítios e locais de interesse arqueológico*” (MORAIS, 1999, p. 14). Esses parâmetros consequentemente foram estabelecidos a partir de algumas circunstâncias de ordem universal, como:

(...) uma cascalheira de litologia diversificada, um dique de arenito silicificado, um pavimento detrítico (matérias-primas de boa fratura conchoidal), um barreiro (o barro bom para a cerâmica), um comportamento topo morfológico adequado a um determinado tipo de assentamento, etc (MORAIS, 1999, p. 14).

A partir deste mapeamento locacional de prospecção arqueológica, definimos as seguintes unidades relativas às ocupações pré-coloniais, a saber.

2.3 Ligados à função morar

Os compartimentos topo-morfológicos relacionados à função morar seriam:

- Terraços Fluviais,
- Vertentes,
- Patamares de Vertentes,
- Cabeceiras de Nascentes,
- Topos de Interflúvios e
- Escarpas (MORAIS, 1999).

2.4 Ligados à função extrativa

Os compartimentos topo-morfológicos relacionados às funções extrativas seriam:

- Cascalheiras,
- Diques Clásticos,
- Disjunções Colunares,
- Pavimentos Detríticos e
- Barreiros (MORAIS, 1999).

2.5 Sítios Arqueológicos evidenciados a partir do Modelo Locacional determinado por Lemes (2008)

Lemes (2008), em sua pesquisa de mestrado propõe uma classificação para os sítios arqueológicos pré-coloniais da fronteira oeste do Rio Grande do Sul utilizando as seguintes prerrogativas geomorfológicas, a saber: **Sítios em Cabeceiras de Drenagens e Topos de Interflúvio, Sítios em Afloramento de Arenito Botucatu Remobilizado, Sítios em Planície de Inundação (terraços) e Sítios em Cascalheiras e em Pavimentos Detríticos.**

Milder (2000) apresenta os Sítios em **Cabeceiras de Drenagens e Topos de Interflúvio** da seguinte maneira:

A região em estudo, na porção situada abaixo da foz do rio Ibicuí, é denominada pela Coxilha de Santana e pelo Interflúvio do Rio Quarai. Essas massas basálticas, antigas e aplainadas, são dissecadas por inúmeros córregos e arroios. (...) Esses cursos de água correm sobre o leito basáltico e não possuem a força necessária para escavar leitos mais profundos, porém oferecem fios de águas perenes (...). Essas drenagens geralmente escoam pelas falhas do basalto Serra Geral. Nessas falhas geralmente ocorrem

pseudodiques de arenito metamórfico ou silicificado, fonte ótima de matéria-prima para lascamento. As drenagens cortam vales pequenos e encaixados ou vales amplos de encostas quase imperceptíveis. (...) Nos vales mais amplos ocorrem sucessões de afloramentos com material lítico lascado, muitas vezes formando um contínuo por vários quilômetros. Nos vales mais encaixados o material aparece isolado nas cristas sendo interceptado pelo basalto (MILDER, 2000, p. 143).

De acordo com Lemes (2008), nas áreas dos Topos de interflúvio, locais estes que serviriam também como pontos de observação, ocorrem os mesmos tipos de sítios já mencionados anteriormente, porém, incorporamos a UNDR mais uma variante classificada como **Calcedônia de Topo em Afloramento Basáltico**.

No que diz respeito aos Sítios em Afloramento de **Arenito Botucatu Remobilizado**, Lemes (2008) explica que a região proporciona extensas zonas de exposições ao Arenito Botucatu ao lado de amplas áreas de afloramentos do Basalto Serra Geral. Assim, a relação do arenito com o basalto geram as famosas áreas de **arenização**.

Segundo Lemes (2008), já os **Sítios em Planície de Inundação** apresentam características próprias que atrairiam as ocupações de grupos humanos pré-coloniais. Estas unidades naturais de relevo oferecem fornecimento de água permanente ou temporária, transformando o ambiente em alta diversidade biológica que conceberia, portanto, uma alta produtividade ambiental.

Para entender melhor as variantes do modelo locacional e a variabilidade dos sítios arqueológicos encontrados na fronteira oeste do Rio Grande do Sul, Milder argumenta que: *“A abundância e escassez estão diretamente ligadas ao tipo de sítio e ao recurso a ser explorado, portanto, em alguns sítios haverá a abundância de um determinado recurso e a escassez de outro”* (MILDER, 2000, p. 154). Logo abaixo, demonstraremos os resultados deste modelo e suas prerrogativas geomorfológicas. Assim, elencamos as características físicas dos relevos e suas relações com os sítios arqueológicos da área em estudo bem como os resultados destes cruzamentos com os dados geológicos e ambientais da fronteira oeste do Rio Grande do Sul.

2.5.1 Sítios em Topo de Interflúvio

Figura 30 - Sítio: 001; UNDR: Topo de Interflúvio



Fonte: Lemes (2008).

Figura 31 - Sítio: 002; UNDR: Topo de Interflúvio



Fonte: Lemes (2008).

Figura 32 - Sítio: 006; UNDR: Topo de Interflúvio



Fonte: Lemes (2008).

Figura 33 - Sítio: 008; Altitude: 248m; UNDR: Topo de Interflúvio



Fonte: Lemes (2008).

2.5.2 Sítios em Terraço Fluvial

Figura 34 - Sítio: 009; UNDR: Terraço Fluvial



Fonte: Lemes (2008).

Figura 35- Sítio: 011; UNDR: Terraço Fluvial (nascente)



Fonte: (Lemes 2008).

Figura 36 - Sítio: 012; UNDR: Terraço Fluvial



Fonte: Lemes (2008).

Figura 37 - Sítio: 013; UNDR: Terraço Fluvial



Fonte: Lemes (2008).

Figura 38 - Sítio: 016; UNDR: Terraço Fluvial



Fonte: Lemes (2008).

2.5.3 Sítios em Cabeceira de nascente

Figura 39 - Sítio: 014; UNDR: Cabeceiras de Nascente



Fonte: Lemes (2008).

2.5.4 Sítios em Pavimento Detrítico

Figura 40 - Sítio 015; UNDR: Pavimento Detrítico



Fonte: Lemes (2008).

Figura 41- Sítio: 018; UNDR: Pavimento Detrítico (com presença de calcedônia)



Fonte: Lemes (2008).

2.5.5 Sítios em Cascalheira

Figura 42 - Sítio: 003; UNDR: Afloramento/Cascalheira



Fonte: Lemes (2008).

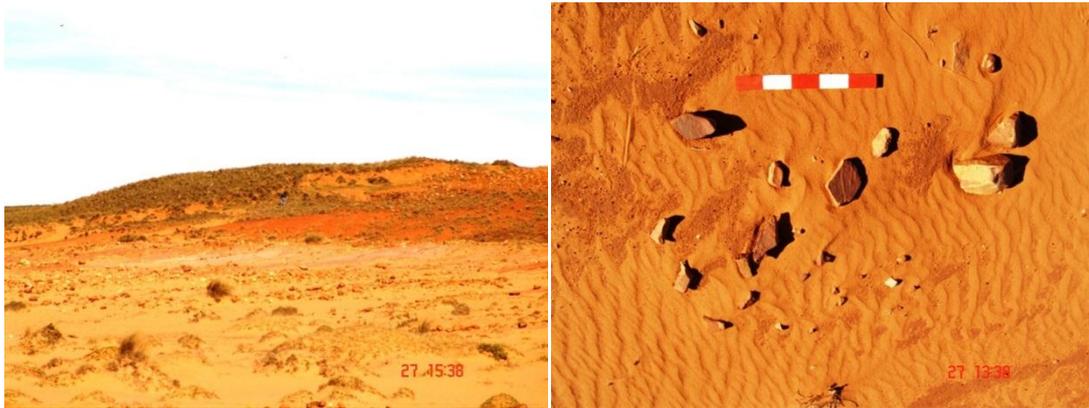
2.5.6 Sítios em Arenito Remobilizado

Figura 43 - Sítio: 004 – Areal-1; UNDR: Paleopedon (arenito eólico)



Fonte: Lemes (2008).

Figura 44 - Antigo fluxo de água e estruturas de lascamento.



Fonte: Lemes (2008).

Após revisão da dissertação de Lemes (2008), o autor irá manifestar que é **imprescindível** fazer a distinção entre as áreas com colinas, pois é essencial desvendar seu substrato geológico. Desta maneira, podemos concluir que os sítios arqueológicos encontrados pelo modelo locacional seriam resultado de uma **simples adaptação econômica** em áreas onde se encontravam afloramentos com **arenito silicificado e calcedônia**. As demais áreas desprovidas de ocupações pré-coloniais **não indicavam** a presença destas rochas.

Desta maneira, no próximo capítulo buscaremos entender esta paisagem estática construída por Lemes (2008) a partir da perspectiva fenomenológica. Para tanto, utilizaremos as propostas de Ingold (2002) e sua teoria da *dweeling perspective*. Também utilizaremos a noção de percepção e sinestesia de Merleau-Ponty e de Ser-no-mundo de Heidegger.

CAPÍTULO 3

3.1 Arqueologia da Paisagem e a Ciência dos Fenômenos: Desconstruindo Modelos

A Arqueologia enquanto ciência social com base no comportamento humano experimentou, ao longo da sua curta narrativa, a tentativa de construir contextos onde seres humanos poderiam ou não inserir-se na paisagem. Com o passar dos anos, múltiplos termos foram empregados para apresentar esses contextos **espaços-temporais** em que as narrativas arqueológicas tentaram constituir-se.

A arqueologia da paisagem surgiu então como resposta às questões da localização da existência humana. Apesar de, ainda hoje, não existir unanimidade quanto aos termos que justificam estes contextos, a disciplina arqueológica sentiu obrigação de se subdividir e atravessar as suas barreiras intelectuais para melhor abranger os seus objetos de estudo.

Estas subdivisões interdisciplinares vislumbram a configuração de como os próprios cientistas veem os seus campos de estudo. Neste caso, os arqueólogos promoveram uma série de ligações com outras formas de saber, que deram origem aos mais variados ramos.

Então, a arqueologia da paisagem pode ser vista a partir de várias perspectivas. Como ciência mais física ligada aos paleoambientes e relacionada à reconstrução de lugares passados. Como igualmente de forma mais autocrítica, refletindo conceitos variáveis dentro da disciplina principal, utilizando ferramentas da Psicologia, Antropologia e, até mesmo, da Filosofia fenomenológica para obter respostas relativas à contextualização e interligação das mais variadas problemáticas arqueológicas.

É nesta última inferência que a maior parte deste trabalho irá se desenvolver. Estas janelas cognitivas que a fenomenologia nos proporciona convêm apenas para reconhecer uma imagem maior, de um mundo em constante modificação e sempre inter-relacionado e obtendo assim uma percepção mais abrangente daquilo que fomos, somos e iremos ser.

3.1.1 Contribuições Fenomenológicas para pensar Arqueologia

Como já apresentado no capítulo anterior, os contextos dos sítios arqueológicos encontrados na região de Quaraí e suas respectivas explicações para esta conjuntura distinta, agora é chegado o momento de exercer o compromisso presente no título deste trabalho e, finalmente, proporcionar algumas contribuições fenomenológicas para seu estudo.

Claro que para a realização de tal compromisso, fundamentalmente, teremos que buscar um esclarecimento em torno da palavra **fenomenologia** e o que ela pode trazer de contribuição para a Arqueologia. Mas o que é, afinal, fenomenologia? Imediatamente, buscaremos elucidar e esclarecer todos estes conceitos e assim entender de vez sobre a relação entre esta e a Arqueologia. Determinadas explicações também serão feitas a respeito da particularidade da Arqueologia de aglomerar diferentes disciplinas sobre um axioma comum. Então, para que esta conexão seja formada, será preciso realizar uma concisa exposição em torno de alguns conceitos que aqui surgirão nas obras de autores como Tim Ingold (2002) e Christopher Tilley (2004).

Basicamente, buscaremos nos orientar por esta passagem de Merleau-Ponty:

Eu não sou o resultado ou o entrecruzamento de múltiplas causalidades que determinam meu corpo ou meu “psiquismo”, eu não posso pensar-me como uma parte do mundo, como o simples objeto da biologia, da psicologia e da sociologia, nem fechar sobre mim o universo da ciência. Tudo aquilo que sei do mundo, mesmo por ciência, eu o sei a partir de uma visão minha ou de uma experiência do mundo sem a qual os símbolos da ciência não poderiam dizer nada. Todo o universo da ciência é construído sobre o mundo vivido, e se queremos pensar a própria ciência com rigor, apreciar exatamente seu sentido e seu alcance, precisamos primeiramente despertar essa experiência do mundo da qual ela é a expressão segunda. A ciência não tem e não terá jamais o mesmo sentido de ser que o mundo percebido, pela simples razão de que ela é uma determinação ou uma explicação dele (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 3).

Estas palavras de Maurice Merleau-Ponty que aparecem logo no início do prefácio à sua *“Fenomenologia da Percepção”* resumem muitas das ideias que serão postas neste momento e, por isso, consideramos pertinente exibi-las tão logo fosse necessário, sem parcimônia.

3.1.2 A Fragmentação do Conhecimento

De acordo com Oppitz (2011), houve um tempo em que não se dava nenhum tipo de separação entre a sensação, o sentimento, a razão e a intuição, sendo o conhecimento despertado a partir da sensatez entre tais funções. Este período pode ser avaliado então como pré-disciplinar, distinto pela não-separatividade, pela identificação entre conhecedor, conhecimento e conhecido, ou seja, entre sujeito, conhecimento e objeto.

Weil (1993) argumenta que a não-separatividade, no entanto, foi acompanhada de uma fragmentação regulada na fantasia da separação entre sujeito e objeto, sob influência do

paradigma cartesiano, que induziu todo o saber científico a uma visão mecanicista do mundo e à hegemonia do racionalismo acadêmico.

Este racionalismo veio ditando, então, a forma de pensar e de agir do homem ocidental, derivando, entre outras coisas, na abordagem disciplinar que regula as universidades atuais, habitualmente fragmentadas em ciências físicas e humanas que, ainda, subdividem-se em outras abundantes disciplinas cada vez mais peculiares, todos produtos do método indutivo de Descartes, que busca a fragmentação do todo nos seus elementos constituintes (CREMA, 1993, p. 131).

Então, Roberto Crema coloca que:

(...) diante do acúmulo crescente do saber-e-fazer humano, foi sepultado o ideal do gênio enciclopédico e pluriapto, do “homem total”. O especialista, expert na parte, passou a ser o novo herói, Navegante do minúsculo, vidente do mínimo, o que sabe quase tudo de quase nada, caracterizado pela unilateralidade de visão e de ação (...) (CREMA, 1992, p. 132).

Seguindo este raciocínio, Oppitz (2011) irá questionar se não há possibilidade de conexão entre os inúmeros conhecimentos acumulados ao longo do tempo, de que adianta a produção de conhecimento então?

É com base em questionamentos como este que Oppitz (2011) demonstrará como surgem os primeiros ensaios de criação de pontes entre as diferentes áreas do conhecimento, outrora apartadas do todo, por meio de abordagens pluri e interdisciplinares.

Conforme Oppitz (2011) é aí que entra a **transdisciplinaridade**, tentando romper com a disciplinaridade, ultrapassando a fragmentação do conhecimento humano em busca do estudo conjunto da natureza e do imaginário, do universo e do homem a partir do estabelecimento de uma axiomática comum entre diversas áreas do conhecimento.

Como podemos ver a abaixo, o estudo da transdisciplinaridade leva em consideração a vivência e percepções dentro de uma problemática muito mais ampla e conectada:

(...) implica uma visão resultante de uma experiência, que, por sua vez, é geralmente o resultado de uma combinação de holopraxis ou prática experiencial com o estudo intelectual, ou hologia, de um enfoque analítico e sintético, de uma mobilização das funções ligadas ao cérebro direito e esquerdo e da sua sinergia, de um equilíbrio entre as quatro funções psíquicas, ou seja, a sensação, o sentimento, a razão e a intuição (WEIL, 1993, p. 38).

3.1.3 Alguma Metodologia

Weil (1993) será o responsável por elaborar alguns pressupostos para a abordagem transdisciplinar utilizada nesta tese. Neste momento, onde estudamos os sítios arqueológicos da fronteira oeste do Rio Grande do Sul, daremos uma maior atenção para a noção de identidade entre conhecedor, conhecimento e conhecido.

Esta metodologia refere-se a não separação entre sujeito e objeto. Weil (1993, p. 58), argumenta que a separação entre eles permanece apenas dentro da mente humana e tem como única finalidade proteger a permanência do sujeito como tal, pois, na realidade, o espaço não tem fronteiras, e o dualismo sujeito-objeto concebe apenas um nível de realidade, o nível relativo, onde não é possível alcançar o real, uma vez que faz parte dele o sujeito, o objeto e o processo de conhecimento.

Seguindo esta perspectiva transdisciplinar, Nicolescu (2000) apresentará uma metodologia que é baseada em três componentes inter-relacionados entre si.

1) os níveis de realidade	Manifestações do mundo
2) a complexidade	Linearidade de fatos
3) e a lógica do terceiro incluído	Aceitação do antagônico

Para Nicolescu (2000, p. 21), realidade seria então tudo o que contrasta com as nossas revelações no mundo e que denominamos de conhecimento, representações, definições, conceitos e, complementando tal acepção, ele também afirma que:

(...) é preciso dar uma dimensão ontológica à noção de Realidade, na medida em que a Natureza participa do ser do mundo. A Natureza é uma imensa e inesgotável fonte de desconhecido que justifica a própria existência da ciência. A Realidade não é apenas uma construção social, o consenso de uma coletividade, um acordo intersubjetivo. Ela também tem uma dimensão *trans-subjetiva*, na medida em que um simples fato experimental pode arruinar a mais bela teoria científica. Infelizmente, no mundo dos seres humanos, uma teoria sociológica, econômica ou política continua a existir apesar de múltiplos fatos que a contradizem (NICOLESCU, 2000, p. 21-2).

Já o componente da complexidade, parte da pressuposição de que ela não é desorganizada e, portanto, oferece uma ordem e uma naturalidade caracterizada que justifica seu emprego como objeto de conhecimento (NICOLESCU, 2000, p. 25).

Nicolescu (2000, p. 25), também fala da lógica do terceiro incluído que se baseia em três axiomas:

1. O axioma da identidade: $A \text{ é } A$.
2. O axioma da não contradição: $A \text{ não é não-}A$.
3. O axioma do terceiro excluído: não existe um terceiro termo T (T de “terceiro incluído”) que é ao mesmo tempo A e não- A .

Primeiramente abordaremos o princípio da não contradição que diz: uma proposição não pode ser verdadeira e falsa ao mesmo tempo. Já o segundo princípio do terceiro excluído fala que toda proposição ou é verdadeira ou é falsa, ou seja, verifica-se sempre um destes casos e nunca um terceiro.

Podemos afirmar que um dos principais impactos científicos da revolução quântica foi o questionamento do dogma filosófico contemporâneo da existência de um único nível de realidade. A revolução quântica cumpriu um papel formidável no nascimento de uma nova abordagem chamada transdisciplinaridade. A metodologia transdisciplinar foi estabelecida pelo físico teórico Basarab Nicolescu em 2000.

Nicolescu analisou os conceitos da teoria da Complexidade e formulou a lógica do terceiro incluído sustentado pelos três pilares que vimos acima. Os três pilares da metodologia transdisciplinar estão reciprocamente relacionados e tem como foco principal a lógica do terceiro incluído. Esta lógica trabalha como uma espécie de ferramenta conceitual que busca esclarecer a variedade de interações que são complexas de serem compreendidas. Isso, contudo, só é aceitável quando são introduzidas em diferentes níveis de realidades e percepções (OPPTIZ, 2011).

Segundo Oppitz (2011), com base na ideia da existência de um exclusivo nível de realidade, o segundo e o terceiro axiomas são evidentemente análogos e, na inexistência de um terceiro termo T , os termos A e não- A passam a ser unicamente opostos, pois é o que nossa mente, ao analisar a existência de somente um nível de realidade, admite que vejamos: **um único nível de realidade que só pode gerar antagonismos**. Então:

Em outras palavras e de forma bem simplificada, a lógica clássica coloca que uma coisa é uma coisa, outra coisa é outra coisa, e uma coisa não pode ser duas coisas ao mesmo tempo. A lógica do terceiro incluído, no entanto, por pressupor a existência de vários níveis de realidade, vê distinção entre o segundo e o terceiro axiomas, modificando este último, que fica assim: 3. O axioma do terceiro incluído: existe um terceiro termo T (T de “terceiro incluído”) que é ao mesmo tempo A e não- A (OPPITZ, 2011, p.80).

Segundo Nicolescu (2000), a transdisciplinaridade transcende as disciplinas do conhecimento humano, ou seja, ela está entre, através e além delas. Sendo assim, a noção de transdisciplinaridade admite, ao violar as fronteiras epistemológicas de cada ciência

disciplinar, arquitetar um conhecimento que se dá através das ciências e que está integrado em função da humanidade, resgatando as relações de interdependência.

A Arqueologia então, como todos os diversos campos do conhecimento, é uma ciência que busca compreender **a experiência do ser humano no mundo**, e tem como objetivo perceber este mundo e este ser humano a partir dos resquícios materiais abandonados pelas populações do passado. Oppitz esclarece então que:

Ora, o ser humano não é apenas uma parte do mundo, não é apenas o objeto da biologia, da psicologia ou da sociologia. O ser humano é vivência, é experiência, é multifacetado e, por esta característica, uma ciência que o estuda não pode focar em apenas uma de suas inúmeras facetas, deve focar em todas. A Arqueologia não é história, não é antropologia, não é biologia ou geologia. A Arqueologia é uma ciência transdisciplinar, na qual todas as áreas do conhecimento humano – ciências, filosofias, artes e tradições – estão unidas sob um axioma comum: a vivência do ser humano no mundo (OPPITZ, 2011, p.81-2).

Bem, e a Arqueologia, quando poderemos buscar relacioná-la com a transdisciplinaridade? Esta resposta não é simples de ser respondida, mas se buscarmos ajuda em Merleau-Ponty (1999) e sua compreensão de como necessitamos compreender a história, se por meio da ideologia, da política, da religião ou da economia o autor esclarecerá que tal entendimento deve dar-se a partir de todas as maneiras ao mesmo tempo, estando em todas as maneiras, e sob todos os aspectos, reencontrada a mesma estrutura de ser, uma vez que *“todas estas visões são verdadeiras, sob a condição de que não as isolemos, de que caminhemos até o fundo da história e encontremos o núcleo único de significação existencial que se explicita em cada perspectiva”* (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 17).

Encerraremos este assunto com uma referência importante para nosso modo de pensar a arqueologia e o saber científico, então:

O divórcio entre a ciência e a consciência encontra-se na base da decadência ética e institucional do Ocidente. Quando a unidade conhecimento foi fragmentada em ciência, filosofia, arte e tradição espiritual, a roda do desastre foi posta a funcionar. Gradativamente, introjetamos a absurda classificação de ciências “exatas” e “humanas” [...]. Não é de espantar, portanto, que profissionais e técnicos bem-sucedidos, muitas vezes em altas posições dirigentes, tratem da dimensão social apenas manipulando números, estatísticas e gráficos, desdenhando, solenemente, a dimensão essencial dos valores. O humano foi reduzido a “recurso humano”, palavra desumanamente injuriosa, sustentada por uma atitude filosófica mecanicista utilitarista implícita, tão evocada, inclusive, por representantes das ditas ciências “humanas” (CREMA, 1993, p.139).

Mas afinal o que é Fenomenologia?

A fenomenologia é o estudo das essências (...), mas é também uma filosofia que repõe as essências na existência, e não pensa que se possa compreender o homem e o mundo de outra maneira senão a partir de sua 'facticidade'. É uma filosofia transcendental que coloca em suspenso, para compreendê-las, as afirmações da atitude natural. Por outro lado, é também uma filosofia para a qual o mundo já está sempre 'ali', antes da reflexão, como uma presença inalienável, e cujo esforço todo consiste em reencontrar este contato ingênuo com o mundo, para dar-lhe enfim um estatuto filosófico (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 1).

Podemos dizer que a fenomenologia realmente aparece, pela primeira vez, na obra de Edmund Husserl. Neste trabalho nossas atenções serão direcionadas para Martin Heidegger e, mais especificamente, para Maurice Merleau-Ponty. A finalidade deste capítulo será então procurar uma ligação entre as ciências dos fenômenos e a Arqueologia da Paisagem buscando compreender a vivência do ser humano no mundo.

Conforme Heidegger (2008, p. 72-4), a formação do termo fenomenologia (fenômeno + logos) corresponde ao conceito de ciência dos fenômenos, entretanto, possui definição distinta de filosofia, arqueologia ou sociologia, pois estas analisam os elementos de suas referentes ciências, como fatos em si, enquanto a fenomenologia se refere ao modo como se revela e se trata o que deve ser tratado em todas as ciências.

Para Heidegger (2008), o modo como se revela e o que deve ser tratado é o de *“deixar e fazer ver por si mesmo aquilo que se mostra, tal como se mostra a partir de si mesmo”* (HEIDEGGER, 2008, p. 74). Então o que é que deve ser tratado por uma perspectiva fenomenológica na Arqueologia? Ou, o que é que a fenomenologia deve revelar na Arqueologia?

Bem, então o que deve ser buscado pela Arqueologia são **os fenômenos que estão velados**. Ainda de acordo com Heidegger (2008, p. 75), *“(...) se mantém velado ou volta novamente a encobrir-se ou ainda só se mostra “distorcido” não é este ou aquele ente, mas o ser dos entes. O ser pode-se encobrir tão profundamente que chega a ser esquecido (...)”*.

Portanto, o que deve ser compreendido na Arqueologia é o ser dos entes, é aquilo que se estabelece como **fenômeno**, é o aparecer-se, significando fenômeno o conceito oposto de encobrimento. Para Oppitz então:

Está aí a importância da fenomenologia: desvelar os fenômenos que, numa primeira aproximação e na maioria das vezes, não estão dados, encontrando-se encobertos. A fenomenologia revela os fenômenos e, uma vez fenômenos, nada mais existe “atrás” deles, nada mais permanece velado (OPPITZ, 2011, p. 84).

Heidegger (2008, p. 78) também defenderá a ideia de que a fenomenologia seja algo inacabado ao argumentar que “(...) *o que ela possui de essencial não é ser uma ‘corrente’ filosófica real. Mais elevada do que a realidade está à possibilidade. A compreensão da fenomenologia depende unicamente de se apreendê-la como possibilidade*”. Seguindo esta linha de raciocínio Merleau-Ponty esclarece:

a fenomenologia, enquanto revelação do mundo, repousa sobre si mesma, ou, ainda, funda-se a si mesma. [...] Será preciso então que a fenomenologia dirija a si mesma a interrogação que dirige a todos os conhecimentos; ela se desdobrará então indefinidamente, ela será, como diz Husserl, um diálogo ou uma meditação infinita, e, na medida em que permanecer fiel à sua intenção, não saberá aonde vai. O inacabamento da fenomenologia e o seu andar incoativo não são o signo de um fracasso, eles eram inevitáveis porque a fenomenologia tem como tarefa revelar o mistério do mundo e o mistério da razão. Se a fenomenologia foi um movimento antes de ser uma doutrina ou um sistema, isso não é nem acaso nem impostura. Ela é laboriosa como a obra de Balzac, de Proust, de Valéry ou de Cézanne – pelo mesmo gênero de atenção e de admiração, pela mesma exigência de consciência, pela mesma vontade de apreender o sentido do mundo ou da história em estado nascente. (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 20).

O inacabamento então conferido a Fenomenologia pode prontamente ser entendido sob a metodologia do terceiro incluído. De acordo com Oppitz (2011, p. 86), “*no caso, um terceiro termo T (inacabamento), diferente de A (determinismo) e não – A (relativismo), é ao mesmo tempo A (determinismo) e não – A (relativismo)*”.

Conforme Oppitz (2011), os três termos coexistem no tempo, fazendo com que a tensão entre os contraditórios (determinismo e relativismo) provoque uma integração que supere a síntese, conciliando os termos opostos por meio da afirmação de todos eles.

Determinismo do mundo e relativismo do mundo são diferentes, porém, não negam um ao outro, afirmam-se, coexistindo no inacabamento, na meditação infinita que é a fenomenologia. Temos aí uma realidade complexa (...), que se apresenta ordenada em sua complexidade, coerente e com uma simplicidade diferenciada. Uma simplicidade complexa? Sim. Uma vez compreendida, é difícil escapar à lógica do terceiro incluído (OPPITZ, 2011, p. 86).

3.1.4 A Oposição Entre Sujeito e Objeto na Arqueologia

Assim como Heidegger argumenta (2008, p. 92), também acreditamos na questão onde o homem é apreendido como unidade de seu próprio corpo, alma e espírito e contemplar é um modo de presença do ser -no- mundo que:

(...) ao dirigir-se para... e apreender, a presença não sai de uma esfera interna em que antes estava encapsulada. Em seu modo de ser originário, a presença já está sempre “fora”, junto a um ente que lhe vem ao encontro no mundo já descoberto. E o deter-se determinante junto ao ente a ser conhecido não é uma espécie de abandono da esfera interna. De forma nenhuma. Nesse “estar fora”, junto ao objeto, a presença está “dentro”, num sentido que deve ser entendido corretamente, ou seja, é ela mesma que, como ser-no-mundo, conhece. E, mais uma vez, a percepção do que é conhecido não é um retorno para o “casulo” da consciência (...) (HEIDEGGER, 2008, p. 109).

Assim sendo, Weil (1993, p. 58) esclarece que a separação sujeito-objeto apenas existe dentro da mente humana, o que conseqüentemente nos impede de alcançá-lo porque dentro desta realidade fazem parte o sujeito (nós), o objeto (a pesquisa) e o processo de conhecimento (as tradições) (conhecedor, conhecimento e conhecido).

Heidegger (2008, p. 90) também expõe que “(...) o princípio de um eu e sujeito, dados como ponto de partida, deturpa, de modo fundamental, o fenômeno da presença” e que o responsável por isso seria Descartes e a separação que este faz entre a coisa racional e cognitiva e a coisa carnal, que resulta também na oposição entre natureza e espírito (HEIDEGGER, 2008, p. 140).

Merleau-Ponty (1999, p. 497) ainda acredita que ir das coisas ao pensamento das coisas, como fez Descartes, é restringir a vivência a uma soma de episódios psicológicos e, portanto, percebê-la como um estado da consciência, sem a qual nada existiria no mundo.

(...) não é o Eu penso que contém eminentemente o Eu sou, não é minha existência que é reduzida à consciência que dela tenho, é inversamente o Eu penso que é reintegrado ao movimento de transcendência do Eu sou e a consciência à existência (MERLEAU, PONTY, 1999, p. 513).

De acordo com Oppitz (2011), fundamentando-se no racionalismo e, deste modo, descolando o sujeito do objeto e o objeto do sujeito, a reflexão cartesiana faz com que haja somente dois modos de ser, o ser em si (o dos objetos), e o ser para si (o da consciência).

Adotamos também essa perspectiva onde, “(...) diante de mim outrem seria um em si, e, todavia ele existiria para si, para ser percebido ele exigiria de mim uma operação contraditória, já que ao mesmo tempo deveria distingui-lo de mim, portanto situá-lo no mundo dos objetos, e pensá-lo como consciência (...)” (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 468).

Portanto:

convida-nos a perceber o racionalismo em uma perspectiva histórica à qual ele por princípio pretendia escapar, a procurar uma filosofia que nos faça compreender o surgimento da razão em um mundo que ela não fez e a preparar a infra-estrutura vital sem a qual razão e liberdade se esvaziam e se decompõem. Não diremos mais que a percepção é uma ciência iniciante, mas,

inversamente, que a ciência clássica é uma percepção que esquece suas origens e se acredita acabada. O primeiro ato filosófico seria então retornar ao mundo vivido aquém do mundo objetivo, já que é nele que poderemos compreender tanto o direito como os limites do mundo objetivo, restituir à coisa sua fisionomia concreta, aos organismos sua maneira própria de tratar o mundo, à subjetividade sua inerência histórica, reencontrar os fenômenos, a camada de experiência viva através da qual primeiramente o outro e as coisas nos são dados, o sistema “Eu-Outro-as coisas” no estado nascente, despertar a percepção e desfazer a astúcia pela qual ela se deixa esquecer enquanto fato e enquanto percepção, em benefício do objeto que nos entrega e da tradição racional que funda (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 89-90).

Perceber o mundo a partir da oposição entre sujeito e objeto impede a apreensão da vivência do Outrem. Então para ultrapassar esta dicotomia e a decorrente aceitação do Outrem, necessitamos colocar o axioma objetivo em suspeita e regressar às coisas mesmas, retornar ao mundo anterior ao conhecimento científico do qual o conhecimento científico sempre fala.

Para Merleau-Ponty (1999), o pensamento objetivo implica em um sujeito puro, sucessivamente em concordância consigo mesmo, fazendo com que não haja lugar para Outrem e para uma multiplicidade de consciências. Ou seja, para ultrapassar a dicotomia sujeito-objeto e, assim, concordar com a essência de Outrem, é necessário adotar a complexidade, dando margens à aparição de um terceiro-incluído, que convive junto ao sujeito e ao objeto.

3.1.5 Paisagem Arqueológica como Engajamento: Tim Ingold e a *Dwelling Perspective*

Inicialmente, é importante fazer referência que à concepção de Ingold sobre o fenômeno da percepção e do conhecimento encontra-se na obra “*The perception of the environment: essays in livelihood, dwelling and skill*” (2002) e seus pressupostos fundamentam-se na abordagem designada *Ecological Psychology*, de James Gibson (1904-1979) e nos fenomenólogos Martin Heidegger (1889-1976) e Maurice Merleau-Ponty (1908-1961).

Na perspectiva ecológica de Gibson (1979) e dos filósofos fenomenólogos ora citados, o ambiente e o meio que o constituem, integram elementos suficientes para o seu conhecimento e a sua definição. Ainda para esses autores, as informações do ambiente não são entendidas casualmente e de forma indiferente pelo indivíduo. Sua apreensão é conduzida pela ação do sujeito em seu meio.

Então, neste modelo que Ingold propõe, a percepção é sempre desencadeada por um indivíduo engajado em seu meio e entrelaçado em práticas que determinam a interação entre o

conhecimento e os demais elementos presentes no seu ambiente. Nesse aspecto, a ação propositada e o engajamento do indivíduo aparecem nos exercícios do cotidiano que, conseqüentemente determinam o modo pelo qual o ambiente será manifestado e apreendido na experiência da percepção.

Ingold (2002) compreende a percepção do meio como um acontecimento que é deflagrado, especialmente, pelos elementos proporcionados no ambiente (através do engajamento), e não no pensamento em si, como indicam os modelos antropológicos clássicos de representação mental da natureza. Ingold (2002) ainda lembra que o procedimento de aquisição de conhecimento necessita ser percebido como um produto da ação e da vivência dos indivíduos no mundo.

Ingold (2002), então, rejeitará a ideia de conhecimento como um conjunto de códigos pré-estabelecidos e obtidos pela transmissão social entre as gerações. É importante lembrar que as proposições de Ingold afastam-se inteiramente da concepção antropológica clássica francesa sobre percepção, relacionada especialmente à figura de Emile Durkheim.

Para Durkheim (1976), a percepção humana começa por meio de estímulos sensitivos, percebidos como fenômenos desordenados, provisórios e incompletos do mundo e que são constituídos e simulados na mente humana por um sistema conceitual estabilizado, chamado de cultura. Essa compreensão clássica, conseqüentemente, decompõe o fenômeno da percepção em duas partes: a primeira de caráter biológica-sensorial e a segunda fundamentalmente mental e representacional (INGOLD, 2002).

Então, vamos logo de início demonstrar o que Ingold (2002, p. 76) pensa a respeito disto:

Knowledge of the world is gained by moving about in it, exploring it, attending to it, ever alert to the signs by which it is revealed. Learning to see, then, is a matter not of acquiring schemata for mentally constructing the environment but of acquiring the skills for direct perceptual engagement with its constituents (...) a process not of enculturation but of enskilment.

Procurando então superar a dicotomia estabelecida por Lemes (2008), entre o espontaneamente real e o culturalmente imaginado para a paisagem arqueológica de Quaraí, buscamos no antropólogo britânico Tim Ingold (2002, p. 3) uma melhor compreensão do ser humano e suas percepções de mundo onde passamos a entender que organismo e pessoa é uma mesma e única coisa. Ingold (2002, p. 5), então, **fortalecerá o conceito de que o ser humano permanece, desde o princípio, engajado em seu meio ambiente, como um**

organismo-pessoa que forma com o mundo um sistema, este habitado por objetos materiais, humanos e não humanos que se relacionam uns com os outros.

Esta concepção, que Ingold chama de *dwelling perspective*, aborda então o envolvimento do organismo-pessoa no mundo como qualidade última de existência. De acordo com Ingold (2002, p. 153), o mundo ininterruptamente surge e acontece em volta de seus habitantes, e os diversos constituintes deste mundo ganham definição por meio de sua associação num padrão aceitável de atividade cometido na própria vivência do mundo. Ingold então é completamente contrário à perspectiva de que antes de atuar no mundo as pessoas o idealizem em seus pensamentos, concepção essa que o autor denomina de *building perspective* ou perspectiva da construção.

Compreender o fazer arqueológico, a partir da *dwelling perspective*, demanda então a verificação de determinados conceitos. O primeiro deles diz respeito à noção de meio-ambiente. Para Ingold (2002, p. 20), seria inviável existir um organismo sem um meio-ambiente ou vice-versa. De acordo com Oppitz (2011), uma vez que ambos se desenvolvem juntos e enquanto há vida entre eles, há desenvolvimento contínuo nesta relação.

Ainda de acordo com Ingold, o conceito de meio-ambiente não pode ser confundido com o de natureza, pois “(...) *the world can exist as nature only for a being that does not belong there, and that can look upon it, in the manner of the detached scientist, from such a safe distance that it is easy to connive in the illusion that it is unaffected by his presence*” (INGOLD, 2002, p. 20).

O segundo conceito a ser ressaltado por Ingold é a dos meios pelos quais aprendemos a entender o mundo da forma que percebemos, pois “(...) *ability to situate such information, and to understand its meanings, within the context of a direct perceptual engagement with the environment*” (INGOLD, 2002, p.21).

Então:

(...) esta capacidade é adquirida quando temos as coisas “mostradas” para nós, pois neste ato somos convocados a atentar a elas, não para decodificá-las, mas para descobrir seus significados por nós mesmos, experienciando-as, apreendendo-as diretamente por meio de chaves, ou pistas, que abrem as portas da percepção e, quanto mais chaves, mais portas podem ser abertas (OPPITZ, 2011, p. 93).

Então é a partir da obtenção destas chaves que o ser humano instrui-se a entender o mundo da forma como percebe, são elas que admitem a percepção pré-reflexiva (INGOLD, 2002, p. 22).

E a uma última consideração a respeito da *dwelling perspective* seria das habilidades, ou aquilo que Ingold chamou de *skills*. Quando o autor fala em habilidades, Ingold (2002, p. 5) não se refere às técnicas do corpo, mas às competências de ação e percepção do organismo-pessoa engajado no mundo, sendo elas, assim, tanto biológicas quanto culturais.

As chaves que abrem a percepção, mencionadas acima, nada mais são do que “habilidades”, não transmissíveis de uma geração a outra e incorporadas ao organismo-pessoa somente por meio da experiência de atividades específicas do dia-a-dia. Desta forma, é possível, inclusive, dizer que variações culturais consistem, simplesmente, em variações de “habilidades”, resultando em percepções de mundo diferentes (OPPITZ, 2011, p. 93).

Quanto à noção de paisagem (*landscape*) desenvolvida por Tim Ingold (2002), podemos dizer que ela é refletida a partir de numerosos processos que se estabelecem na passagem do tempo, no formato de registros vagarosos de vidas e da atividade de gerações de seres, contidos aí seres humanos, animais e plantas, igualmente como ciclos geológicos e atmosféricos.

Paisagens para Ingold (2002) estão profundamente relacionada à temporalidade e esta não pode ser confundida com cronologia, como uma sucessão linear de um tempo oco e quantitativo, pois perceber paisagens temporalizadas representa então um ato de memória, relacionado ao engajamento e à movimentação em um ambiente impregnado de passado.

No seu celebre livro *The Perception of the Environment* (2002), Ingold detalha sua crítica à dicotomia artificial entre natureza e cultura, conceitos centrais do pensamento moderno cartesiano. O conceito de natureza é criticado pelo excesso de naturalismo, o que indicaria uma realidade exata demais, compreendida pelas ciências naturais e pela cartografia. Já o conceito de cultura estaria ligado às paisagens culturalistas construídas principalmente por antropólogos.

Para Ingold, **a paisagem não sugere um mundo externo e acabado**, livre dos seres que o habitam, muito menos imagens ou ideias mentais sobre ela. Habitando as paisagens, nós as produzimos, tanto quanto somos determinados por elas, por meio de processos materiais e diários.

Refletindo sobre esses engajamentos habituais com os seres (de todas as formas), os sinais do passado e o mundo, Ingold procura um caminho que busque definir o conceito de terra, natureza ou espaço de uma maneira sinérgica. Com essas distinções realizadas, Ingold recomenda uma distinção positiva da paisagem relacionada ao mundo e refletida a partir do ponto de vista daqueles que o habitam e o produzem. Paisagem então poderia ser aproximada

da noção de ambiente, mas ele evita empregar o termo, por sua tradicional relação à imagem de um mundo acabado.

Tim Ingold (2002), quando publica o artigo intitulado “*The Temporality of Landscape*”, procura mostrar que a vida é um processo que abrange a passagem do tempo e, ao mesmo tempo, a formação de paisagens. A paisagem então seria a forma de realização (*embodiment*) da *taskscape*, que é definida como o cruzamento das agilidades que são indispensáveis para habitá-lo (*dwelling*) e cuja temporalidade é eminentemente social e convive na rede de inter-relações entre as diversas cadências da vivência que constituem a própria *taskscape*.

Desta maneira, Ingold cria o conceito de *taskscape* para relacioná-la aos diferentes atos de viver, conhecer, entender e se desarticular no mundo. Paisagem e *taskscape* surgem dos mesmos fluxos de atividades, sendo, deste modo, inacabadas e em eterna construção. Para explicar melhor a ideia então de *taskscape*, ele observa o quadro *A Colheita do Trigo* (1565), do pintor holandês Pieter Bruegel, como se encontrasse no interior da paisagem, observando a si mesmo.

Figura 45 - A Colheita do Trigo, Pieter Bruegel, 1565



Fonte: Metropolitan Museum of Arts, New York. © wikimedia commons.

Desta maneira, Ingold adota as mudanças e os processos causados pelos atos de habitar, assinalados pelos ritmos e ciclos sociais, biológicos, geológicos em ressonância uns com outros. A paisagem então absorve (*embody*) séries, movimentos, aspectos e vidas na forma de qualidades duráveis, como vales, montes, passagens, padrões de vegetação, árvores, rios etc.

O referencial Ingoldiano então estabelece uma referência para trabalhos arqueológicos no campo da paisagem. Em função das suas ponderações, paisagem passou a ser analisada não mais como lugar externo, engessado, ou como figuras mentais, mas sim como um mundo produzido em uma ininterrupta mudança, considerado conjuntamente com ações e movimentos de humanos e não humanos.

Ingold (2002, p. 42) finaliza argumentando que os caçadores-coletores **não** são os únicos grupos que acreditam na **não** separação entre natureza e cultura e onde o mundo seria habitado por organismos-pessoas e por objetos que juntamente com eles formariam uma unidade.

Os caçadores-coletores têm uma apreensão de mundo distinta de nós ocidentais e também vivem o meio-ambiente com uma configuração que as outras pessoas não vivem.

O que Ingold sugere é:

This ontology of dwelling, I contend, provides us with a better way of understanding the nature of human existence than the alternative, Western ontology which has as its starting point a detached mind from the world, and which literally has to formulate it - to construct a intentional world into consciousness - before any attempt at engagement. The contrast, I repeat, is not between alternative worldviews; it is rather between two forms of apprehending it, only one of them (the Western) can be characterized as the construction of a vision, that is, as a process of mental representation. While for the other, apprehending the world is not a question of construction but of engagement, not of construction but of dwelling, not of making a vision of the world but of having a vision in it ... (INGOLD, 2002, p. 42).

Então para Oppitz (2011), se as pessoas de distintos lugares e compreensões de vida desiguais percebem uma mesma circunstância de maneira diferente, isso não ocorre porque elas carregam diferentes sistemas simbólicos. Para Oppitz:

(...) todos vivem por meio de engajamento no mundo e as diferenças que se instauram entre eles se dão unicamente por possuírem formas diferentes de apreender este mundo, estas possibilitadas por diferentes “habilidades” adquiridas ao longo de suas vidas no engajamento com o mundo. Diferentes “habilidades” resultam em diferentes apreensões do mesmo mundo devido às diferentes informações que o meio-ambiente fornecerá conforme a “habilidade” empregada. A cultura – termo forjado por pensadores modernos ocidentais para explicar as diferenças entre os povos, que abarca o conjunto de crenças e costumes de um determinado grupo – não pode ser responsabilizada pelas diferenças na forma de entender o mundo de pessoas de origens distintas, pois ela é, antes, um termo criado justamente para tornar estas diferenças mais inteligíveis para o cientista social. Variações nas crenças e costumes – aspectos da vida em sociedade sintetizados na palavra “cultura” – não são a causa das variações na forma de perceber o mundo e, sim, produtos dela. Diferentes meios de apreensão, diferentes “habilidades”, resultam em diferentes crenças e costumes (OPPTIZ 2011, p. 97-8).

3.1.6 Paisagem Habitada

Conforme Thomas, paisagem é um conceito complicado e complexo de ser determinado, porque este pode possuir várias definições que alteraram ao longo do tempo. Para Thomas (2001, p. 166), paisagem pode denotar o relevo e a morfologia de uma região, um pedaço de terra onde as pessoas habitam ou uma fração de piso que pode ser visto de um ponto vantajoso. Também pode ser visto como um objeto, um conhecimento ou uma representação.

O termo pode referenciar desinteresse e liberdade, conhecimento referente aos sentidos e a explicações, ambição e disparidade, e a dificuldade está em conservar todos estas informações numa articulação fértil (THOMAS, 2001, p. 166).

A paisagem, então, não pode ser apenas caracterizada como um contexto para a qual podemos apenas olhar. Paisagem é o mundo aonde nos arranjamos, é onde também tomamos um ponto de vista em nossos arredores (INGOLD, 2002, p. 207). Ela é motivada e sustentada por meio das conexões do organismo-meio ambiente, num processo de incorporação sinérgica (INGOLD, 2002, p. 193). Então:

what appear to us as the fixed forms of the landscape, passive and unchanging unless acted upon from outside, are themselves in motion, albeit on a scale immeasurably slower and more majestic than that on which our own activities are conducted. Imagine a film of the landscape, shot over years, centuries, even millennia. Slightly speeded up, plants appear to engage in very animal-like movements, trees flex their limbs without any prompting from the winds. Speeded up rather more, glaciers flow like rivers and even the earth begins to move. At yet greater speeds solid rock bends, buckles and flows like molten metal. The world itself begins to breathe. Thus the rhythmic pattern of human activities nests within the wider pattern of activity for all animal life, which in turn nests within the pattern of activity for all so-called living things, which nests within the life-process of the world (INGOLD, 2002, p. 201).

Christopher Tilley (2004), igualmente a Ingold, inspira-se na fenomenologia para avançar em suas ideias. Dentre os pensadores da fenomenologia, é em Merleau-Ponty que Tilley descobre os pressupostos para seu conceito de paisagem, destinando bastante cuidado àqueles elementos básicos do pensamento do filósofo e também com a questão da **sinestesia**, conceito chave tratado por Merleau-Ponty.

Sinestesia então é uma expressão que vem do grego *synaísthesis*, onde *syn* denota união e *esthesia* representa sensação, assim, uma razoável tradução significaria “**sensação simultânea**” (OPPITZ, 2011).

Podemos dizer que sinestesia é uma qualidade neurológica onde o cérebro interpreta sensações de natureza distintas em paralelo, ou seja, um som pode representar uma cor ou um aroma. Existe uma condição de cruzamento de percepções em um só estímulo de tal modo que uma cor pode ter um sabor ou um som pode ter um formato.

Fernando Pessoa, poeta português, falou que “*aquilo que em mim sente, está pensando*”. Podemos dizer que Fernando Pessoa resumiu boa parte do empenho filosófico da fenomenologia da percepção de Merleau-Ponty, na medida em que adota a integração entre sensação e pensamento, acabando com a oposição clássica entre razão e sensação que apoia boa parte do axioma ocidental.

Do um ponto de vista fenomenológico, a percepção abrange o uso conjunto dos sentidos: vivemos tão intensamente no mundo que não diferenciamos aquilo que assistimos daquilo que escutamos (TILLEY, 2004, p. 14).

Merleau-Ponty entende a percepção sinestésica como:

se não percebemos isso, é porque o saber científico desloca a experiência e porque desaprendemos a ver, a ouvir e, em geral, a sentir, para deduzir de nossa organização corporal e do mundo tal como o concebe o físico aquilo que devemos ver, ouvir e sentir (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 308).

Tilley (2004, p. 4-15) ainda chama atenção para a configuração das dimensões corporais, sendo elas categorias de existência no mundo, que é experimentado pela articulação de distinções fundamentais entre aqui/lá, perto/longe, cima/baixo, frente/trás, direita/esquerda.

Deste modo, lugares de altura elevada (montanhas, cachoeiras, pedras, monumentos) acabam sendo privilegiados culturalmente e emocionalmente por alguns grupos humanos, ao passo que lugares situados em níveis mais baixos costumam ser associados à escuridão, ou morte. Da mesma forma, nossos olhos, mãos, pés e etc. apontam para frente e assim engajam-se no mundo, fazendo com que aquilo que está à frente seja comumente entendido de forma positiva, enquanto costumamos dizer que coisas ruins acontecem “pelas nossas costas”, parte do corpo mais indiferenciada que dificulta nosso relacionamento com aquilo que está atrás – embora o oposto também ocorra e o que está à frente possa também ser visto como incerto, desconhecido, enquanto “voltamos para a casa”, para aquilo que nos é mais familiar, seguro. Muito comum também é associação de direita e esquerda com leste/oeste, vida/morte, aurora/crepúsculo, sagrado/profano, bem/mal, além de a forma como nosso corpo está sempre no centro – entre frente/trás, cima/baixo, direita/esquerda – resulta numa experiência corporal egocêntrica, que pode levar a modelos concêntricos de sociedade – modelos sociocêntricos, por exemplo, nos quais do centro para fora há diminuição de poder e dignidade (OPPITZ, 2011, p. 101).

Paisagens são sinestesticamente experimentadas por meio de nossos corpos (TILLEY, 2004, p. 28), levando em consideração a ideia de que o ser humano distribui a lugares os seus significados por meio da percepção.

Tilley (2004, p. 24) irá propor um entendimento de paisagem como *“perceived and embodied sets of relationships between places, a structure of human feeling, emotion, dwelling, movement and practical activity within a geographical region which may or may not possess precise topographic boundaries or limits”* (TILLEY, 2004, p. 25).

Então convém ao arqueólogo deixar sua percepção sinestésica do mundo dirigir suas definições e explicações, de forma a encontrar-se com as paisagens estudadas e com o mundo vivido.

No próximo capítulo faremos um histórico sobre como a tecnologia influenciou as pesquisas arqueológicas. Para tanto, buscaremos entender esta paranoia tecnológica sob a luz de Martin Heidegger e alguns teóricos da tecnologia atual.

CAPÍTULO 4

4.1 Teorias Técnica e Tecnológica e sua Aplicação na Arqueologia

A principal dificuldade na definição do que é tecnologia é tão problemática em nossas vidas que, constantemente, perdemos de vista o quanto somos dependentes e prisioneiros do mundo material que criamos. Então, no decorrer deste capítulo procuraremos demonstrar como o conceito de técnica e de tecnologia (que produzem cultura material) foi sendo modificado ao longo dos anos e de que maneira ele pode ser redescoberto e aplicado dentro do campo arqueológico.

4.1.1 André Leroi-Gourhan: O início das abordagens Tecnológicas

André Leroi-Gourhan (1911-1986) foi um arqueólogo e etnólogo francês respeitado e revolucionário nos estudos de pré-história e detentor de um pensamento extremamente raro. Podemos expor que Leroi-Gourhan inventou o conceito de **Biologia das Técnicas**, ou melhor, ele entendia e classificava as técnicas como se elas manifestassem uma aspiração própria e assim envolvessem os seres vivos.

Leroi-Gourhan (1985) procurava perceber as técnicas a partir de um enfoque universalista e, com isso, buscava compreender a diversidade da humanidade tentando esclarecer o fenômeno humano em sua totalidade. Metodologicamente, sempre acreditou que para estes estudos tecnológicos seria fundamental inserir-se em uma dimensão **sincrônica**.

Além disso, Leroi-Gourhan organizará as premissas fundamentais da noção técnica do Homem que se manifestará em três níveis, sendo eles: o específico, o sócio étnico e o individual (LEROI-GOURHAN, 2002, p. 21).

O primeiro nível (o **específico**) seria referente aos comportamentos ligados à natureza biológica humana e frutos de um longo processo evolutivo que culminou em nossa estrutura biológica atual. Assim Leroi-Gourhan esclarece que:

Com efeito, sendo o homem um ser que a visão e a audição são dominantes, os seus atos são geneticamente diferentes dos de um animal que tivesse o olfato e o tato como referências fundamentais; se o instinto existe de fato na execução de atos em relação aos quais os instrumentos se encontram geneticamente condicionados, então uma parte importante da atividade humana é instintiva (LEROI-GOURHAN, 2002, p. 18).

Já no nível **sócio étnico** o autor revelará que:

(...) a aparição de um dispositivo social baseado em valores culturais, que fracionam em etnias a espécie zoológica humana deixou-se finalmente entrever, implicando um tipo novo de relação entre o indivíduo e o dispositivo de agrupamento onde vai buscar sua eficácia (LEROI-GOURHAN, 2002a, p. 147).

No nível **individual**, a espécie humana apresentaria um caráter único, ou seja, teria condições de se emancipar simbolicamente tanto dos seus laços específicos quanto dos sócios étnicos. Desta forma:

A capacidade de emancipação dos laços sócios étnicos é de fácil e rápida compreensão, sobretudo em nossa sociedade "moderna", onde os ritmos cotidianos mudam continuamente e vivenciamos a cada geração transformações culturais profundas. Como o nosso modo de vestir, pensar falar, que se difere largamente dos de nossos pais ou mesmo avós, podendo situar ao passo de cada uma delas uma emancipação parcial em relação às anteriores (SILVA, 2014, p. 74).

Leroi-Gourhan (1985) acredita que a evolução das técnicas seguirá na maioria das vezes em direção de uma maior eficácia, no entanto, esta direção não se dá apenas de maneira linear e contínua podendo, por exemplo, ser interrompida ou retrocedida. Desta maneira, para que à técnica atinja sua melhor funcionalidade ela irá depender da influência dos meios **internos** e **externos** pertencentes a cada grupo em particular, que influenciaria diretamente no processo tecnológico, mas não modificaria a essência funcional do objeto – a denominada tendência da evolução (LEROI-GOURHAN, 1985).

Segundo Schndler (1994, p.175), é nas “*les interactions régulées entre l’organisme-sujet actif et le milieu en tant qu’ ‘objet de conquête’ que doit être cherché le mécanisme fondamental de l’évolution tant organique que mental*”.

Desta forma, Leroi-Gourhan alerta que as técnicas utilizadas em nossas práticas cotidianas podem ser encontradas nas cadeias operatórias maquinais (encadeamento de etapas sem apelo reflexivo), fato que será demonstrado no decorrer do capítulo.

4.1.2 Gilbert Simondon e a Gênese dos Objetos

Gilbert Simondon e Leroi-Gourhan tiveram suas obras separadas por um período de pouco menos de uma década e as diferenças de suas abordagens são inexoravelmente gritantes, pois Simondon (1985) procurará falar da evolução dos objetos técnicos modernos

destacando **o valor da gênese desses objetos**, explorando simultaneamente sua dimensão funcional e estrutural.

Confrontando as ideias centrais desses dois pesquisadores, são inegáveis que seus aspectos são heterogêneos. A principal diferença pode ser sublinhada nas argumentações de Simondon a respeito da noção de determinismo funcional dos objetos técnicos ressaltado por Leroi-Gourhan. Para Simondon (1985), todos os objetos técnicos estão relacionados não somente às exigências funcionais dos artefatos, mas sim ligados às **exigências estruturais que levam a esclarecer sobre sua própria gênese**.

Opostamente a Leroi-Gourhan, Simondon não busca na individualidade do objeto técnico a definição de sua gênese, mas sim busca inverter esta lógica, ou seja, a partir dos critérios da gênese é que se torna possível definir a individualidade e a especificidade do objeto técnico, pois, segundo Simondon (1985, p. 20), *“l’unité de l’objet technique, son individualité, sa spécificité, sont les caractères de consistance et de convergence de sa genèse”*.

Contudo, Simondon (1985, p. 17), também observa a dificuldade de definir a gênese de cada objeto técnico, pois *“l’objet technique est soumis à une genèse, mais il est difficile de définir la genèse de chaque objet technique, car l’individualité des objets se modifie au cours de la genèse”*. Além disso, ele adverte sobre o caráter ativo desse objeto técnico, ou seja, *“est ce qui n’est pas antérieur à son devenir, mais présent à chaque étape de ce devenir; l’objet technique un est unité de devenir”* (SIMONDON, 1985, p. 20).

Já quando Simondon (1985) sugere a aplicação do termo estrutura ele deixa claro que este fenômeno pode ser pensado como a demonstração organizada do objeto técnico, que pode ser definida, em termos gerais, como um conjunto de elementos organizados, dispostos na mesma ordem e que mantêm relações entre si. Diante disto, recorremos à definição de Boëda (1997), onde:

une forme intégrant et hiérarchisant un ensemble de propriétés techniques qui aboutissent à une composition volumétrique définie. C’est une forme caractérisée par l’ensemble des relations hiérarchiques et fonctionnelles des propriétés techniques. Cette forme consiste souvent en un volume particulier que nous dénommons *núcleo configuré* [destaque do autor] lorsqu’il s’agit d’opérations de débitage, et *pièce bifaciale* lorsqu’il s’agit d’opérations de façonnage (BOËDA, 1997, p. 30).

Percebemos nesta relação linear e evolutiva que a noção de estrutura provoca uma interação entre o homem (artesão) e à técnica e, com base nesse raciocínio, haveria uma

evolução mútua, já que o homem cria à técnica e à técnica é, para o homem, um fator de evolução e de individualização (VIANA, 2005).

Desta maneira, a evolução simultânea entre o artesão e à técnica irá originar as estruturas de linhagens que, seriam os conjuntos de objetos que se formariam a partir de um princípio técnico estável sob influência de um meio favorável.

Segundo Viana (2005), duas características sobre evolução marca a teoria de Simondon: a primeira considera os objetos técnicos portadores de partes constituintes - a memória de seus antecessores, ou seja, a **tecnicidade**; e a segunda aprecia a evolução de um objeto técnico relacionado à integração e ao aumento da sinergia de diferentes partes e funções de um artefato. Desta forma, para Simondon (1985, p. 34), “*l’objet technique progresse par redistribution intérieure des fonctions em unités compatibles, remplaçant le hasard ou l’antagonisme de la répartition primitive...*”.

De acordo com Viana (2005), já o processo de concretização dos objetos técnicos também se aproxima de uma normalização das características morfológicas presente nos processos de produção tecnológica e, conseqüentemente, nos leva ao estado de *hypertelie*, que pode ser caracterizado como uma especialização exagerada, que descaracteriza o instrumento em relação a uma mudança de utilização.

Como exemplo de objetos técnicos pré-históricos abstratos pode-se mencionar os raspadores plano-convexos, com um ou mais bordos ativos, nos quais as partes ativas do objeto podem ser utilizadas independentes umas das outras e, no caso de uma quebra ou de qualquer outro acontecimento não previsto, é possível retomar o objeto, mantendo sua função primeira ou adaptando-o a outra função. No caso de objetos técnicos concretos, os mais clássicos são as peças bifaciais ou foliáceas, como, por exemplo, as pontas de projéteis, nas quais todas as partes foram confeccionadas de modo integrado, havendo sinergia entre todos os elementos. Uma vez fracionada em qualquer uma de suas partes, o instrumento não funcionará mais de maneira adequada (VIANA, 2005, p. 55).

Nesse sentido, Boëda (1997) esclarecerá que o estado de *hypertelie* cria o ápice da evolução do instrumento. Esse fenômeno, por outro lado, também pode ser organizado pela essência humana, ou seja, um objeto pode ser abandonado apesar de operacionalmente ainda responder a suas funções técnicas.

Mas porque estas estruturas técnicas precisam evoluir? Para Simondon, as respostas estão nas causas extrínsecas, mas há, antes de tudo, uma necessidade interna, própria do grupo. Ademais, como enfoca Simondon (1985, p. 24) “*Si les objets techniques évoluent vers un petit nombre de types spécifiques, c’est em vertu d’une nécessité interne e non par suite d’influences économiques ou d’exigences pratiques...*”.

Para concluir esta abordagem evolutiva a respeito da técnica e da tecnologia, no próximo subitem vamos apresentar o principal crítico de Gilbert Simondon, o filósofo Pierre Rabardel (1995), que entende a teoria da evolução dos objetos técnicos a partir de uma perspectiva **tecnocêntrica** onde:

Elle correspond à un point de vue intimement technocentrique où ce qui est valorisé, c'est la perfection interne de l'objet technique qui atteint au statut d'être, d'individu technique. Ils'agit d'un point de vue intrinsèque à l'objet technique conçu comme un être en marche vers l'autonomie, c'est-à-dire vers l'affranchissement de l'opérateur (RABARDEL, 1995, p. 58).

4.1.3 Pierre Rabardel e a Antropologia das Técnicas

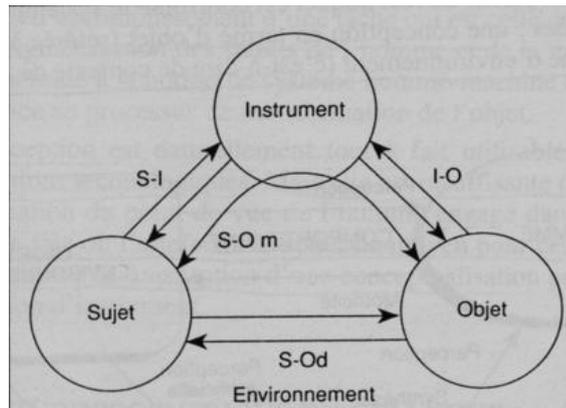
Segundo Rabardel (1995) classificamos erradamente tanto o objeto técnico como o sistema técnico, pois estes dois conjuntos não podem ser abordados apenas pelo seu perfil tecnicista, mas sim deveriam ser apreendidos no seu *savoir-faire* humano. Estes precisariam ser denominados de **antropotécnicos** já que foram raciocinados e concebidos em uma dimensão humana. (RABARDEL, 1995, p. 10).

Les hommes sont omniprésents dans leurs cycles de vie depuis la conception jusqu'à la mise au rebut en passant par les phases essentielles du fonctionnement et de l'utilisation. Il faut donc pouvoir penser, conceptualiser l'association des hommes et des objets, à la fois pour en comprendre les caractéristiques et les propriétés et pour les organiser au service des hommes (RABARDEL, 1995, p. 9).

Desta maneira, Rabardel (1995) direcionará seu interesse para as **agilidades** que os homens têm quando alimentam uma afinidade direta com o objeto, ou seja, **no seu uso**. Assim, o autor irá propor a substituição do termo objeto técnico pelo de artefato. De acordo com Mello (2005), no sentido antropológico, artefato então significaria qualquer coisa que sofreu uma transformação pelo agente humano e assim ampliaria o sentido do seu termo.

Nesta perspectiva, os artefatos para Rabardel (1995), estariam colocados em um esquema estrutural e em uma relação respectivamente formada **pelo sujeito, pelo objeto e pela matéria**.

Figura 46 - Relação Triédrica



Fonte: Rabardel (1995).

Assim, artefato para Rabardel seria:

L'artefact prend place dans une activité finalisée du point de vue de celui qui l'utilise, il a alors un statut de moyen d'action pour le sujet, un moyen qu'il se donne pour opérer sur un objet (...). Ici le rapport à l'artefact est appréhendé du point de vue du sujet, de sont activité et de son action. Dans cette perspective c'est la logique de l'activité et de l'utilisation (...) qui est organisatrice de l'approche du rapport instrumental de l'homme à l'artefact (RABARDEL, 1995, p. 62).

Deste modo, o autor expande a noção de artefato na qual o sujeito associa este a uma determinada função para a efetivação de uma tarefa. Não é somente o objeto que é associado e associável, pois são os esquemas de utilização que irão permitir a inserção de um artefato como componente funcional da ação do sujeito (MELLO, 2005).

Rabardel (1995), desta forma classificará os processos de instrumentalização como aqueles onde os sujeitos expandem as propriedades dos artefatos. Já os processos de instrumentação, como os que geram novos esquemas de utilização dos mesmos.

Para Mello (2005), esse processo só será inteligível se nós pensarmos em integrá-lo em uma perspectiva **sincrônica**, definindo seu lugar entre os outros objetos utilizados por um grupo de indivíduos, e em uma perspectiva **diacrônica**, em termos da linhagem técnica. Para se chegar a isso, será estabelecido para cada objeto um esquema diacrítico capaz de evidenciar as diferentes restrições citadas precedentemente inscritas no instrumento (leitura gestual).

Assim, Mello (2005) afirma que é fundamental a proposta de Rabardel (1995) para que se possa fazer um estudo tecnológico na sua totalidade do material lítico lascado e que de conta dos instrumentos na ação transformativa do uso.

4.1.4 Cadeia Operatória e o domínio da técnica Francesa

O termo cadeia operatória (*chaîne opératoire*) é aplicado na maioria das vezes em Arqueologia como uma metodologia de interpretação da tecnologia cultural. Desta forma, para Hélène Balfet (1991), a cadeia operatória pode ser encarada enquanto um conjunto de fatos técnicos, cujas intervenções são articuladas como elos de um processo, com um objetivo próprio, de modo que o observador possa relacionar um ato técnico, mesmo isolado a uma série anterior.

Segundo Karlin, Bodu e Pelegrin (1991), o etnólogo pode observar a construção das cadeias operatórias antes de interpretá-la, já o arqueólogo deve primeiro interpretá-las para depois buscar reconstruí-la. Para melhor compreensão da noção de cadeia operatória os arqueólogos franceses ressaltam a necessidade do entendimento dos aspectos cognitivos presentes na mente dos antigos artesãos, bem como os aspectos relacionados à função e ao funcionamento dos instrumentos, todos inseridos de forma direta ou subjacente na noção de sequencia operacional de produção e utilização dos instrumentos (VIANA, 2005).

Seguindo este raciocínio, Leroi-Gourhan demonstrará a necessidade de abranger as cadeias operatórias a partir de uma ligação entre os esquemas conceituais e operacionais.

A formação das cadeias operatórias leva, nas suas diferentes etapas, o problema entre o indivíduo e a sociedade. O progresso está submetido à acumulação das inovações, mas a sobrevivência do grupo é condicionada pela inscrição do capital coletivo, apresentado aos indivíduos no âmbito de programas vitais de caráter tradicional. A constituição das cadeias operatórias baseia-se no jogo de proporções entre a experiência, que faz eclodir no indivíduo um condicionamento por "ensaio e erro" idêntico ao do animal, e a educação, na qual a linguagem ocupa um lugar variável, mas sempre determinante (LEROI-GOURHAN, 2002, p. 25).

Leroi-Gourhan (1985) buscará assim estabelecer as premissas básicas de duas modalidades de cadeias operatórias que seriam as **maquinais** e as **periódicas**. Silva assim esclarece essa separação:

Cadeias operatórias maquinais: Compostas de aprendizados simples e de cunho vital, a partir de sequências de gestos estereotipados que garantem a sobrevivência do indivíduo enquanto membro de uma coletividade. (...) a concepção destas cadeias de atos tradicionais dá-se nas primeiras partes da vida sob a influência da aprendizagem por imitação, da experiência por tentativa e pela comunicação verbal. Estes tipos de cadeias exigem uma fraca intervenção consciente, desenvolvendo-se não no âmbito do automatismo, pois este implicaria em uma ausência de consciência, mas sim como em uma penumbra psíquica, da qual o indivíduo só sai mediante um imprevisto.

Cadeias operatórias periódicas ou excepcionais: São elas que marcam radicalmente a separação da sociedade humana do restante do mundo zoológico. Está relacionada com aquelas atividades que são desenvolvidas sazonalmente ou mesmo uma única vez em toda a vida. Por exemplo, a construção de um edifício, a elaboração de um determinado ritual, a preparação de ciclos agrícolas, etc. Contudo, nas sociedades animais, existem tais atos periódicos, mas estes estão submetidos a ritmos estacionais ou pela maturação fisiológica (SILVA, 2014, p. 75).

Assim, a utilização do conceito de cadeia operatória pelos estudiosos da tecnologia lítica pode ser atribuída à convergência de vários fatores de **mudança** como também nos domínios arqueológicos e nas disciplinas adjacentes, onde se pode destacar a melhoria nas técnicas de escavação, as remontagens e a prática da arqueologia experimental (SILVA, 2014).

Após apresentação deste viés tradicional sobre técnica e tecnologia, faremos também uma análise fenomenológica sobre o tema. Logo abaixo iremos esclarecer alguns conceitos empregados na filosofia da tecnologia, a saber.

4.1.5 O caminho para a essência da técnica

Quando o recanto mais remoto do globo tiver sido conquistado pela técnica e explorado pela economia, quando qualquer acontecimento se tiver tornado acessível em qualquer lugar a qualquer hora e com uma rapidez qualquer, quando se puder “viver” simultaneamente um atentado a um rei na França e um concerto sinfônico em Tóquio, quando o tempo for apenas rapidez, momentaneidade e simultaneidade e o tempo enquanto História tiver de todo desaparecido da existência de todos os povos, quando o pugilista for considerado o grande homem de um povo, quando os milhões de manifestantes constituírem um triunfo – então, mesmo então continuará a pairar e estender-se, como um fantasma sobre toda esta maldição, a questão: para quê? – para onde? – e depois, o que? O declínio espiritual da terra está tão avançado que os povos ameaçam perder a sua última força espiritual que [no que concerne o destino do “Ser”] permite sequer ver e avaliar o declínio como tal. Esta simples constatação nada tem a ver com um pessimismo cultural, nem tão-pouco, como é óbvio, com um otimismo; pois o obscurecimento do mundo, a fuga dos deuses, a destruição da terra, a massificação do homem, a suspeita odienta contra tudo que é criador e livre, atingiu, em toda a terra, proporções tais que categorias tão infantis como pessimismo e otimismo já há muito se tornaram ridículas. MARTIN HEIDEGGER, em “INTRODUÇÃO À METAFÍSICA”.

Dentro deste ponto de vista, onde a tecnologia mostra seu lado danoso, temos a fenomenologia de Heidegger para buscar explicações. Em 1953, o filósofo alemão buscou formular uma resposta para essas questões. No seu ensaio, “*A questão da técnica*”, gerado de uma conferência proferida na Escola Superior Técnica de Munique, ele previa um futuro catastrófico para a tecnologia humana.

Para Heidegger, interrogar a técnica, seria indagar o que ela é. Ao perguntar o que ela é, ele sugere a organização de um caminho, que seria o pensamento arquitetado a partir da linguagem. Esta liberdade estabelecida pela linguagem seria a forma de presenciar à essência da técnica, ou seja, àquilo que realmente ela é.

Para Heidegger (1997), à técnica, se diferencia da essência da técnica ao ser entendida como um meio para um fim ou uma atividade do homem. Tais entendimentos podem sugerir a fabricação ou uso de ferramentas, aparelhos e máquinas indicando uma determinação antropológica. Segundo Heidegger (1997), esta compreensão instrumental e antropológica vinculadas à matéria e ao ato não revela a essência da técnica, uma vez que tal essência permaneceria vinculada a uma apropriada interpretação do termo. No entanto, esta correta interpretação do termo permaneceria afastada da verdade, caminho para a essência da técnica, ou seja, aquilo que realmente ela é.

Portanto, quando Heidegger avalia a questão da técnica, o que interessa para ele **não é o entendimento da técnica como um meio para um determinado fim. O que Heidegger procura analisar é a sua essência que está encoberta e acabam conseqüentemente conduzindo todas as nossas ações do mundo técnico (o modo do ser ocidental)**. Desta forma, à técnica passa então a ter respostas para todos os problemas que não ponderamos ou sequer formulamos ainda. Por esse motivo, Heidegger sempre julgou que a tecnologia é intrinsecamente danosa. Desde seu surgimento e seu subsequente predomínio na paisagem planetária significariam, portanto uma guinada errada pelo qual a história do pensamento ocidental enveredou a partir do século XVII (POSSAMAI, 2010).

Foi nesse período que a Filosofia se inclinou em direção a uma metafísica mecanizada do universo. A partir daí, à ciência se coligou à técnica e esta se tornou a tecnologia que temos hoje. Então, após essa transformação paradigmática, tudo que é visto a partir de um ponto de vista do número começa a ocupar o lugar do ser, e assim, a técnica adquire o sentido de cálculo (POSSAMAI, 2010).

Através dessa virada, o homem torna-se senhor da natureza e sujeito do mundo. Diferentemente da técnica no mundo grego, a tecnologia moderna mira o domínio e a opressão à natureza. O que hoje chamamos de desastre ecológico já estava previsto há muito tempo nas entrelinhas do texto de Heidegger.

Um dos exemplos que Heidegger (1997) cita em seu livro seria a construção de hidrelétricas. Para ele, o que ocorre neste processo seria uma **apropriação** e não o **emprego** das forças naturais de um rio. **A apropriação se daria na medida em que a tecnologia visa o domínio da natureza e a conseqüente destruição do meio ambiente.**

Assim, Heidegger (1997), não teme a tecnologia, mas sim sua dominação expansionista, sua transformação em única maneira de ser. Podemos dizer que, o pensamento de Heidegger sobre a técnica proporcionou ferramentas que admitem pensar uma nova abordagem em relação à tecnológica contemporânea e sua conexão com a natureza, com o mundo, com os objetos e mesmo com os próprios artefatos tecnológicos.

E agora finalizando este assunto vem à pergunta, qual relação da arqueologia com a obra de Heidegger? Em nossa opinião, **a temática da arqueologia moderna é a do ser humano manipulado pela tecnologia e pela sua dinâmica que governa o mundo atual.** Munindo-se de milhares de aparatos tecnológicos que seriam supostamente necessários para o viver diariamente, o arqueólogo se encerra de tal forma que acaba por não reconhecer a si mesmo e aos demais que o rodeiam. Na perspectiva da tecnologia atual, a sociedade está doente, sofrendo do mal da não convivência e da rendição às máquinas em detrimento dos sentimentos e das percepções.

4.1.6 O Conceito de Tecnologia para Val Dusek

No tocante ao conceito de tecnologia, compete primeiramente avisar que este se mostra de difícil definição, inexistindo algum pensador atual que apresente um conceito claro e único para o tema.

Dentro desta perspectiva, apresentaremos o conceito de tecnologia de Val Dusek (2009). Dusek irá dividir o conceito de três maneiras, sendo elas: **a tecnologia como instrumental, como regra e como sistema.**

A primeira forma de Tecnologia para Dusek (2009), a instrumental, estaria relacionada com as ferramentas e com as máquinas utilizadas pelo ser humano. Nesta etapa a tecnologia visa à geração de um benefício ao homem. Já a tecnologia como regra, estabelece que esta poderia ser aplicada como uma padronização do pensamento sobre determinada função técnica. Ela simplesmente nos remete para as relações meios - fins, ou seja, podemos dizer que tecnologia, aqui, é essa relação, e não mais utensílios e instrumentos.

A 'técnica' de Ellul [...] trata a tecnologia antes como regras que como ferramentas. 'Software' versus 'hardware' seria outra maneira de caracterizar a diferença de ênfase. A tecnologia envolve padrões de meios-fins. A tecnologia psicológica de Skinner, a megamáquina sem ferramentas de Mumford ou as técnicas de Ellul não são problemas para esta abordagem da tecnologia (DUSEK, 2009, p. 48).

A terceira e última forma de tecnologia, caracteriza-se pela noção de sistema. Destaca Dusek (2009) que, para que um instrumento, aparelho ou artefato seja tecnológico dentro de um sistema, é necessário que as pessoas o aproveitem, o reformem e o mantenham em um determinado contexto social.

Apresentados estes contextos, e minimamente conceituado o termo tecnologia, trabalhar-se-á as novas possibilidades fenomenológicas relacionadas com a produção desta tese e com o que esperamos para a produção arqueológica e tecnológica.

4.1.7 Fenomenologia no estudo da Tecnologia para Don Ihde

Don Ihde, filósofo norte-americano, em seu livro *Technology and the Lifeworld* (1990) descreve de maneira clara como os instrumentos concebidos pelo homem a fim de modificar a sua realidade transformam o seu contato com ela e com a experiência de si mesmo.

Abordada então pela perspectiva da fenomenologia, a tecnologia pode ser pensada como:

(...) não há forma de abordar a tecnologia como se tratasse de um objeto ante ao ser humano porque, para a Fenomenologia, a experiência primária, é a do ser humano no mundo (eu-relação-mundo). Assim, a relação homem-tecnologia é a premissa primitiva da teoria fenomenológica (CUPANI, 2011, p. 121).

Podemos dizer que Don Ihde foi o primeiro a pensar a partir da fenomenologia heideggeriana de *Ser e Tempo*, na incorporação (*embodiment*) do homem pela tecnologia. As tecnologias tornaram-se inerentes na definição de coisas essenciais ao humano. Por exemplo, na nossa percepção de mundo, Ihde fala que é por meio da tecnologia, que produzimos a realidade. Então o homem intermedia a observação e a ação no mundo por meio das técnicas (CUPANI, 2011).

Como já mostramos acima, uma das relações homem - tecnologia assinalada por Ihde (1990) é a da incorporação. Acreditamos que ela divulga em parte o que chamamos de extensão técnico-corporal. De acordo com Ihde, uma relação dada pela incorporação é a que aceita experimentar, utilizar e produzir algo no mundo através de um objeto que se torne extensão de seu próprio corpo (IHDE, 1990).

Então Don Ihde (1990) indica a existência de algumas articulações entre o homem e a máquina que se estabelecem. Remetemos para elas:

1. A incorporação, na qual a máquina aparece como uma expansão do corpo em relação ao mundo;
2. A hermenêutica, em que a máquina se põe em frente ao humano como documento a interpretá-lo;
3. O pano de fundo, que se acena aos lugares em que as máquinas desaparecem na indiferença, nas margens da irrelevância. Abaixo elaboramos um pequeno quadro explicativo para melhor compreensão.

MODO FENOMENOLOGICO	CONSTITUIÇÃO	EXEMPLOS
Relação de incorporação	O corpo incorpora o instrumento. A percepção do mundo se dá por meio dele. Eu não vejo a luneta, mas vejo através dela.	Uso de óculos, bengala etc..
Relação hermenêutica	Prolongamento da imagem. O corpo se envolve com o mundo através de um instrumento. O artefato é lido nesta intermediação.	Leitura de um relógio, termômetro.
Relação de alteridade	Os seres humanos não tem relação com o mundo via instrumento uma vez que as máquinas têm comportamentos quase humanos.	Carro, computador.
Relação de pano de fundo	Formação de um segundo ambiente. Os instrumentos estão presentes e ausentes ao mesmo tempo.	Refrigeradores e aquecedores de ar.

Alberto Cupani (2011), nos mostra como a tecnologia modificou o que ele chama de diretriz mundo do **nosso ser-no-mundo**. As nossas corporeidades tem se modificado cada vez mais pelas tecnologias, e de tal modo que a sua incorporação não pode mais ser percebida como tal. Então o autor esclarece que:

(...) “tecnologia” não “designa” uma forma de técnica mais evoluída e potente graças à sua associação com a ciência (...), mas um modo de vida da Modernidade. A tecnologia é o modo tipicamente moderno de o homem lidar com o mundo, um “paradigma” ou “padrão” (*pattern*) característico e limitador da existência, intrínseco à vida cotidiana (CUPANI, 2011, p. 140).

Para finalizar, podemos dizer que para os autores da Fenomenologia, os conhecimentos técnicos incorporados pelo ser humano, produzem sentido à percepção de cada pessoa a respeito de um fenômeno em particular.

E a expressão estar-no-mundo dentro do contexto tecnológico, que pode ser trocada pelo termo incorporação, apresenta-se como um conceito que estabelece os laços físicos que existem entre uma pessoa e o mundo, pois essa pessoa pensa, vê, ouve, sente e está consciente através da interação de seu corpo com o mundo. **A incorporação da tecnologia feita pelo ser humano está então conectada a sua existência e a sua vivência a partir de corpos que somos e que acessam o mundo por meio de nossos sentidos e percepções.**

No próximo capítulo buscaremos exemplificar como a tecnologia foi usada nos resultados de nossas análises da cultura material resgatada do Sítio Arqueológico Santa Clara.

CAPÍTULO 5

5.1 Sobre o Lugar e Suas Coisas e Substâncias

De acordo com Bisinella (2011), assim como os objetos, os sítios arqueológicos não tem história no presente antes de seu descobrimento. Mas então como estes espaços tornam-se arqueológicos? Como são dotados de importância, seja ela arqueológica ou não? Na busca de respostas para tais indagações procuraremos apresentar como o Sítio Arqueológico Santa Clara tornou-se relevante e importante dentro do contexto da fronteira oeste do Rio Grande do Sul.

Dentro desta perspectiva, Julian Thomas (1996) irá avançar em relação ao conceito de lugar como um espaço quando este passa a ser integrado com as experiências vividas e engajadas socialmente. Conforme Bisinella, então:

Lugares surgem quando experiências são vividas neles. Segundo Tuan, experiência é um termo abrangente para os vários modos através dos quais as pessoas conhecem e reconstróem uma realidade. Isto pode ocorrer de forma direta e íntima ou indireta e conceitual. Quando usamos nossos sentidos, como o toque e a audição, podemos conhecer o local em que moramos intimamente. Já a partir do momento em que utilizamos somente ideias e conceitos, de modo simbólico, para caracterizar um lugar, apenas podemos conhecer sobre ele - principalmente se ele for muito extenso, como uma cidade ou um país (BISINELLA, 2011 p. 49).

Julian Thomas (1996) irá utilizar em suas abordagens a definição de lugar para entender os locais relativos ao mundo vivido. O espaço então se transforma em um lugar pela ação humana e por seu aproveitamento físico e abstrato.

Edgeworth (2011) levantará outra questão ao apreciar os rios enquanto artefatos. Apesar de serem tidos como naturais, os rios são igualmente culturais, na medida em que formam parte de histórias de indivíduos e grupos.

Para Edgeworth (2011), o ponto decisivo desta abordagem é de que todos os objetos, sólidos ou até mesmo líquidos, são decisivamente uma mistura do natural e do cultural. Estes dois aspectos estão definitivamente conectados para o autor.

Podemos dizer então que um espaço, sendo ele sólido ou fluido, torna-se expressivo em virtude do seu envolvimento com mundos vividos. Ingold (2002) **afirmará que cada lugar absorve um significado através do engajamento das pessoas com o mundo.** Neste engajamento, tanto físico quanto mental, os significados são apanhados no mundo, não

podendo ser separados dele (INGOLD, 2000). Para o autor, não apenas observamos os lugares, mas os experimentamos com todos nossos sentidos.

Um sítio arqueológico então é composto por experiências de pessoas que gastaram seu tempo lá. É a partir desta situação do engajamento das pessoas com o mundo, no interesse da moradia ou de outra atividade, que cada sítio arqueológico torna sua significação singular (INGOLD, 2000).

Segundo Thomas (1996) (e a partir de uma abordagem fenomenológica), o corpo humano é o elemento pela qual as pessoas conseguem alcançar sua percepção do mundo, uma vez que o espaço habitado e conhecido só podem ser vividos através da ação corporal. Essa forma pessoal de adjacência do mundo é o resultado da habitação de um espaço. Nossa percepção de espaço então repousa na capacidade humana de viver experiências, e é justamente esta ação que compõe a ordem espacial do lugar vivido (THOMAS, 1996).

Podemos dizer então que o Sítio Arqueológico Santa Clara é considerado nesse trabalho como um local de significação humana, com sua peculiaridade da experiência manifestada e anunciada no dia-a-dia da vida e na consciência das pessoas que ocuparam aquele espaço com seus modos de vida particulares e suas habilidades distintas. Assim, seus significados relacionam-se em torno da sua percepção existente e vivida naquele contexto (THOMAS, 1996).

Especificados os conceitos nos quais o termo lugar será abrangido e referido neste texto, partimos para a apresentação do espaço no Sítio Arqueológico Santa Clara.

5.1.1 O Sítio Arqueológico Santa Clara

De acordo com Bisinella (2011), qualquer local possui características físicas e naturais como cobertura vegetal, solo, relevo, dentre outros, que precedem as próprias ocupações humanas que possam ou não ter ocorrido nele. Segundo a autora, tais aspectos, mesmo que sejam precedentes à ação do próprio homem, fazem parte da história de todos os locais pesquisados pela arqueologia, pois, determinados modos, consentiram ou restringiram uma série de interferências neles ao longo do tempo. Não fazem parte, porém, das suas histórias enquanto lugares, uma vez que, os últimos oferecem relação apenas com mundos vividos e experimentados por pessoas.

Desta maneira, a análise dessas pré-condições permitirá compreender melhor os distintos usos que constituíram o espaço do sítio arqueológico, tais como aterramento e construção de estruturas coloniais, trabalhos agrícolas, de remoção de árvores e até mesmo

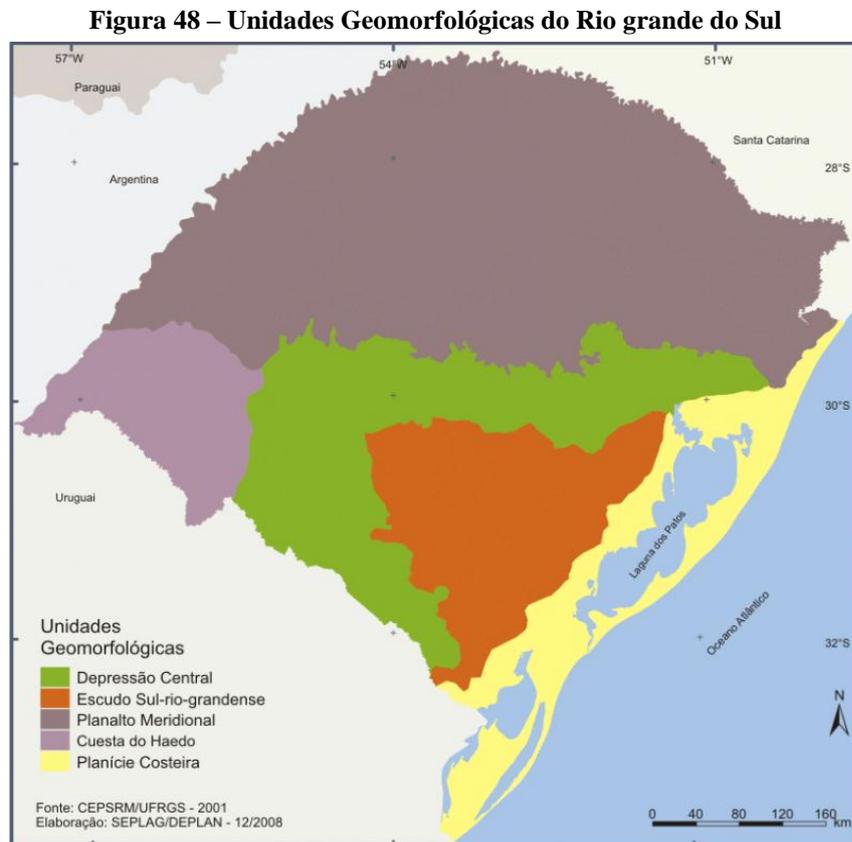
atividades de intervenção arqueológica. Desta maneira, serão compreendidos nesta apreciação aspectos geológicos, geomorfológicos, topográficos, pedológicos e relacionados à estratigrafia do lugar.

5.1.2 Aspectos Físicos do Sítio Arqueológico Santa Clara

O Sítio Arqueológico Santa Clara se diferencia por ser continental e a céu aberto, encontrando-se na região sudoeste do Rio Grande do Sul, perto da fronteira com o noroeste da República do Uruguai, no interior do município de Quaraí a quase 30 km sudeste da cidade. Está localizado em um interflúvio de canais de categorias distintas, sendo delimitado ao norte pelo Arroio Areal, a sul pelo Rio Quaraí e a sudeste pelo Arroio Cati.

Conforme Silva (2014), hidrograficamente o sítio está inserido na área de abrangência da Sub-Bacia hidrográfica do Quaraí, que é afluente do Rio Uruguai, limitada a norte, leste e oeste pelo Rio Ibicuí e ao sul pelo Rio Quaraí. Está posicionado a oeste-sudoeste do Estado, na região fisiográfica da Campanha, entre as coordenadas geográficas 29°40' a 30°30' (latitude Sul) e 56°30' a 57°40' (longitude Oeste), tendo uma área de aproximadamente 6.471,77 Km², envolvendo os municípios de Barra do Quaraí, Quaraí, Santana do Livramento e Uruguaiana. Seus principais cursos de água são os arroios Moirões, Sarandi, Quaraí-Mirim, Garupa, Capivari e o Rio Quaraí. Limita-se ao norte, leste e oeste com a bacia do Ibicuí e ao sul com o Rio Quaraí (República do Uruguai). O Rio Quaraí tem nível muito baixo e pode, eventualmente, secar revelando um leito pedregoso (SEMA) (UFSM/Hidrografia).

que ocasionou o capeamento basáltico da Bacia do Paraná. A formação Serra Geral capeia o avesso da formação Cuesta do Haedo, com episódios de afloramentos da formação Botucatu (Janelas Botucatu), sendo nestes que geralmente ocorrem os areias do Sudoeste do estado.



Fonte: www.ufrgs.br/srn

No que se refere à geologia da área, Suertegaray (1989, p.22) assegura existirem duas unidades passíveis de caracterização, uma designada Unidade A com propriedades deposicionais de ambiente fluvial, e outra nomeada Unidade B, composta em ambiente eólico. Em relação a estas unidades, Suertegaray argumenta que as condições ambientais do passado da região podem ser decompostas em três fases. A primeira fase seria de uma etapa Úmida que teria ocorrido entre o final do Pleistoceno e início do Holoceno. Já a segunda fase seria marcada pelo Ressecamento Climático datado entre 4.000 e 2.400 A.P., onde teriam ocorrido depósitos eólicos presentes nos sítios arqueológicos até os dias atuais. A terceira e última fase seria a da Umidificação e corresponderia a nossa fase atual, com continuidade da pedogênese, mas com maior lixiviação, acidificação dos horizontes atuais e o início da transformação das argilas. Geomorfologicamente corresponderia à fase de arredondamento das vertentes e colonização vegetal mais efetiva.

5.1.3 As escavações no Sítio Arqueológico Santa Clara

In the midst of beings as a whole an open place occurs. There is a clearing, a lighting... Only this clearing grants and guarantees to us humans a passage to those beings that we ourselves are not, and access to the being that we ourselves are. (HEIDEGGER, 1971 p. 53).

A seguir apresentaremos as distintas formas que adotamos para abordar a escavação, lembrando que estas propostas estão continuamente interligadas e dependentes uma da outra. Seriam elas: **a metáfora de uma clareira na floresta e a escavação arqueológica como uma prática de habilidade artesanal.**

Uma abordagem como esta, influenciada pela fenomenologia, fundamenta-se em uma visão bastante flexível da cultura material, compreendendo, assim, um estudo holístico e integrado de todas as substâncias reveladas pelos arqueólogos e não apenas de análises de artefatos acabados.

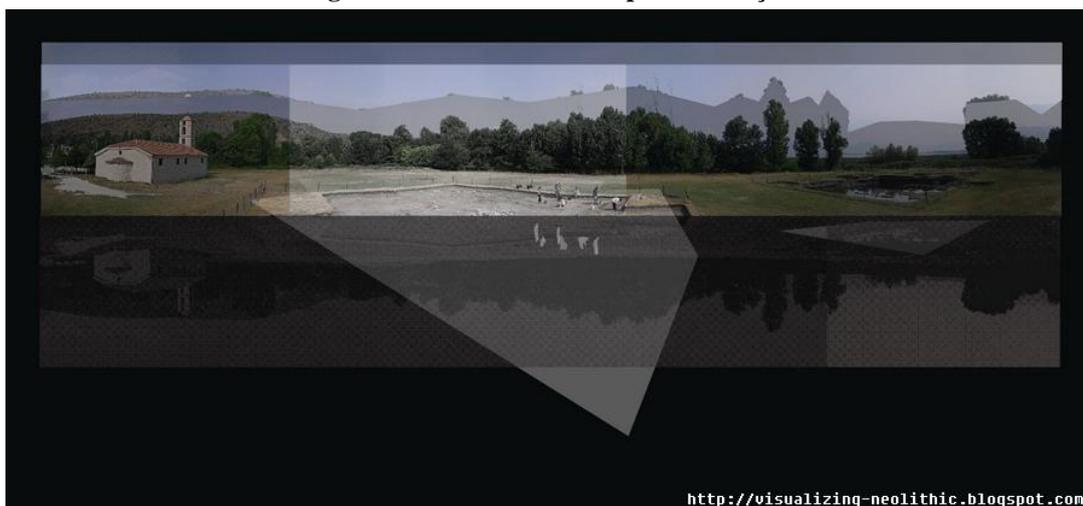
Seguindo este raciocínio holístico, Boivin (2004) apresenta um importante trabalho sobre o engajamento humano com o mundo material e alerta para a necessidade de acabar com as distinções tradicionais que insistem em dividir o registro arqueológico em esferas separadas e isoladas de estudo.

Então a nossa finalidade neste capítulo é mostrar como o arqueólogo **cria** suas fontes de pesquisas e pode assim acessar seu objeto de estudo - as sociedades passadas - ainda que de forma indireta, na escavação arqueológica.

Em outras palavras, como coloca Holtorf (2002), gostaríamos de entender como as coisas, os objetos do passado, se tornaram artefatos antigos. Na intenção de buscar respostas para esta pergunta, encontramos no centro da filosofia do ser de Heidegger (Dasein) a noção da clareira (como uma fenda), em que entes podem aparecer da obscuridade e tornarem-se concretos ao serem trazidos à luz.

Tal conceito é fundamentado na metáfora de uma floresta sombria e que no meio dela expõe uma clareira, sendo esta um lugar aprazível, onde o sol brilha e que aceita que surjam na luz da consciência humana todas as coisas que serão reveladas ou encontradas no mundo da escuridão (EDGEWORTH, 2006b).

Figura 49 – Clareira aberta pela escavação



Fonte: Edgeworth (2006b).

Edgeworth (2006b) emprega tal metáfora para esclarecer como são localizados objetos e padrões que estavam ocultados, enterrados, sendo estes padrões descobertos através dos atos de revelação. Desta maneira, isto pode se dar por meio de atividades como a escavação arqueológica, que poderia ser visualizada como uma clareira em meio a uma floresta e esta seria caracterizada por apresentar abordagens artificiais (como a escavação).

Figura 50 – Clareira aberta pela escavação



Fonte: Edgeworth (2006b).

Estas clareiras podem ser definidas então por cortes de máquinas, por colheres de pedreiro na escavação, por linhas que marcam os limites entre o experimentado e o não vivido (as quadriculas), o aparente e o não palpável no campo da percepção humana (EDGEWORTH, 2006b).

(...) What is special about human experience, after all, is that it is not a static field in quite the same way that a forest clearing is. It is experience-in-movement. Human beings not only discover; they also explore, investigate. The horizons of their shifting fields of awareness expand and contract rather than remain constant (...) (EDGEWORTH, 2006b, s/p).

Edgeworth irá refletir então a importância destas questões esquematizando relações entre o campo material arqueológico e a clareira:

Excavation is a crucial moment in the archaeological process. It is where theory is grounded in practice and conversely where practice is enmeshed in theory. It is an encounter in which the applied force of archaeological knowledge meets the resistance of material evidence. Against that resistance practical skills can be honed and theoretical ideas tested. If we didn't have this and other clearings as a kind of touchstone, or footing in reality, archaeological theory would be largely free-floating or groundless. This is where we „touch base' - in our embodied perception of material evidence. And when we do, something emerges into the domain of culture and knowledge and everyday practicalities (what Heidegger calls „the world“) from the domain of everything which, at least up to that moment, existed independently of our cultural universe (what Heidegger calls „the earth“). Something that was previously buried comes crashing into the light. (EDGEWORTH, 2006b, s/p).

Ainda de acordo com Bisinella (2011), quando tais objetos e demais vestígios materiais despontam de um estado de escuridão em que se deparavam, quando ainda faziam parte do mundo da natureza, este serão decompostos em algo inteiramente diferente e chamados de vestígios arqueológicos. Desta maneira, a escavação pode novamente ser idealizada como uma prática capaz de consolidar objetos, estruturas, mas não no sentido literal do termo, e, sim, em relação a novos significados que podem impor a formas materiais que já existiam.

In excavation, the most important frontier between the known and the unknown is situated, not so much at the edges or limits of the clearings already described, but rather at the very point where the moving blade of the trowel is at work opening up the material field - in that practical space where the hands operate immediately in front of the body. Each scraping action with the trowel or spade is a kind of miniature act of discovery, a materializing moment of excavation. Here there is an emergence of formerly invisible and unknown entities. There is an unfolding of material, not only of the already

known and the half-expected but also of surprising and contradictory evidence – even sometimes the completely unknown. Objects and patterns from other cultural worlds break into our social and political space (EDGEWORTH, 2006b, s/p).

Portanto, apresentaremos logo abaixo às escavações realizadas que tiraram da escuridão a cultura material do Sítio Arqueológico Santa Clara.

5.1.4 As campanhas de campo no Sítio Arqueológico Santa Clara

Conforme Silva (2014), o Sítio Arqueológico Santa Clara foi alvo de um total de cinco campanhas de campo, contudo as três primeiras, realizadas em abril de 2009, junho de 2009 e fevereiro de 2011, foram basicamente direcionadas para as ocupações pós-coloniais que ocorreram no local e foram alvo do trabalho de Pes (2013), fazendo parte de uma série de trabalhos voltados para a reconstituição da ocupação estancieira na região de Quaraí, juntamente com os trabalhos de Gomes (2001), Santi (2004), Nobre (2011), Toledo (2010) e Thomasi (2008).

Podemos dizer que o primeiro trabalho de campo realizado em 2009 restringiu-se ao reconhecimento do possível potencial arqueológico da área, com a identificação de estruturas coloniais (como mangueiras de pedra e ruínas de habitações), mas já neste trabalho foi identificada a ocorrência de material lítico superficial (SILVA, 2014).

Já na segunda intervenção, em junho de 2009, foi realizado um “*Full Coverage Survey*”, apontando à localização de possíveis áreas de concentração de materiais líticos lascados, assim como também foi realizada a abertura de duas sondagens controladas. Uma em frente às ruínas (Sondagem controlada 1), onde acontecia maior concentração de materiais líticos e uma nos fundos (Sondagem controlada 2), onde tinha sido identificado uma grande abundância de materiais coloniais (SILVA, 2014).

Figura 51 – Full Coverage Survey, junho de 2009



Fonte: LEPA-UFSM

Figura 52 – Início da escavação na "Sondagem controlada 1", junho de 2009

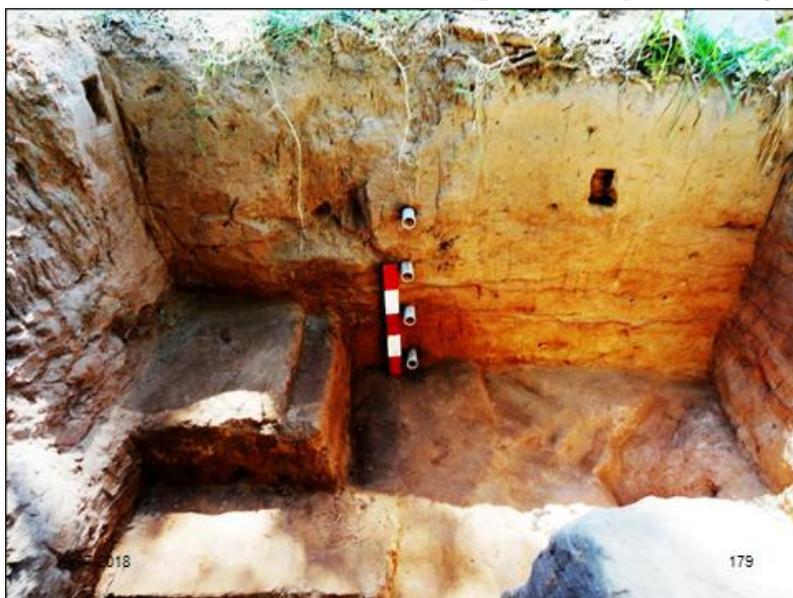


Fonte: LEPA-UFSM

Durante os meses de fevereiro e março de 2011, foi realizada uma campanha de campo direcionada para a escavação de uma área estabelecida nos fundos das ruínas, que aparentava ser um local de descarte de lixo do século XIX, e paralelamente foi retomada a Sondagem controlada 1, com dimensões de 2x2 e localizada na frente das ruínas, onde havia sido registrada a maior concentração de materiais líticos lascados (SILVA, 2014).

Esta **sondagem controlada 1** foi escavada então até 1,10 metros de profundidade, visto sua ampla ocorrência de materiais líticos e devido a sua profundidade atingida também foram retiradas 4 amostras de sedimento para serem realizados ensaios com LOE (Luminescência Opticamente Estimulada), que revelaram a seguinte sequência: **Amostra I: 5.050 ± 560 ; Amostra II: 6.880 ± 750 ; Amostra III: 7.300 ± 675 ; Amostra IV: 12.870 ± 2.050 .**

Figura 53 – Amostras de sedimentos datadas no perfil estratigráfico, março de 2011



Fonte: LEPA-UFSM

Após estes resultados, foram realizadas mais duas campanhas de campo, uma em setembro de 2012 e a outra em fevereiro de 2013, mas agora especificamente dirigidas para as ocupações pré-coloniais. Ainda segundo Silva:

Estas duas escavações somaram uma total de 20 dias de trabalho de campo, onde foi sobreposta à antiga “sondagem controlada 1” uma malha com eixo X (Sul-Norte) medindo 12 m, e com o eixo Y (Leste-Oeste) medindo 8 m (Leste-Oeste) tendo cada quadrícula dimensões de 2 x 2 m e sendo referenciada alfanumericamente. Todas as peças foram plotadas possuindo referência tridimensional (X, Y e Z) em um plano cartesiano (SILVA, 2014 p. 93).

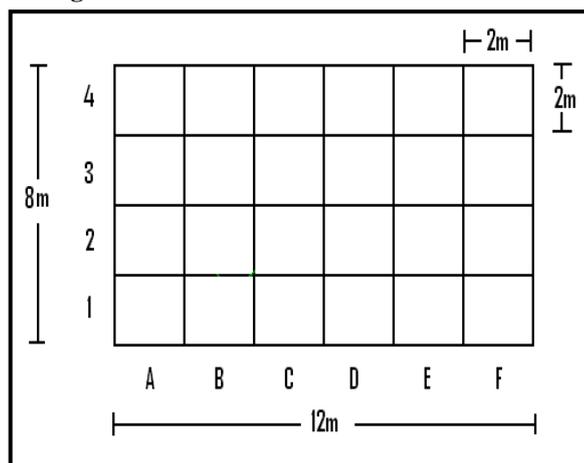
Figura 54– Plotagem do material arqueológico, fevereiro 2013



Fonte: LEPA-UFSM

A campanha de escavação de 2012 resgatou um total de 449 peças, enquanto a de 2013 revelou um total de 283. Conforme Silva (2014), estas intervenções possuíam um caráter de complementariedade uma em relação à outra, o que permitiu a escavação das quadrículas B1, B2, B3, C2, C3, C4, D1, D2, E1, E2, F1 e F3.

Figura 55 – Malha elaborada em laboratório.



Fonte: LEPA-UFSM

O Sítio Arqueológico Santa Clara apresenta-se bem conservado, com ocorrência de materiais até aproximadamente 1,10 metros de profundidade. Os sinais de bioturbação, como tocas de *Ctenomys spp* (tuco-tuco) e formigueiros limitam-se as porções mais superiores da

escavação e os materiais líticos eventualmente encontram-se depositados em posição vertical (SILVA, 2014).

Figura 56 – Escavação nos níveis inferiores do sítio

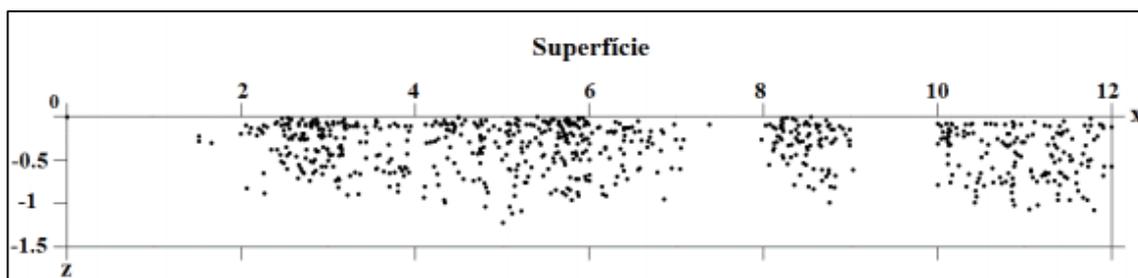


Fonte: LEPA-UFSM

Evidenciou-se que a ocorrência de materiais arqueológicos é bastante densa, acontecendo quase que ininterruptamente entre zero cm e 1 metro de profundidade, e bastante dispersa ente 1,0 e 1,10 metros, intervalos esse que obedecem à camada arenosa de formação eólica (SILVA, 2014). Mesmo que todo o material lítico tenha sido referenciado tridimensionalmente, até o momento, não foi possível uma clara delimitação de intervalos ocupacionais. Quanto a este problema Silva esclarece que:

Isso se deve tanto a fatores estratigráficos como metodológicos, primeiramente esta dificuldade de identificação de intervalos ocupacionais relaciona-se com o próprio processo de formação do registro arqueológico, pois o sítio está inserido em uma depósito eólico, implicando que as peças ficassem alheias aos fenômenos decorrentes da dinâmica da duna até que a mesma tenha se estabilizado. Esta dificuldade também decorre dos objetivos norteadores da metodologia de campo, onde foi optado pela realização de uma escavação demasiadamente verticalizada, visando atingir mais rapidamente os níveis inferiores da escavação para verificar a ocorrência de materiais e conseguir elementos para a datação dos mesmos (SILVA, 2014 p. 95).

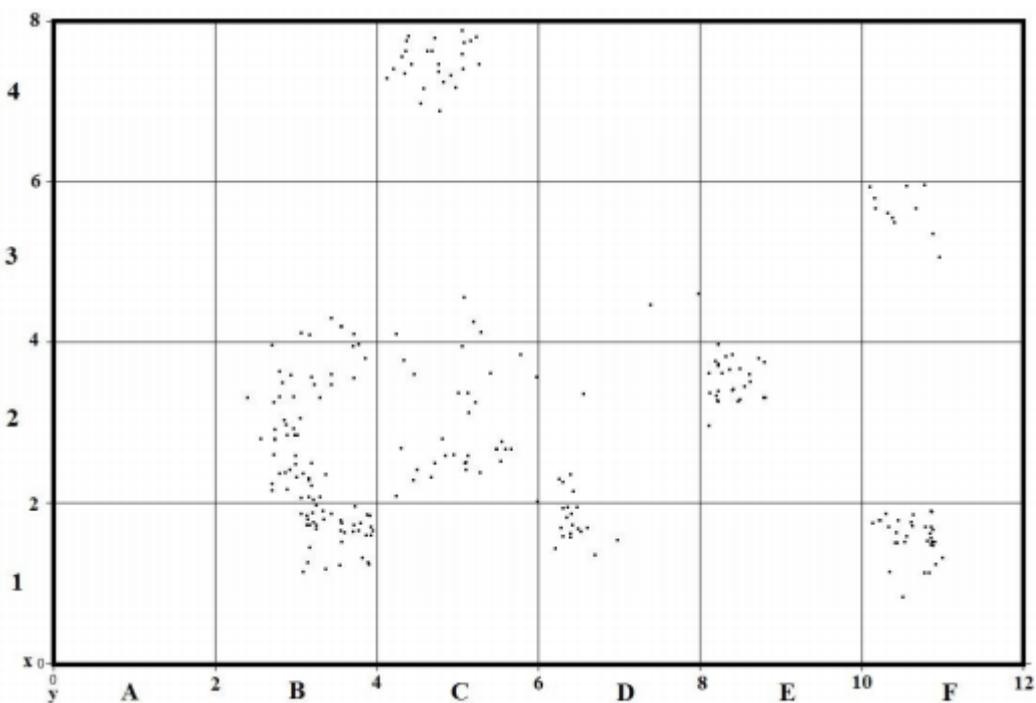
Figura 57 – Dispersão das peças em função dos eixos X e Z, escala em metros



Fonte: Silva (2014).

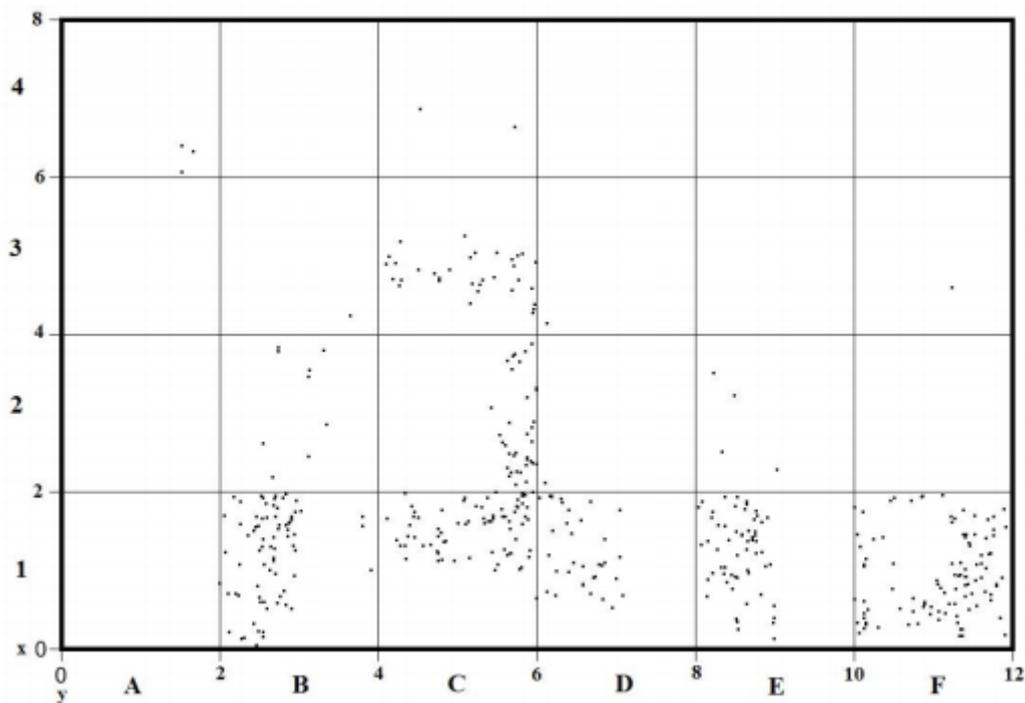
A ampla quantidade de peças também pode ser percebida ao notarmos os croquis de dispersão bidimensional, onde a própria concentração de materiais reflete as porções escavadas da malha.

Figura 58 – Dispersão geral dos materiais líticos da escavação de setembro de 2012



Fonte: Silva (2014).

Figura 59 – Dispersão geral dos materiais líticos da escavação de fevereiro 2013



Fonte: Silva (2014).

Também foram realizados desenhos de seis perfis estratigráficos, em relação aos quatro pontos cardeais: B2 (perfil oeste), B2 (perfil sul), C1 (perfil leste), C2 (perfil norte), D1 (perfil leste) e F1 (perfil oeste). Além disso, as duas campanhas de campo, proporcionaram um total de 52 amostras de sedimento, das quais 10 foram enviadas para datação pelo método de LOE (SILVA, 2014).

Figura 60 – Desenho de perfil estratigráfico



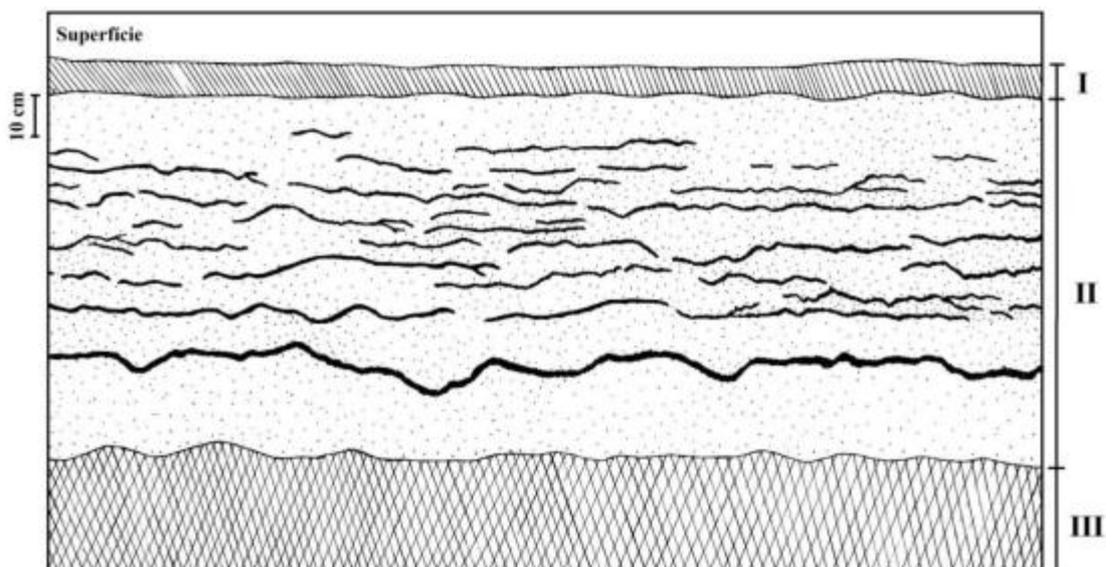
Fonte: LEPA-UFSM

Figura 61 – Retirada de sedimentos

Fonte: LEPA-UFSM

5.1.5 Estratigrafia e cronologia do Sítio Arqueológico Santa Clara

A estratigrafia do sítio Santa Clara pode ser dividida fundamentalmente em três camadas distintas, sendo elas classificadas em nível I, II e III. Os vestígios arqueológicos acontecem até cerca de 1,10 metros de profundidade, envolvendo as duas primeiras camadas.

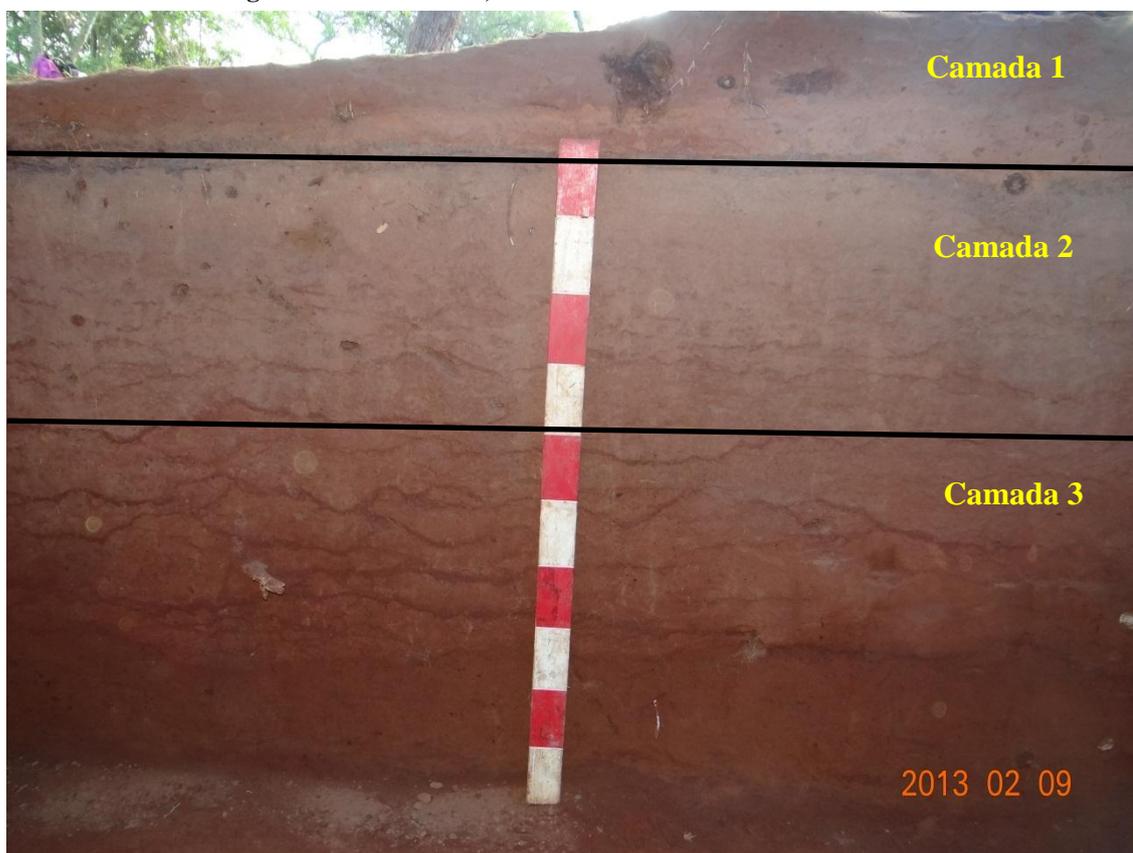
Figura 62 – Perfil estratigráfico Sul da quadrícula B2 do Sítio Arqueológico Santa Clara

Fonte: Silva (2014).

A camada I ocupa os 10 primeiros centímetros da estratigrafia do sítio e tem uma tonalidade escura e obedece ao período mais tardio da ocupação dos grupos caçadores coletores e o mais antigo da ocupação pós-colonial, segundo os testemunhos encontrados.

Já a camada II acontece entre 10 cm e 1,00 metro de profundidade e trata-se de um depósito eólico arenoso não erodido, que protege uma complicada alternância entre estratos arenosos de coloração clara (com espessura variável) e delgadas nervuras horizontais areno-argilosas com coloração marrom escura e variáveis entre 1 e 2 cm. Conforme Silva (2014), esta camada é a que abriga a maior densidade de materiais relacionados às ocupações de caçadores coletores, e parece guardar paralelismos com a fase II descrita por Suertegaray (1989), caracterizada pelo ressecamento climático e formação de depósitos eólicos.

Figura 63 – Camada II, detalhe nas finas nervuras horizontais



Fonte: LEPA-UFSM

Na camada III temos a um perfil areno-argiloso bastante compacto, com coloração avermelhada e fartura de pequenos seixos, estando muitos destes hidroxidados. Ele inicia-se a partir de aproximadamente 1,10 metros, não sendo mais encontrados os vestígios de ocupação humana e entorno dos 2,10 metros de profundidade já se atinge o lençol freático.

De acordo com Silva (2014), essa camada parece corresponder ao horizonte B do solo, formado pela percolação de argilas que se acumulam próximo da base rochosa que sustenta a geologia local, estando relacionada com a fase úmida do final do pleistoceno, descrita por Suertegaray (1989), e composta por depósitos aluviais sobre a formação arenítica Botucatu.

Figura 64 – Sondagem na camada III do sítio Santa Clara



Fonte: LEPA-UFSM

Com base na geomorfologia local e na estratigrafia, podemos afirmar que o sítio Arqueológico Santa Clara está localizado então em uma **paleoduna**, assim como o Sítio do Areal, porém o sítio Santa Clara não está erodido. Esta argumentação surge com a observação das pequenas nervuras horizontais, com espessura variável entre 1 e 2 cm, que poderiam representar variações pluviométricas ou então níveis de paleopedons identificados por Milder (2000) também para o sítio do Areal.

Figura 65 – Materiais *in situ*, associados às nervuras horizontais e às camadas eólicas, respectivamente



Fonte: LEPA-UFSM

Já as datações do Sítio Arqueológico Santa Clara foram realizadas por meio da Luminescência opticamente estimulada (LOE), todas efetuadas pelo laboratório “Datações Comércio e Prestação de Serviços LTDA” (São Paulo, SP).

As quatro primeiras amostras são originárias da Sondagem controlada 1, realizada na campanha de campo de 2011 e resultaram em um intervalo ocupacional entre 12.870 ± 2.050 e 5.050 ± 560 A.P.

Tabela 1: Amostras de sedimentos datadas por LOE em 2011, Sondagem controlada 1

Código	Amostra	Profundidade	Idade A.P
3356	I	50 cm	5.050 ± 560
3357	II	70 cm	6880 ± 750
3358	III	85 cm	7.300 ± 675
3359	IV	110 cm	12.870 ± 2.050

Fonte: Silva (2014).

A partir da cronologia estabelecida durante a escavação de 2011 foram enviadas para datação mais 10 amostras de sedimento, 5 oriundas da quadrícula C3 e 5 da quadrícula F1. Os resultados obtidos na segunda série de datações como podemos ver não são tão antigos quanto os da série de 2011, porém nenhuma das amostras de 2012 foi coletada a 1,10 metros, mas sim a 1,00 e a 90 cm.

Tabela 2: Amostras de sedimentos datadas por LOE em 2012, Quadrícula C3

Código	Amostra	Profundidade	Idade A.P
3765	4	26 cm	2.900 ± 330
3766	5	41 cm	4.000 ± 570
3767	6	58 cm	4.370 ± 585
3768	7	71 cm	6.300 ± 800
3769	8	90 cm	8.000 ± 985

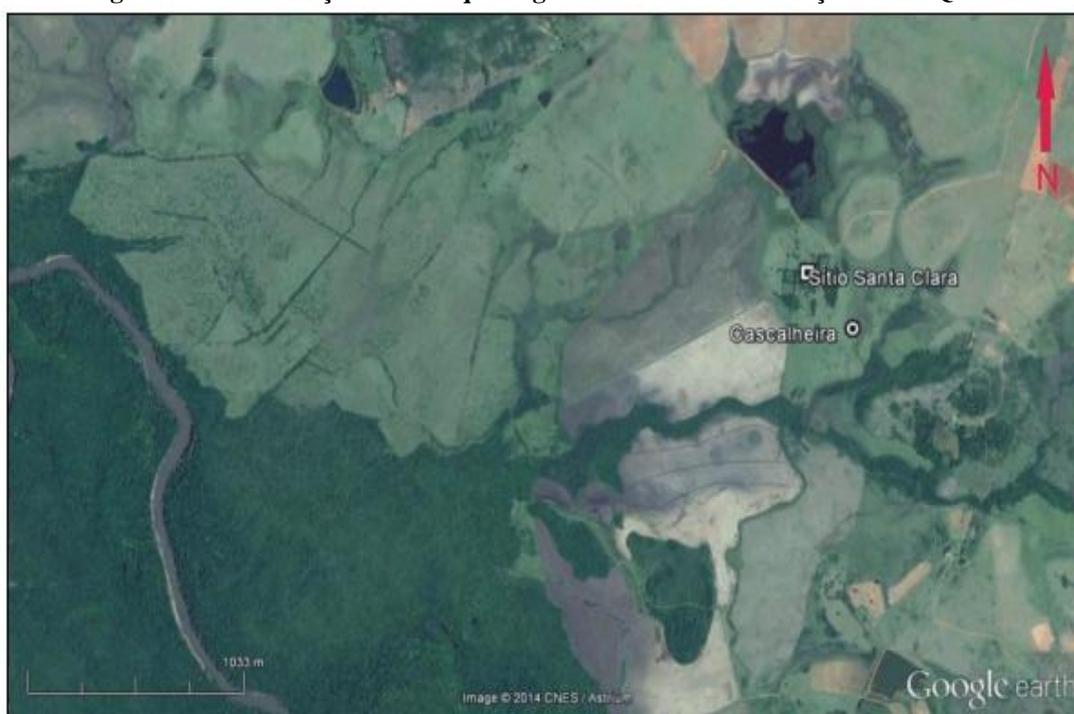
Fonte: Silva (2014).

Tabela 3: Amostras de sedimentos datadas por LOE em 2012, Quadrícula F1

Código	Amostra	Profundidade	Idade A.P
3770	14	55 cm	2.135 ± 330
3771	15	65 cm	2.750 ± 400
3772	16	75 cm	3.080 ± 420
3773	17	90 cm	5.090 ± 730
3774	18	100 cm	7.150 ± 980

Fonte: Silva (2014).

Figura 66 – Localização Sítio Arqueológico Santa Clara em relação ao rio Quaraí



Fonte: Silva (2014).

5.1.6 Aspectos morfológicos e quantitativos da coleção revelada

Para a análise da coleção do Sítio Arqueológico Santa Clara, adotou-se um enfoque teórico e metodológico que favorecesse as características tecnológicas e morfológicas presentes nas peças e que tivessem como objetivo geral inferir seus significados levando em consideração os contextos originais em que foram criados e utilizados (BISINELLA, 2011).

Com esta perspectiva, organizou-se uma proposta analítica centralizada em atributos tecno-tipológicos e funcionais referenciados por autores como Collins (1975), Dias e Hoeltz (1997), Andrefsky (1998) e Odell (2004). Apresentaremos logo abaixo, de modo descritivo, os principais resultados e as conclusões das pesquisas, realizadas em diferentes momentos da investigação. Lembrando que a coleção foi analisada por Bruno Gato da Silva e Lucio Lemes.

A coleção de todas as campanhas de campo do sítio Santa Clara totaliza uma soma total de 989 peças líticas. A coleção, como um todo, é formada por peças de arenito silicificado, calcedônia, basalto, arenito e quartzo, entretanto apenas as três primeiras foram aproveitadas para o lascamento. Há na coleção um total de 541 lascas, 74 instrumentos, 14 núcleos, 181 fragmentos de lascas e 117 detritos de lascamento.

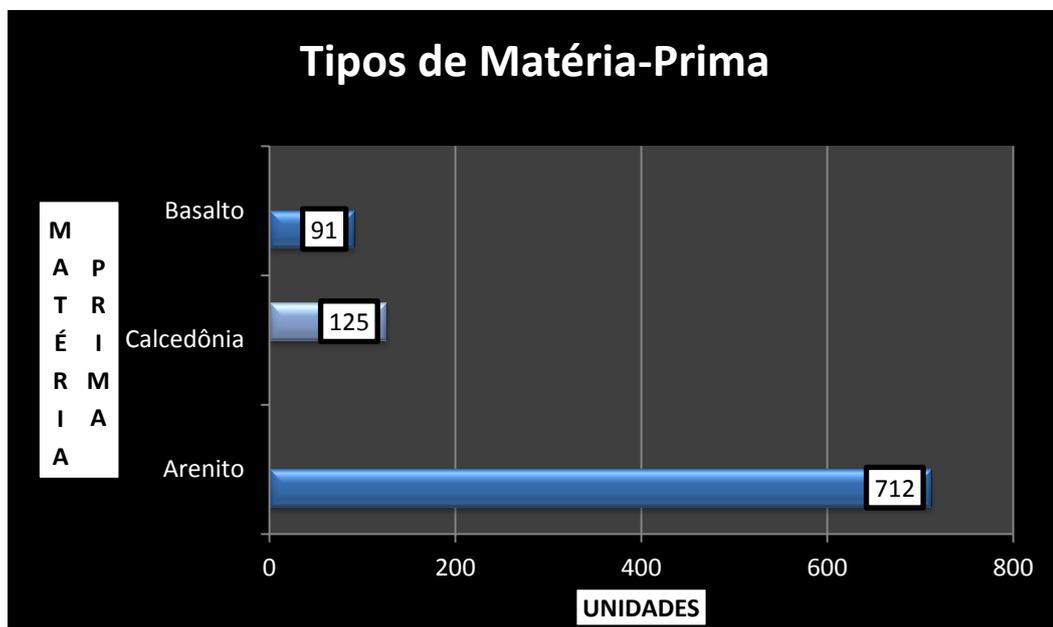
Gráfico 1– Classificação geral da coleção Santa Clara



Fonte: Autor.

Quanto à matéria prima empregada para o lascamento, a coleção do Sítio Arqueológico Santa Clara é composta predominantemente por arenito silicificado, acompanhado da calcedônia e do basalto que é empregado em números bem menores.

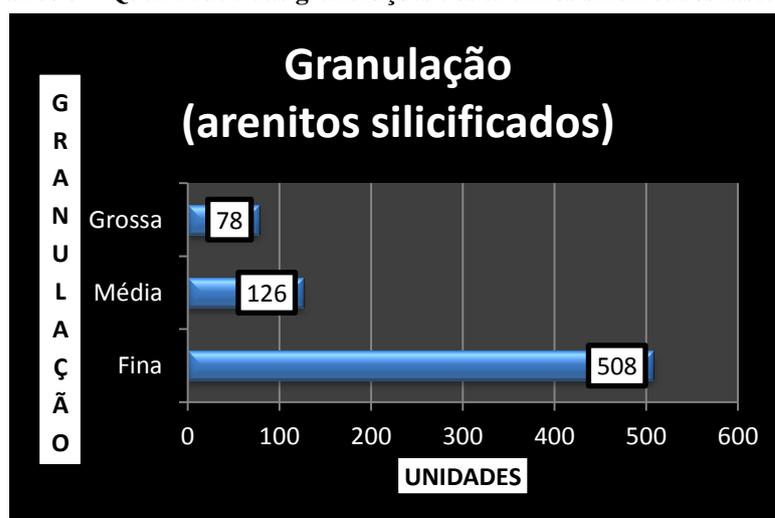
Gráfico 2 - Quantidades das matérias primas utilizadas para o lascamento no Sítio Arqueológico Santa Clara



Fonte: Autor

Os arenitos silicificados do Sítio Arqueológico Santa Clara alteram entre tons de marrom, verde e cinza. Quanto a aptidão da matéria prima para o lascamento há uma escolha por peças com granulação fina em relação às médias ou grosseiras.

Gráfico 3 – Quantidade das granulações dos arenitos silicificados lascados.



Fonte: Autor

De acordo com Silva (2014), existe na coleção um total de 74 artefatos identificados enquanto instrumentos, sendo 54 elaborados em arenito silicificado, 21 em calcedônia e somente um em basalto. Podemos então afirmar que os suportes preferenciais para a produção dos instrumentos seriam os lascados, enquanto que os não lascados foram utilizados em proporções bem menores.

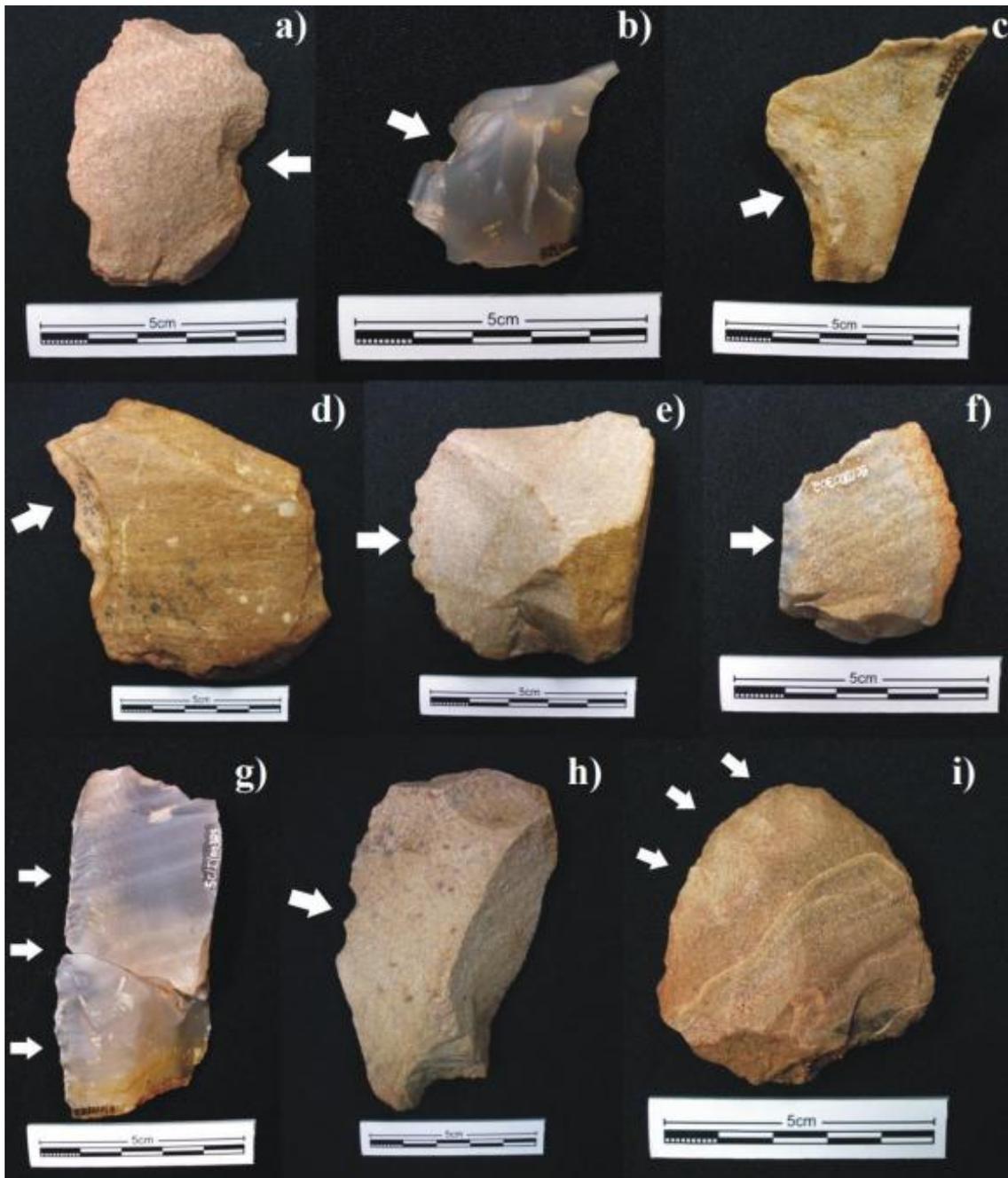
Segundo Silva (2014), os instrumentos que empregam as lascas como suporte podem ser divididos em dois grupos, os retocados e os não retocados. Os primeiros somam um total de 34 peças e, como o próprio nome indica, são aqueles suportes que tiveram sua parte transformativa confeccionada por meio de retoques.

Os atributos dos retoques no Sítio Arqueológico Santa Clara são muito variados e de difícil organização, o que nos leva a acreditar que grande parte destas peças tenham sido necessariamente utilizadas sem retoques, e posteriormente foram retocadas com a finalidade de revitalizar o gume.

Conforme Silva (2014), a delimitação dos retoques é preferencialmente em entalhe e irregular. Já a repartição dos mesmos é parcial e descontínua; quanto à extensão dos retoques, não estão presentes os invasivos nem os englobantes, sobressaindo-se os curtos e, em bem menor proporção, os longos.

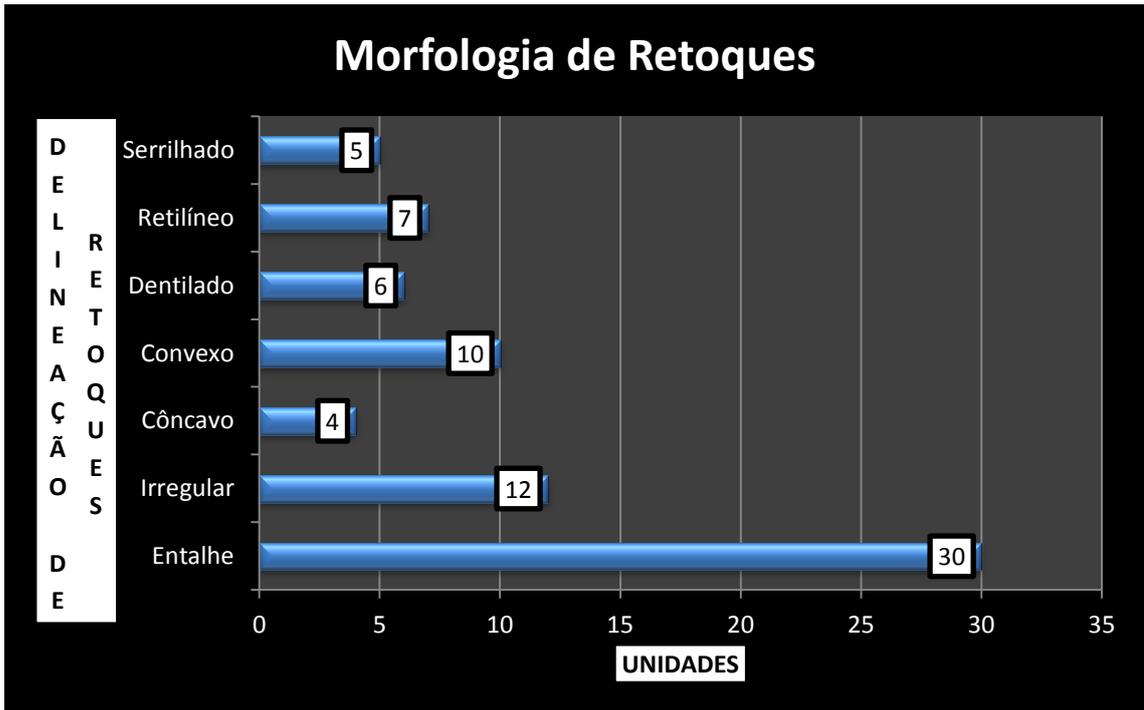
No que se refere à morfologia, há um respectivo equilíbrio entre os retoques paralelos e os subparalelos; a posição predominante é a direta e inversa com ocorrência eventual de retoques alternos, e a inclinação dos gumes é preferencialmente semi-abrupta e abrupta (SILVA, 2014).

Figura 67 – Instrumentos retocados: a), b) e h) retoques em entalhe; c) e f) retoques inversos;
 d) retoque denticulado; e) retoque serrilhado; g) retoques diretos;
 i) suporte *Kombewa* com retoque direto



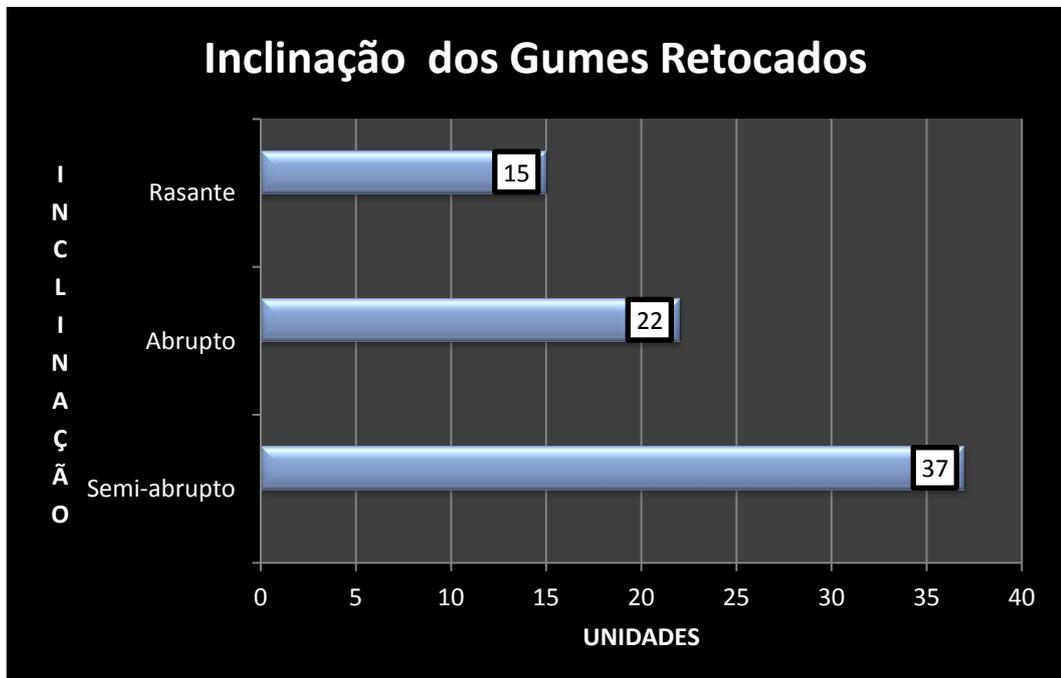
Fonte: Silva (2014).

Gráfico 4 - Morfologia dos retoques



Fonte: Autor

Gráfico 5 - Inclinação dos gumes retocados

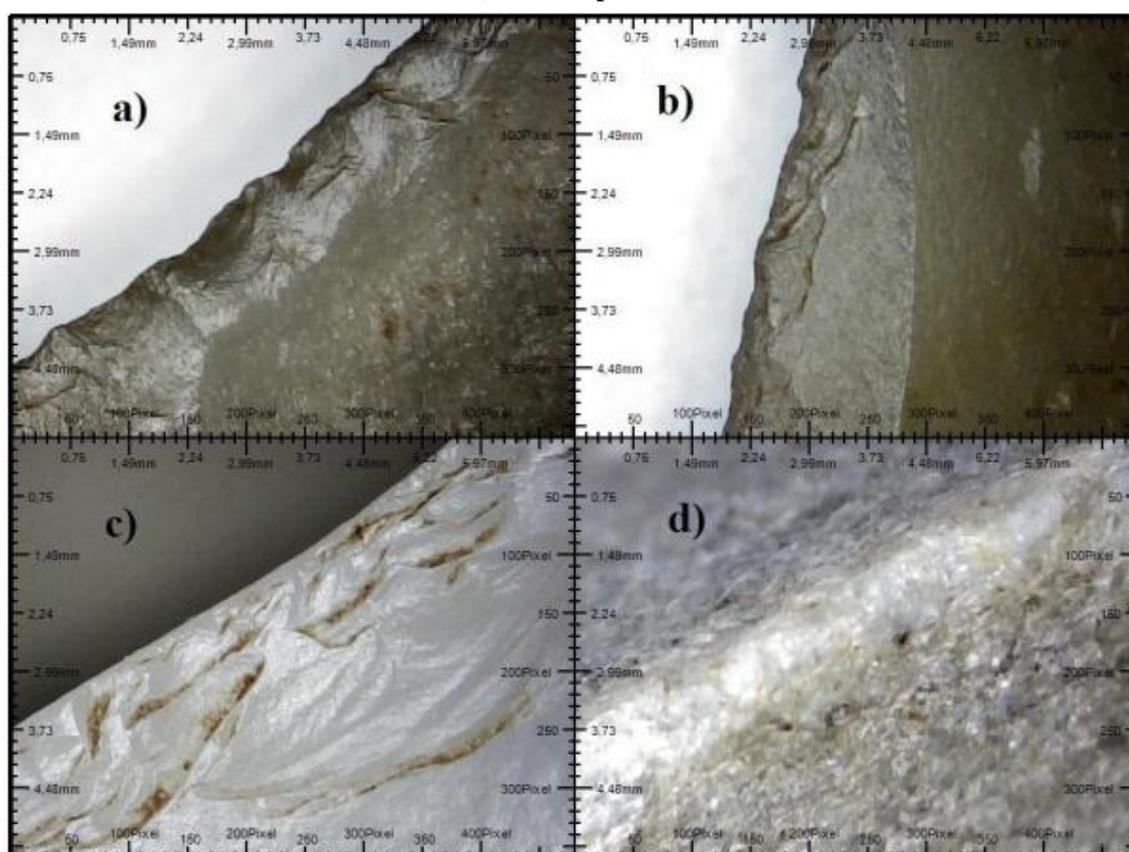


Fonte: Autor

O segundo grupo completa 35 peças e obedece àqueles instrumentos que foram confeccionados e utilizados sem terem sido retocados, aproveitando assim as características naturais do gume desenvolvido durante o lascamento do suporte, apresentando exclusivamente macro-traços de uso (SILVA, 2014).

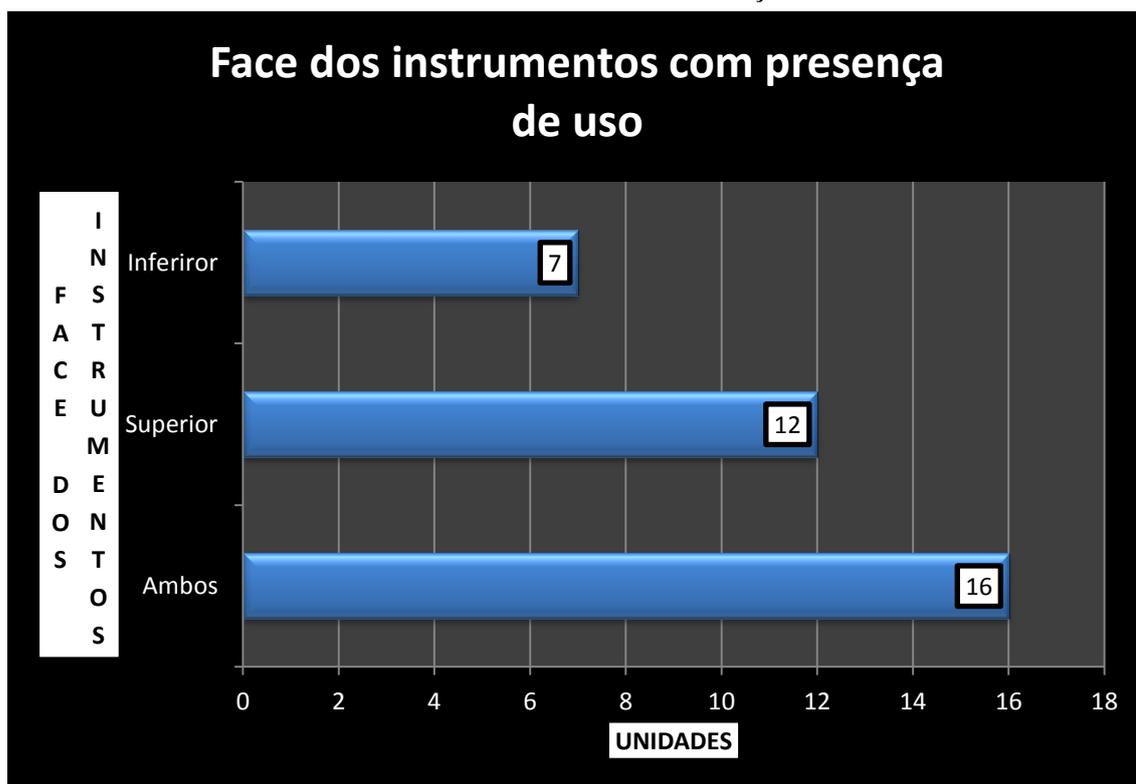
Conforme Silva (2014), a um nível macroscópico foi possível identificar duas categorias de traços de utilização, sobressaindo-se os macro-lascamentos e, em menor quantidade, os de abrasão do gume. A maioria dos traços encontra-se em ambas as faces dos instrumentos ou na face superior, prevalecendo gumes com inclinação semi-abrupta e rasante.

Figura 68 – Macro-traços de utilização nos instrumentos; a), b), c) macro-lascamentos; d) abrasão por uso



Fonte: Silva (2014).

Gráfico 6 – Face do instrumento com traços de uso

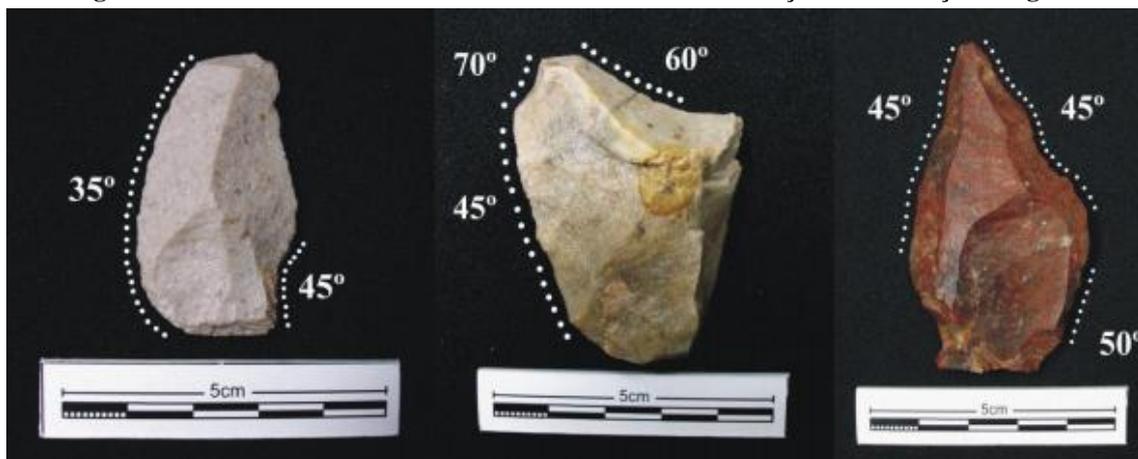


Fonte: Autor

Com o diagnóstico da coleção, foi possível também identificar que as maiores partes dos suportes utilizados não apresentam apenas uma parte ativa, mas prevalecem peças com duas partes ativas e, na maioria das vezes, com diferentes delineações e inclinações de seus gumes.

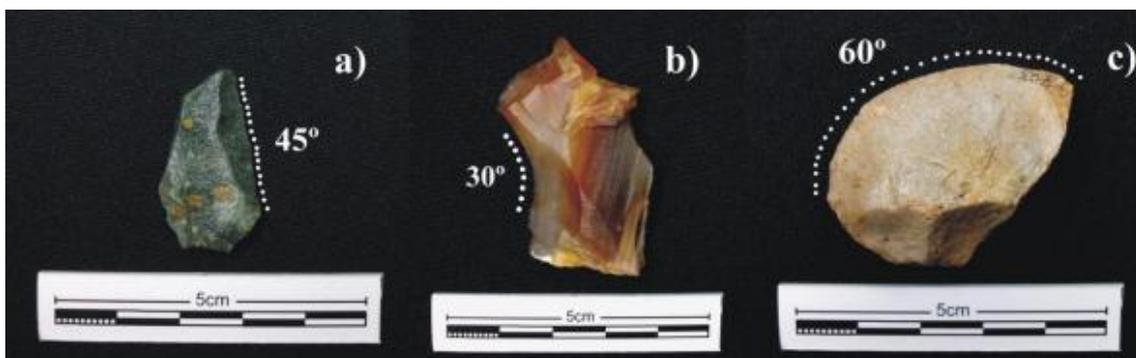
Segundo Silva (2014), é imprescindível analisar que a utilização de um gume com delineação côncava dificilmente fosse à mesma de um retilíneo ou de um convexo. E como se pode observar quase metade da coleção é formada por gumes retilíneos e, em menor quantidade, por gumes côncavos e convexos.

Figura 69 – Instrumentos não retocados com diferentes inclinações e delineações de gume



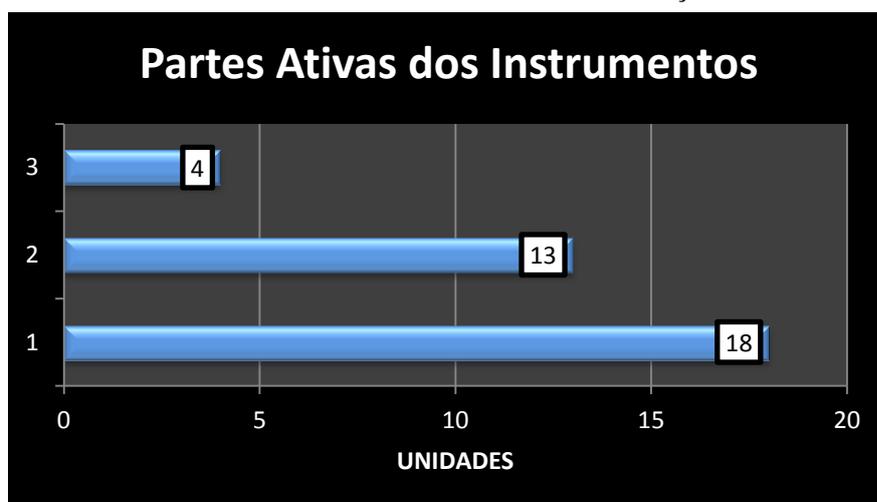
Fonte: Silva (2014).

Figura 70 – Instrumentos utilizados sem retoque; a) Gume retilíneo, b) Gume côncavo, c) Gume convexo



Fonte: Silva (2014).

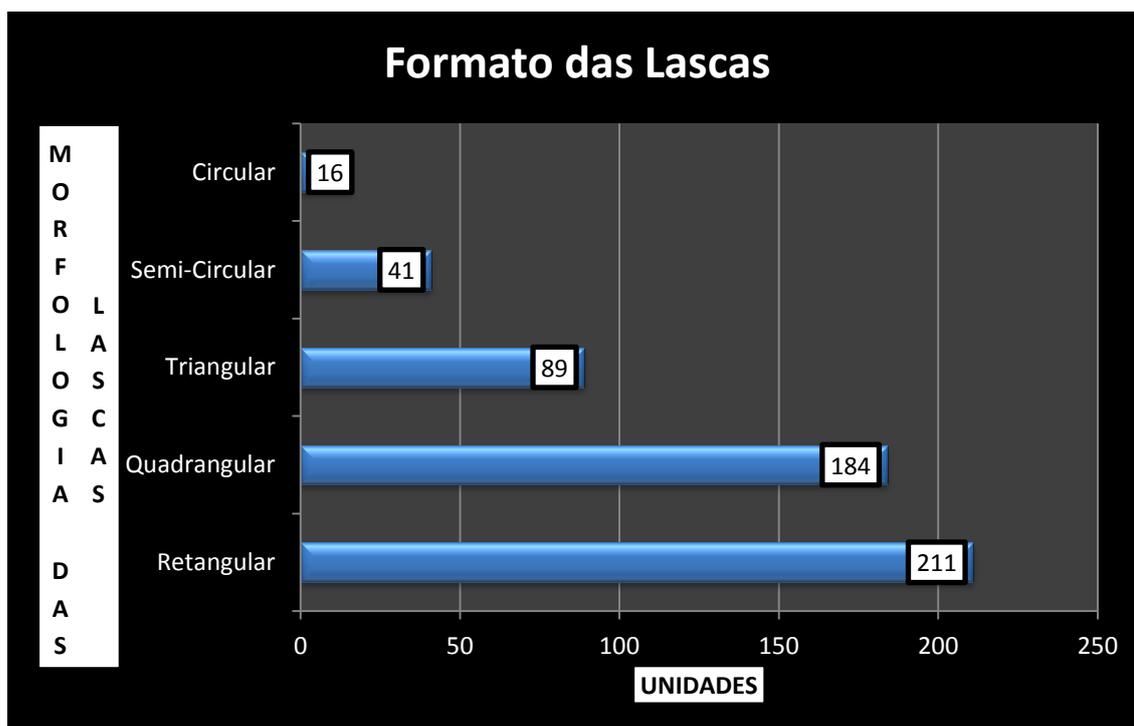
Gráfico 7 – Partes ativas dos instrumento com traços de uso



Fonte: Autor

Com a análise das peças foi possível também identificar que a coleção possui uma variabilidade grande nas formas das lascas, sendo as retangulares as mais recorrentes, seguidas das quadrangulares e triangulares, acontecendo em menores quantidades peças com formas circulares e semi-circulares.

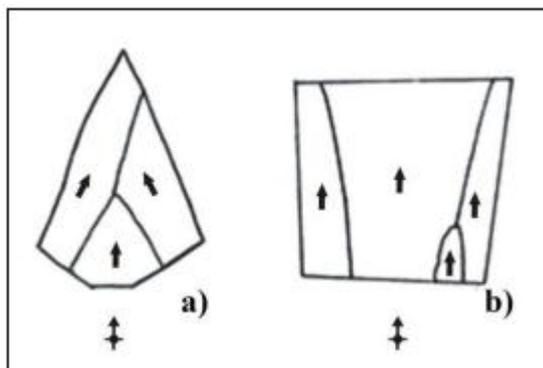
Gráfico 8 – Formato das lascas



Fonte: Autor

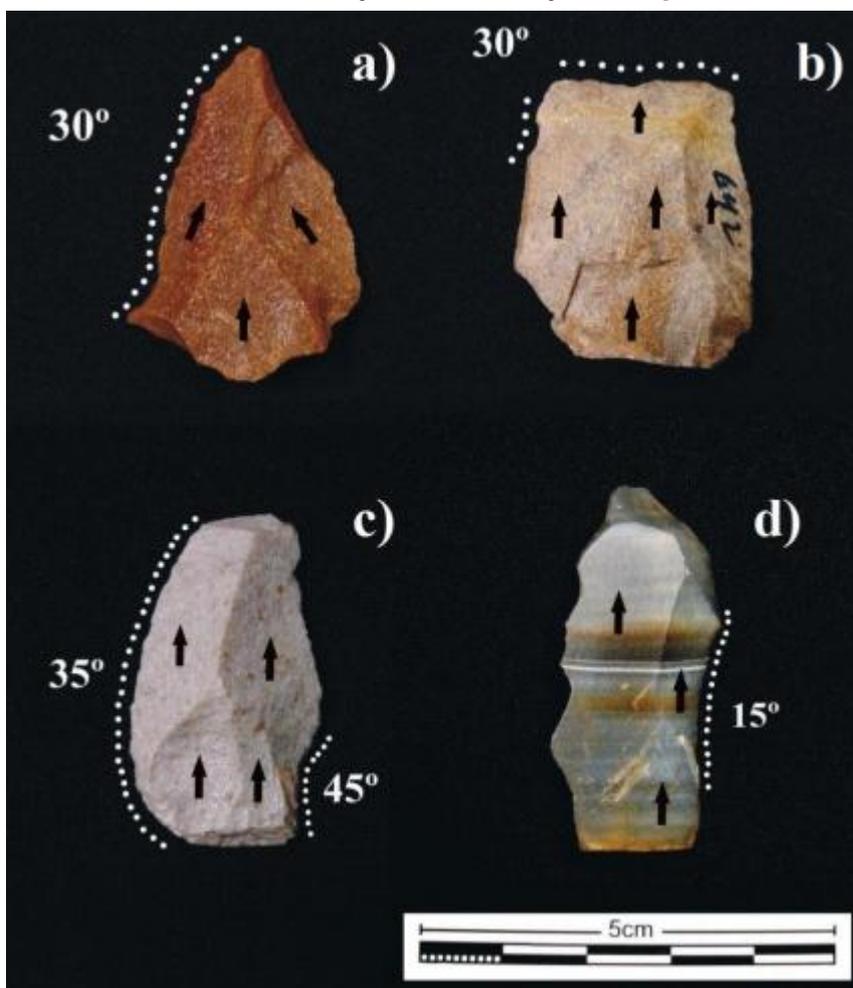
Conforme Silva (2014), estes formatos mais retangulares e quadrangulares são reflexos da maneira como era organizado o lascamento no Sítio Arqueológico Santa Clara. A maior parte das lascas expõe negativos paralelos e de mesmo sentido ou então negativos paralelos convergentes. A convergência de negativos parece permitir a implantação de critérios técnicos que permitem a retirada de lascas triangulares, enquanto que o ato de conseguir retiradas paralelas possibilita, na maior parte dos casos, a obtenção de produtos de forma tanto quadrangular quanto retangular (SILVA, 2014).

**Figura 71 – Formato das lascas em relação com a orientação dos negativos.
 Quadrangular e retangular com negativos paralelos de mesmo sentido
 e triangular com negativos convergentes de mesmo sentido**



Fonte: Silva (2014).

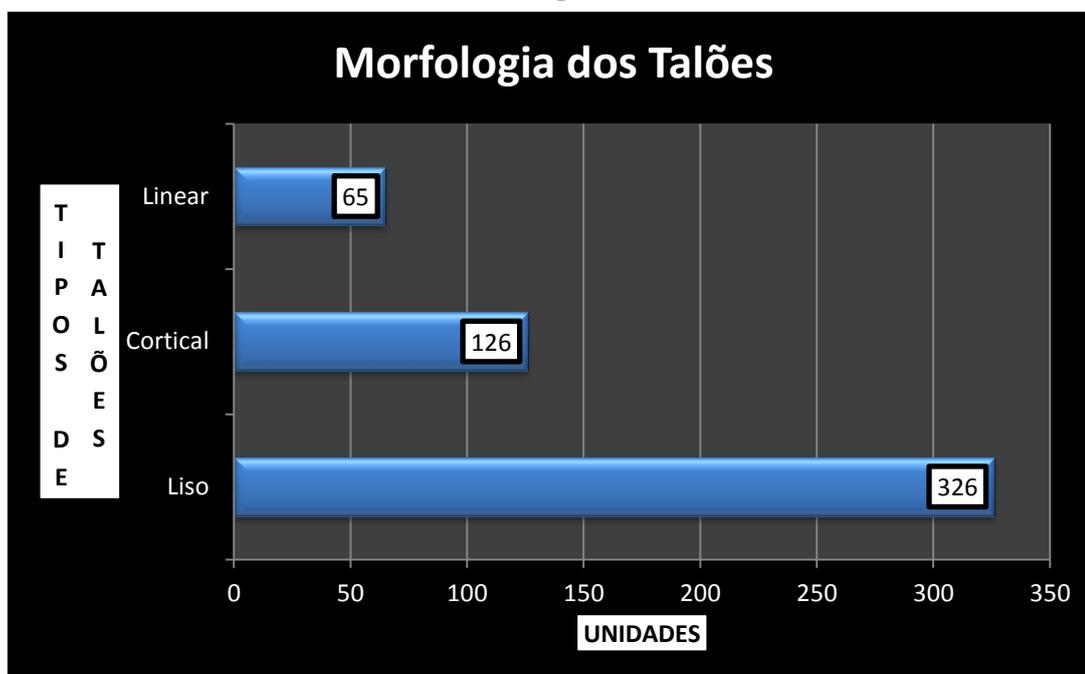
**Figura 72 – Formato do suporte dos instrumentos do sítio
 Santa Clara em função das combinações de negativos**



Fonte: Silva (2014).

Já os principais tipos de talões encontrados na coleção são os lisos. As análises destas peças indicam que havia uma prioridade por iniciar o lascamento a partir de faces planas e sem córtex.

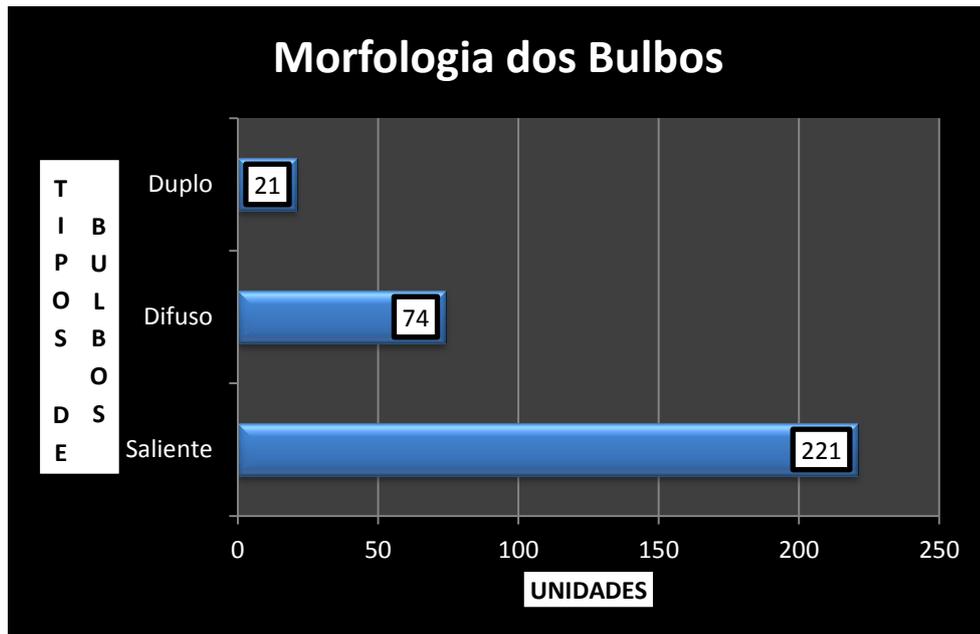
Gráfico 9 – Tipos de Talão



Fonte: Autor

Outra característica da coleção seriam os bulbos das lascas bastante pronunciados. Assim, ao relacionarem-se as dimensões dos talões das lascas, os tipos de bulbos e a preferência por superfícies planas para o lascamento, tudo indica é que a técnica de lascamento preferencial empregada no Sítio Arqueológico Santa Clara foi à percussão direta com o percutor duro (SILVA, 2014).

Gráfico 10 - Tipos de Bulbo



Fonte: Autor

Quanto à matéria prima que foi transportada para o Sítio Arqueológico Santa Clara, Silva (2014), constata duas formas distintas, sendo elas denominadas de "Volume Inicial I" e "Volume Inicial II". Para Silva (2014), o primeiro modo corresponde às formas naturais como os pequenos blocos e seixos cujas particularidades presentes serviram como base para o lascamento ou, em alguns casos, para a fabricação de instrumentos. No segundo modo, ao contrário de serem escolhidos blocos por suas características naturais, eram confeccionadas grandes e espessas lascas sobre as quais depois se desenvolveram outros tipos de instrumentos.

Figura 73 – Volume Inicial I e Volume Inicial II (esse produzido experimentalmente), respectivamente



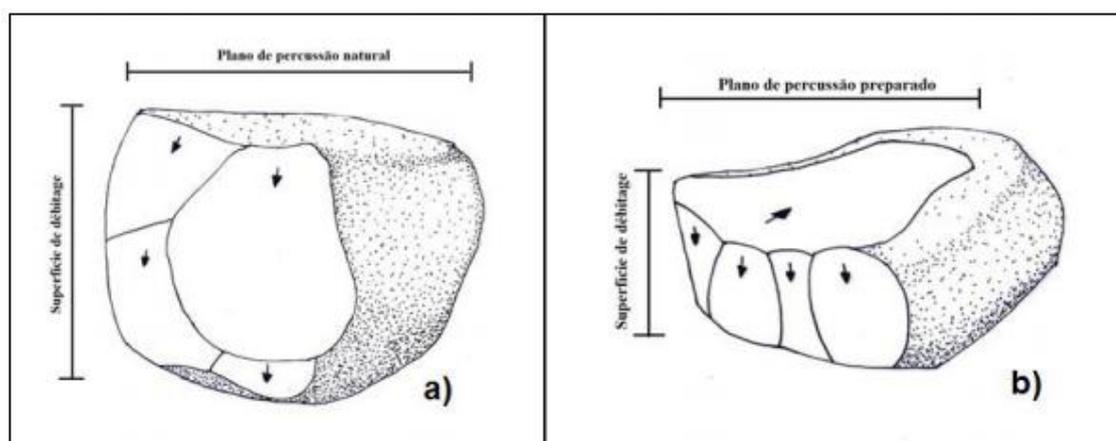
Fonte: Silva (2014).

5.1.7 Os núcleos da coleção

Percebemos na coleção que a morfologia das peças é relativamente variável, proporcionando formas globulares, tabulares, poliédricas, piramidais e tronco-piramidais.

De acordo com Silva (2014), os núcleos que foram preparados sobre “Volumes Iniciais I”, não proporcionam uma morfologia exclusiva de bloco para iniciar o lascamento, mas, sim, apresentam uma superfície naturalmente plana que pode ser aproveitada como plano de percussão. Se essa superfície não for natural, ela pode ser preparada com uma retirada ampla proporcionando o início do lascamento.

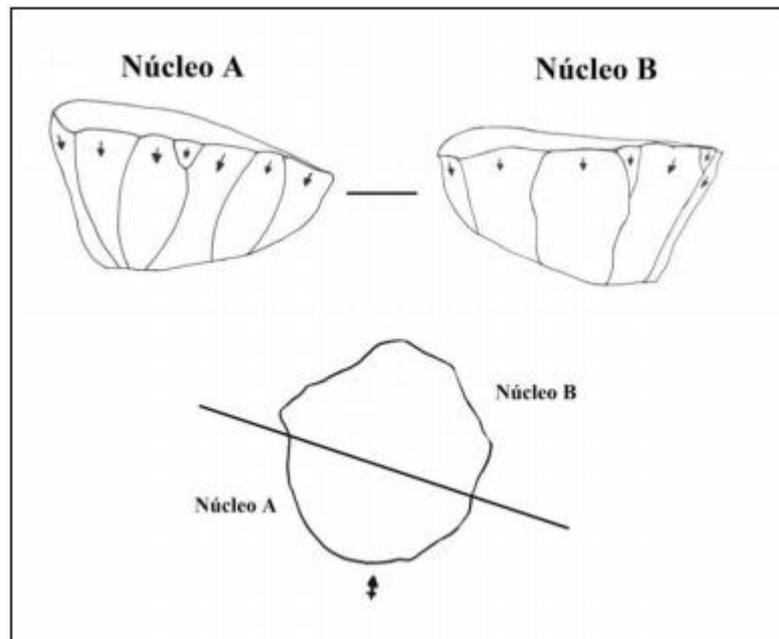
Figura 74 – Núcleos com volume inicial I. a) Com plano de percussão natural e b) Com plano de percussão preparado



Fonte: Silva (2014).

Já os núcleos relacionados com os Volumes Iniciais II apresentam maiores variações nas formas de exploração. Neste grupo existe um predomínio de núcleos organizados sobre lascas que particularmente considerava-se ser apenas instrumentos plano convexos (SILVA, 2104).

Figura 75 – Núcleo Inicial II



Fonte: Silva (2014).

Figura 79 – Núcleos sobre lasca de Volume Inicial II



Fonte: Silva (2014).

5.1.8 O método *Kombewa*

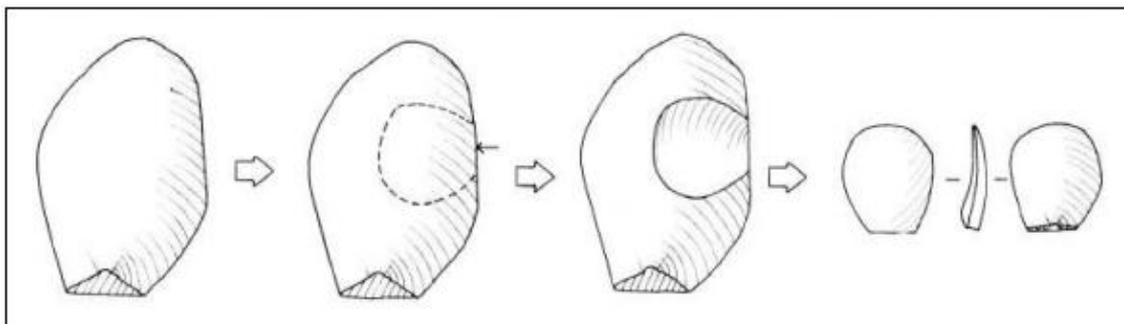
De acordo com Silva (2014), mesmo que inserido dentro dos esquemas de lascamento do Volume Inicial II, vale a pena destinar separadamente algumas linhas para este método que é encontrado nos sítios arqueológicos da região de Quaraí, como o Santa Clara.

O método *Kombewa* é famoso mundialmente por suas evidentes características que, segundo Inizan (1995), aliam a originalidade e a simplicidade. Conforme Silva (2014), este método é característico do continente africano, sendo também encontrado em outras partes do

mundo como na Europa. Foi identificado pela primeira vez em 1938 no Quênia por W. E. Owen e recebe nome da região onde foi encontrado.

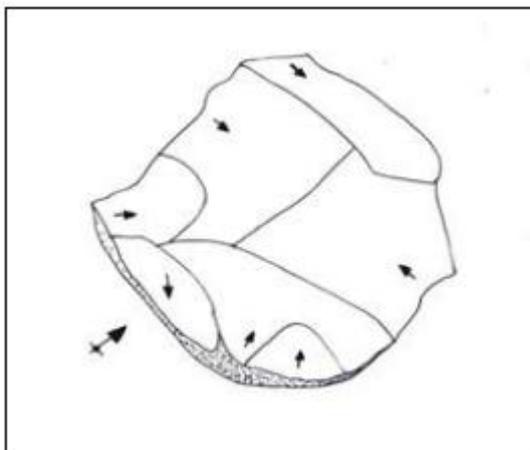
Conforme Silva e Lemes *et al.* (2013), o método consiste em realizar o lascamento sobre a face inferior de uma lasca compacta, aproveitando as características de convexidade presentes, ocasionando com isso suportes circulares e semi-circulares com perfil biconvexo.

Figura 76 – Método *Kombewa*



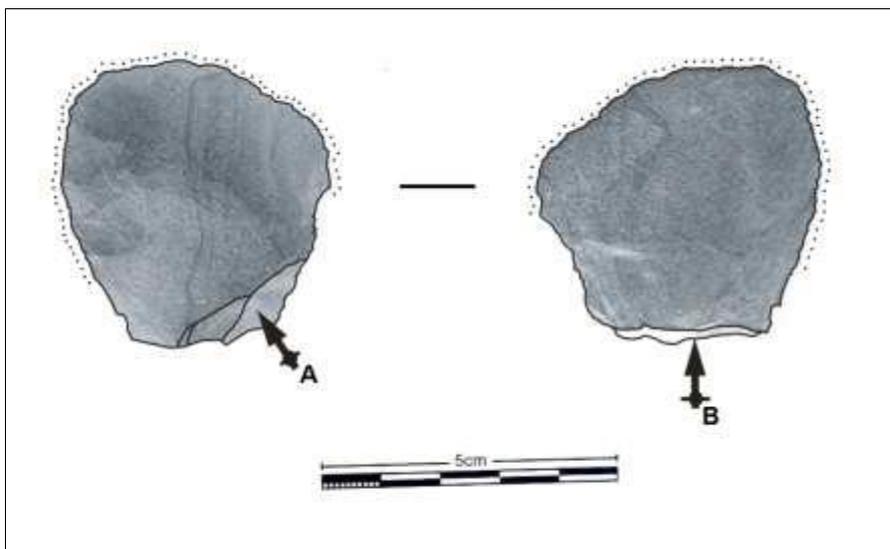
Fonte: Newcomer e Hivernel-Guerre (1974).

Figura 77 – Núcleo *Kombewa* do Sítio Arqueológico Santa Clara com exploração total da superfície inferior da peça



Fonte: Silva (2014).

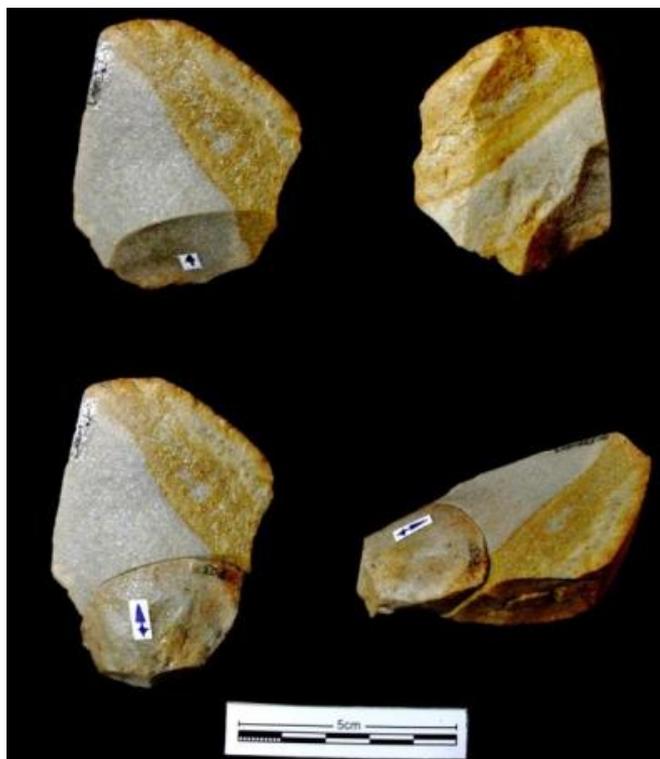
Figura 78 – Instrumento elaborado sobre típico suporte *Kombewa*, sítio Santa Clara



Fonte: Silva e Lemes *et al.* (2013).

De acordo com Silva e Lemes *et al.* (2013), na coleção do Sítio Arqueológico Santa Clara, foram encontrados 5 instrumentos frutos deste método e 2 núcleos. No entanto, tal método não é exclusividade do Sítio Arqueológico Santa Clara, pois este se faz presente em outros sítios da região como Severo e Areal.

Figura 79 – Remontagem método *Kombewa*, Sítio Santa Clara



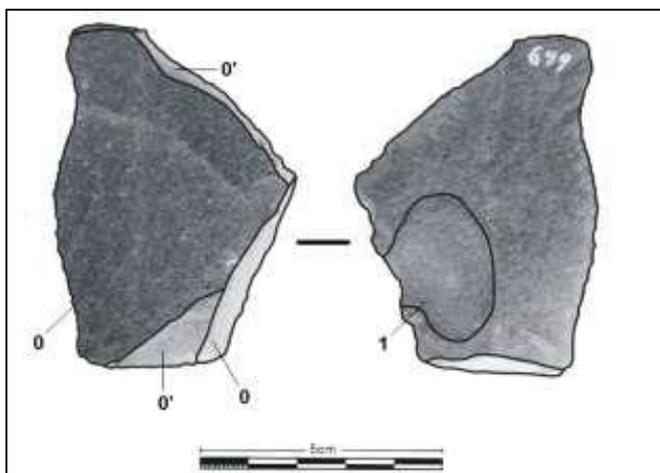
Fonte: Silva (2014).

Figura 80 – Remontagem método *Kombewa*, Sítio Arqueológico Severo



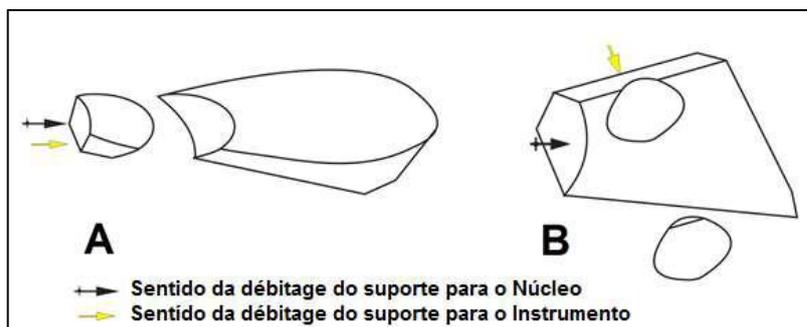
Fonte: Silva (2014).

Figura 81 – Núcleo *Kombewa* do Sítio Arqueológico Santa Clara



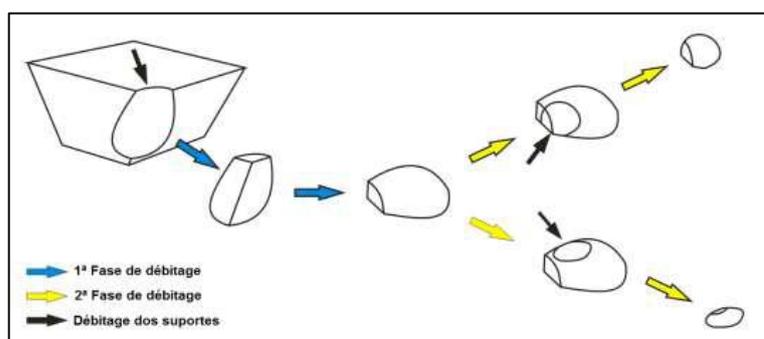
Fonte: Silva e Lemes *et al.* (2013).

Figura 82 – Esquema de produção do núcleo *Kombewa* do Sítio Arqueológico Santa Clara



Fonte: Silva e Lemes *et al.* (2013).

Figura 83 – Esquema de produção do núcleo *Kombewa* do Sítio Arqueológico Santa Clara



Fonte: Silva e Lemes *et al.* (2013).

5.1.9 As substâncias reveladas e percebidas no Sítio Arqueológico Santa Clara

De acordo com Bisinella (2011), um arqueólogo é capaz de inventar novos sentidos a certos objetos por meio do seu trabalho classificatório de artefatos. Nesse intuito, buscaremos apresentar as percepções e interpretações sobre os artefatos vislumbrados por uma perspectiva fenomenológica, onde destacaremos os diferentes sentidos que foram experimentados no contato tanto com as coisas quanto com suas substâncias.

Argumentamos que não há como excluir o próprio envolvimento perceptivo do arqueólogo de tal compromisso interpretativo, uma vez que compete a esse profissional, tanto intelectualmente quanto corporalmente, a produção do conhecimento sobre o passado (BISINELLA, 2011).

Quando imaginamos uma coisa ou algum artefato, todas as nossas atenções se voltam a ele e ao que ele pode significar. Assim, em contraste com as nossas capacidades sensitivas, nossa percepção visual é norteadada principalmente para ele. Desta maneira, pretendemos voltar às suas substâncias mesmas, às suas essências, apresentando-as a partir da visão de um

sujeito capaz de perceber do que as coisas são feitas, fenomenologicamente falando (HILBERT, 2007). Acreditamos naquilo que Bisinella argumenta quando:

(...) todas as substâncias têm propriedades específicas como densidade, elasticidade, condutividade, força, dureza, que interferem nas ações que possam ser efetuadas sobre elas. O arenito, por exemplo, se por um lado não é uma matéria-prima adequada para o lascamento, pois é formada por grânulos sedimentares, por outro se presta muito bem para polir outro material rochoso, pois, quando esfregado em outra superfície mais rígida é capaz de alisá-la (BISINELLA, 2011, p. 175).

Essa abordagem, focalizada na análise dos dados que compõem as coisas, vai de encontro com a maioria dos estudos atuais de cultura material que vislumbram as substâncias e os objetos apenas enquanto consolidações formais. Bisinella (2011), nos alerta que isto é uma tendência em subordinar as substâncias apenas às formas, da qual temos que nos afastar pois:

Engajando-se nesse movimento, o homem, dia após dia, experimenta corporalmente na prática diferentes substâncias, tendo condições assim de respeitar cada uma delas em relação às propriedades, permissivas ou restritivas, que possuem. Não seria o caso de afirmar que as substâncias tem poder de ação sobre as pessoas, e sim, de reconhecer que, de certo modo, elas podem se opor a muitos de seus desejos, visto que não podem sempre ser capturadas e constrangidas (BISINELLA, 2011, p.175).

De acordo com Bisinella (2011) perceber as substâncias é uma ocupação para os sentidos do corpo humano. Hann & Soentgen (2010) argumentam que se almejamos olhar para a substância de que uma coisa é composta, devemos encurtar a distância dela, observando-a e tateando-a com atenção, distinguindo sua microestrutura formativa. Assim, podemos diferenciar pedras de cerâmicas e de outras substâncias.

Seguindo esta abordagem, Hilbert (2007) sugere que devemos fingir não sabermos nada sobre pedras, líticos, núcleos, lascas e fragmentos para apresentá-las fenomenologicamente em relação às suas substâncias.

E esse empenho fenomenológico passa, fundamentalmente, pelo que o sujeito envolvido vê, sente e tocam das coisas do mundo ao nosso redor, pertencentes ao espaço vivido (HILBERT, 2007).

Através da superfície estabelecem-se as primeiras relações comunicativas entre objeto e sujeito. Os olhos, esses órgãos da distância, avaliam o brilho, a rugosidade, a pátina do objeto. As mãos aproximam-se, as pontas dos dedos percebem a superfície da peça. Algumas substâncias respiram, absorvem seu entorno, outras não respiram. Substâncias basálticas, areníticas, graníticas,

madeira, cerâmica estão em constante intercâmbio com seu entorno, absorvem o ambiente. Essas substâncias contam histórias, incorporam histórias. Outras substâncias, como as cristalinas, silicosas, as ágatas, os quartzos parecem inalteradas. Suas superfícies são lisas, brilhantes, repelentes, as marcas, as impressões digitais são removíveis. Essas substâncias parecem sempre novas (HILBERT, 2007, p.24).

Hilbert (2007) incorpora, sobretudo, a visão e o tato como sendo os sentidos que mais se aproximam das coisas e suas substâncias. Ouzman (2001) também acredita que o emprego de diversos sentidos permite a cada um legitimar ou refutar o outro, abrindo-se assim para a possibilidade de alcançar o mundo de forma não visual.

We need only partially to close our eyes, open our minds and slowly feel our way towards the mindscape of our predecessors in order to appreciate the power and limitations of our sensory perceptions and acknowledge the existence of realities beyond our ken (OUZMAN, 2001, p. 252).

Segundo Bisinella (2011), o sentido tátil, alusivo ao toque e ao movimento, é um dos mais negligenciados na arqueologia, embora seja definitivamente crucial na nossa experiência engajada com o mundo. É o único que invariavelmente media o corpo e o meio, e, sendo primariamente experimentado com os dedos e as mãos. Ainda segundo a autora, o contato físico é capaz de instituir um vínculo efetivo entre as pessoas e o mundo ao seu redor.

Aleatoriamente, então, selecionamos algumas peças líticas provenientes das diferentes quadriculas do sítio e que representassem distintas características físicas dentro da coleção para visualizar características como cor e brilho, além, é claro, das ações humanas realizadas sobre elas.

Por outro lado, ao fechar os olhos e aceitando que meus dedos deslizassem pelas superfícies dos materiais líticos, pudemos constatar outros aspectos como textura, rigidez etc. Então logo abaixo segue algumas percepções que tivemos das características observadas nas peças.

5.1.10 Substâncias líticas

Nº catálogo: 289 – 35 quadrícula B3

Análise visual: arenito cinza claro, com coloração amarelada na superfície natural e grande presença de sílica brilhosa nas partes internas e externas.

Análise tátil: material rígido, com texturas individualizadas – uma áspera e acidentada e outra mais lisa e alinhada (lascada), intercalada de saliências e reentrâncias.

Figura 84 – peça 289 – 35



Fonte: LEPA-UFSM

Nº catálogo: 289 – 87 quadrícula F2

Análise visual: arenito cinza claro, com coloração marrom na superfície natural e grande presença de córtex nas partes externas.

Análise tátil: material rígido, com textura externa lisa (alisada naturalmente - córtex de seixo de rio) e internamente apresenta superfície pouco rugosa. Apresenta reentrâncias salientes em uma das bordas.

Figura 85 – peça 289 – 87



Fonte: LEPA-UFSM

Nº catálogo: 289 – 54 quadrícula E1

Análise visual: arenito amarelo claro, sua superfície natural apresenta grande presença de manchas avermelhadas.

Análise tátil: material rígido, com textura externa e interna lisa. Apresenta reentrâncias salientes e todas as suas bordas são retilíneas.

Figura 86 – peça 289 – 54



Fonte: LEPA-UFSM

Nº catálogo: 289 – 98 quadrícula F4

Análise visual: calcedônia cinza clara, translúcida em quase toda a sua totalidade, não apresenta córtex.

Análise tátil: material rígido sem variações de texturas e com superfícies externa e interna lisa. Não apresenta reentrâncias e suas bordas são retilíneas.

Figura 87 – peça 289 – 98

Fonte: LEPA-UFSM

Nº catálogo: 289 – 117 quadrícula C5

Análise visual: arenito cinza claro, com coloração marrom na superfície natural e grande presença de córtex nas partes externas.

Análise tátil: material rígido com duas variações de texturas e com superfícies externa lisa e interna rugosa. Apresenta reentrâncias significativas e suas bordas são retilíneas.

Figura 88 – peça 289 – 117

Fonte: LEPA-UFSM

Nº catálogo: 289 – 221 quadrícula E4

Análise visual: calcedônia amarela escura, não apresenta córtex e possui superfície opaca.

Análise tátil: material rígido com variações de texturas e com superfícies externa rugosa e interna lisa. Apresenta reentrâncias e muita rugosidade em uma das suas faces, suas bordas são retilíneas.

Figura 89 – peça 289 – 221

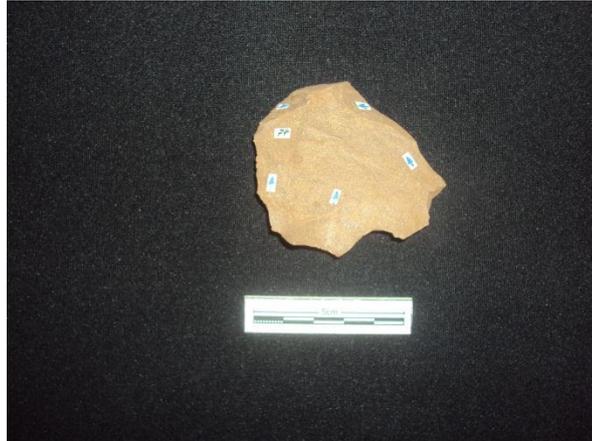


Fonte: LEPA-UFSM

Nº catálogo: 289 – 76 quadrícula E3

Análise visual: arenito amarelo claro, na superfície dorsal apresenta significativas reentrâncias em toda a sua face. Na parte ventral apresenta muito brilho devido a grande quantidade de sílica.

Análise tátil: material rígido apresentando textura rugosa na parte externa juntamente com reentrâncias que modelam o formato dos dedos na medida em que tocamos a peça. Possui bordas irregulares que criam formatos ogivais.

Figura 90 – peça 289 – 76

Fonte: LEPA-UFSM

Nº catálogo: 289 – 121 quadrícula F4

Análise visual: arenito amarelo claro e cinza, na superfície externa apresenta expressivas concavidades em um dos lados desta face. Na parte ventral apresenta uma superfície rugosa sem brilho.

Análise tátil: material rígido apresentando textura rugosa na parte periférica da peça. Na parte superior do artefato sentimos dois negativos bastante profundos que atrapalham uma possível prensão do instrumento. Percebemos bordas regulares que criam perfis retilíneos.

Figura 91 – peça 289 – 121

Fonte: LEPA-UFSM

Nº catálogo: 289 – 212 quadrícula B2

Análise visual: arenito laranja claro, na superfície externa apresenta duas grandes concavidades em ambos os lados desta face. Na parte ventral apresenta uma superfície lisa com bastante brilho.

Análise tátil: material rígido apresentando textura lisa nas duas superfícies da peça. Na parte superior do artefato percebemos muitos negativos pouco profundos que hipoteticamente resultariam em uma possível preensão do instrumento. Percebemos duas bordas regulares que criam perfis retilíneos e uma borda periférica côncava.

Figura 92 – peça 289 – 212

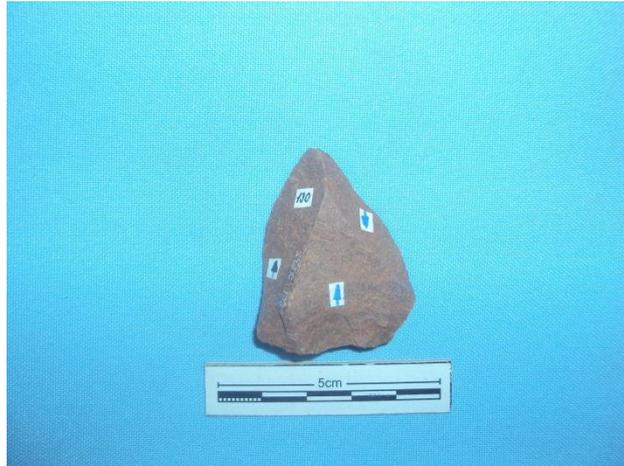


Fonte: LEPA-UFSM

Nº catálogo: 289 – 41 quadrícula A2

Análise visual: arenito vermelho claro, na superfície externa apresenta duas grandes concavidades em ambos os lados desta face, uma mais profunda que a outra. Na parte ventral apresenta uma superfície rugosa sem nenhum tipo de brilho.

Análise tátil: material rígido apresentando textura rugosa nas duas superfícies da peça. Na parte superior do artefato sentimos dois negativos pouco profundos que poderiam ser resultado de uma possível preensão do instrumento, destacando-se a concavidade central da peça. Percebemos duas bordas regulares que criam um perfil triangular e uma borda periférica côncava.

Figura 93 – peça 289 – 41

Fonte: LEPA-UFSM

Nº catálogo: 289 – 63 quadrícula D2

Análise visual: arenito amarelo claro na parte externa e bege na parte interna, na superfície externa apresenta uma ampla face natural exibindo apenas duas concavidades na lateral de uma destas faces, uma mais profunda que a outra. Na parte ventral apresenta uma superfície lisa sem nenhum brilho.

Análise tátil: material rígido apresentando textura lisa em toda superfície da peça. Na parte superior do artefato percebemos dois negativos sendo um muito maior e mais profundo do que o outro. Percebemos suas bordas arredondadas e também côncavas nas partes onde se apresentam as maiores reentrâncias.

Figura 94 – peça 289 – 63

Fonte: LEPA-UFSM

Nº catálogo: 289 – 118 quadrícula B1

Análise visual: calcedônia cinza clara, na superfície externa apresenta uma ampla face natural lisa com pequenas reentrâncias que modificam a estrutura original da peça. Na parte inferior apresenta também uma superfície lisa sem nenhum brilho e bastante opaca.

Análise tátil: material rígido apresentando textura lisa nas duas superfícies da peça. Na parte superior do artefato sentimos pequenos negativos pouco profundos. Percebemos suas bordas regulares que criam um perfil quadrangular que dá formato de paralelepípedo a peça

Figura 95 – peça 289 – 118



Fonte: LEPA-UFSM

Nº catálogo: 289 – 82 quadrícula F1

Análise visual: arenito vermelho claro na parte externa e vermelha escuro na parte interna, na superfície externa apresenta uma face com variadas reentrâncias que criam uma concavidade artificial para a peça. Na parte ventral apresenta uma superfície lisa com significativo brilho devido a grande quantidade de sílica.

Análise tátil: material rígido apresentando textura extremamente lisa nas duas superfícies. Na parte superior do artefato sentimos dois negativos pouco profundos que poderiam ser resultado de uma possível prensão do instrumento. Percebemos duas bordas regulares que criam um perfil retilíneo aproximadamente até a metade da peça. A outra metade possui um perfil triangular levemente côncavo.

Figura 96 – peça 289 – 82

Fonte: LEPA-UFSM

Nº catálogo: 289 – 77 quadrícula D4

Análise visual: arenito amarelo escuro na parte externa e amarelo claro na parte interna, na superfície externa apresenta uma ampla face natural exibindo apenas uma concavidade na lateral de uma destas faces. Na parte ventral apresenta uma superfície bastante rugosa sem nenhum brilho.

Análise tátil: material rígido apresentando textura rugosa em toda superfície da peça. Na parte superior do artefato sentimos apenas um negativo sendo este bastante raso. Percebemos suas bordas arredondadas e também côncavas nas partes onde se apresentam as maiores reentrâncias.

Figura 97 – peça 289 – 77

Fonte: LEPA-UFSM

Nº catálogo: 289 – 13 quadrícula A3

Análise visual: arenito cinza claro na parte externa e cinza escuro na parte interna, na superfície externa apresenta uma face extremamente limpa e lisa que criam certa amplitude morfológica para a peça. Nas partes laterais e periféricas apresentam reentrâncias profundas que delineiam consequentemente suas bordas. A parte ventral apresenta uma superfície lisa com significativo brilho devido a grande quantidade de sílica.

Análise tátil: material rígido apresentando textura lisa em ambas as superfícies. Na parte superior do artefato sentimos uma ampla face plana que poderiam ser resultado de uma possível prensão do instrumento. Percebemos que a maioria das bordas possuem perfil côncavo e uma pequena parte convexa.

Figura 98 – peça 289 – 13



Fonte: LEPA-UFSM

Nº catálogo: 289 – 162 quadrícula F4

Análise visual: arenito amarelo claro com porções mais escuras, na superfície externa apresenta três grandes concavidades, uma mais profunda que a outra. Na parte ventral apresenta uma superfície rugosa sem nenhum tipo de brilho.

Análise tátil: material rígido apresentando textura rugosa em ambas as superfícies. Na parte superior do artefato sentimos duas faces plana que poderiam ser resultado de uma possível

preensão do instrumento. Percebemos que a maioria das bordas possuem perfil convexo e uma pequena parte retilínea.

Figura 99 – peça 289 – 162



Fonte: LEPA-UFSM

Nº catálogo: 289 – 204 quadrícula F2

Análise visual: arenito amarelo claro com algumas pigmentações em vermelho, na superfície externa apresenta quatro grandes reentrâncias, uma mais profunda que a outra. Na parte inferior apresenta uma superfície lisa com relativo brilho.

Análise tátil: material rígido apresentando textura muito lisa em toda superfície da peça. Na parte superior do artefato sentimos quatro negativos sendo estes bastante profundos. Percebemos suas bordas côncavas que delineiam amplas reentrâncias que reconfiguram a parte estrutural do instrumento.

Figura 100 – peça 289 – 204



Fonte: LEPA-UFSM

Nº catálogo: 289 – 173 quadrícula C4

Análise visual: arenito amarelo claro, na superfície externa apresenta pequenas concavidades em uma de suas extremidades, uma mais profunda que a outra. Na parte inferior apresenta uma superfície lisa sem nenhum tipo de brilho.

Análise tátil: material rígido apresentando textura rugosa em toda superfície da peça. Na parte superior do artefato sentimos muitas reentrâncias em uma de suas extremidades sendo estas extremamente rasas. Percebemos suas bordas simplesmente retilíneas.

Figura 101 – peça 289 – 173



Fonte: LEPA-UFSM

Nº catálogo: 289 – 207 quadrícula A4

Análise visual: arenito amarelo escuro na parte externa e claro na parte interna, na superfície externa apresenta uma ampla face natural exibindo apenas duas concavidades na lateral de uma destas faces, uma mais profunda que a outra. Na parte inferior apresenta uma superfície lisa sem nenhum brilho.

Análise tátil: material rígido apresentando textura lisa em toda superfície da peça. Na parte superior do artefato sentimos dois negativos do mesmo tamanho. Percebemos uma de suas bordas côncava onde se apresentam as maiores reentrâncias e outra retilínea e mais abrupta.

Figura 102 – peça 289 – 207

Fonte: LEPA-UFSM

Nº catálogo: 289 – 142 quadrícula C2

Análise visual: calcedônia cinza clara, translúcida em quase toda a sua totalidade, na superfície externa apresenta pequenas concavidades, umas mais profundas que outras. Na parte inferior apresenta uma superfície lisa com bastante brilho, não apresenta córtex.

Análise tátil: material rígido apresentando textura lisa em toda superfície da peça. Na parte superior do artefato sentimos várias reentrâncias de tamanhos variados que atingem todo o comprimento do artefato. Percebemos suas bordas retilíneas.

Figura 103 – peça 289 – 142

Fonte: LEPA-UFSM

Nº catálogo: 289 – 194 quadrícula C4

Análise visual: arenito amarelo claro, na superfície externa apresenta uma extensa face natural exibindo apenas duas concavidades na lateral de uma destas faces. Na parte inferior apresenta uma superfície rugosa sem nenhum brilho.

Análise tátil: material rígido apresentando textura rugosa em toda superfície da peça. Na parte lateral da peça sentimos duas reentrâncias de tamanhos iguais que atingem a metade do comprimento do artefato. Percebemos suas bordas retilíneas.

Figura 104 – peça 289 – 194



Fonte: LEPA-UFSM

Nº catálogo: 289 – 200 quadrícula B1

Análise visual: calcedônia cinza clara com algumas linhas amarelas, translúcida em quase toda a sua totalidade, na superfície externa apresenta uma face plana e lisa. Na parte inferior apresenta uma superfície lisa com bastante brilho e apresenta córtex em uma das suas extremidades.

Análise tátil: material rígido apresentando textura lisa em toda superfície da peça e rugosa em uma das extremidades. Na parte superior do artefato sentimos uma face limpa que atinge todo o comprimento do artefato. Percebemos suas bordas retilíneas.

Figura 105 – peça 289 – 200

Fonte: LEPA-UFSM

Nº catálogo: 289 – 51 quadrícula D1

Análise visual: arenito amarelo escuro na parte externa e amarelo claro na parte interna, na superfície externa apresenta uma ampla face natural exibindo uma faceta lisa que se prolonga em toda a extensão da peça. Na parte ventral apresenta uma superfície bastante rugosa sem nenhum brilho.

Análise tátil: material rígido apresentando textura rugosa na parte inferior da peça e lisa na externa. Na parte superior do artefato sentimos uma ampla face plana. Percebemos suas bordas predominantemente retas e também côncavas nas partes onde se apresentam as maiores reentrâncias.

Figura 106 – peça 289 – 51

Fonte: LEPA-UFSM

Nº catálogo: 289 – 148 quadrícula D2

Análise visual: arenito amarelo claro com algumas manchas mais escuras, na superfície externa apresenta uma grande superfície lisa e plana. Em uma das laterais presenciamos uma grande reentrância bastante profunda. Na parte ventral apresenta uma superfície lisa com grande concentração de sílica proporcionando muito brilho.

Análise tátil: material rígido apresentando textura lisa e limpa em ambas as superfícies. Na parte superior do artefato sentimos uma faceta plana que poderia ser resultado de uma possível prensão do instrumento. Percebemos que a maioria das bordas possuem perfil retilíneo e uma pequena parte côncava.

Figura 107 – peça 289 – 148



Fonte: LEPA-UFSM

Nº catálogo: 289 – 33 quadrícula F4

Análise visual: arenito cinza claro, na superfície externa apresenta significativas reentrâncias em um dos lados desta face. Na parte inferior apresenta uma superfície rugosa sem brilho.

Análise tátil: material rígido apresentando textura rugosa em toda a peça. Na parte superior do artefato sentimos um grande negativo bastante profundo que possibilitaria uma possível prensão do instrumento. Percebemos bordas regulares que criam perfis retilíneos.

Figura 108 – peça 289 – 33

Fonte: LEPA-UFSM

Nº catálogo: 289 – 28 quadrícula C1

Análise visual: calcedônia cinza clara, amarela e preta, translúcida em suas extremidades, na superfície externa apresenta uma face plana e lisa. Na parte inferior apresenta uma superfície lisa com bastante brilho.

Análise tátil: material rígido apresentando textura lisa em toda superfície da peça. Na parte superior do artefato sentimos uma face limpa que atingem todo o comprimento do artefato. Percebemos suas bordas retilíneas com leve perfil triangular.

Figura 109 – peça 289 – 28

Fonte: LEPA-UFSM

Nº catálogo: 289 – 31 quadrícula C4

Análise visual: arenito cinza escuro, na superfície externa apresenta várias reentrâncias com relativas profundidades em toda a sua face. Na parte ventral apresenta pouco brilho devido alguma quantidade de sílica.

Análise tátil: material rígido apresentando textura extremamente lisa em toda superfície da peça. Na parte superior do artefato sentimos cinco negativos sendo estes bastante variados em suas morfologias. Percebemos suas bordas retas que delineiam a morfologia estrutural do instrumento.

Figura 110 – peça 289 – 31



Fonte: LEPA-UFSM

Nº catálogo: 289 – 301 quadrícula C1

Análise visual: arenito amarelo escuro na parte externa e claro na parte interna, na superfície externa apresenta uma ampla face natural exibindo apenas duas concavidades na lateral de uma destas faces, uma mais profunda que a outra. Na parte inferior apresenta uma superfície lisa sem nenhum brilho.

Análise tátil: material rígido apresentando textura rugosa em toda superfície da peça. Na parte superior do artefato sentimos dois negativos um maior que o outro. Percebemos uma de suas bordas côncava onde se apresentam as maiores reentrâncias e a outra convexa e extremamente abrupta.

Figura 111 – peça 289 – 301



Fonte: LEPA-UFSM

Nº catálogo: 289 – 401 quadrícula C4

Análise visual: arenito vermelho escuro, na superfície externa apresenta significativas concavidades nesta faceta. Na parte inferior apresenta uma superfície lisa com brilho.

Análise tátil: material rígido apresentando textura lisa em toda peça. Na parte superior do artefato sentimos dois negativos que funcionariam como uma possível preensão do instrumento. Percebemos bordas regulares que criam perfis triangulares.

Figura 112 – peça 289 – 401



Fonte: LEPA-UFSM

Nº catálogo: 289 – 307 quadrícula A1

Análise visual: arenito amarelo claro, na superfície externa apresenta três grandes concavidades, uma mais profunda que a outra. Na parte inferior apresenta uma superfície plana sem nenhum tipo de brilho.

Análise tátil: material rígido apresentando textura lisa em toda peça. Na parte superior do artefato sentimos três negativos que funcionariam como uma possível preensão do instrumento. Percebemos bordas regulares que criam perfis quadrangulares.

Figura 113 – peça 289 – 307



Fonte: LEPA-UFSM

Nº catálogo: 289 – 222 quadrícula E3

Análise visual: arenito amarelo claro com algumas manchas mais escuras nas suas extremidades, na superfície externa apresenta uma grande superfície lisa e plana. Em uma das laterais presenciamos duas grandes reentrâncias bem marcadas. Na parte inferior apresenta-se uma superfície lisa com grande concentração de sílica proporcionando muito brilho.

Análise tátil: material rígido apresentando textura lisa em toda peça. Na parte superior do artefato sentimos dois negativos que dividem a peça como uma nervura e estas funcionariam como uma possível preensão do instrumento. Percebemos bordas irregulares que criam perfis curvos.

Figura 114 – peça 289 – 222

Fonte: LEPA-UFSM

Nº catálogo: 289 – 412 quadrícula E4

Análise visual: arenito amarelo claro, na superfície externa apresenta uma extensa face natural exibindo apenas duas concavidades na lateral de uma destas faces. Na parte inferior apresenta uma superfície rugosa sem nenhum brilho.

Análise tátil: material rígido apresentando textura rugosa em toda superfície da peça. Na parte superior do artefato sentimos dois negativos um maior que o outro. Percebemos uma de suas bordas extremamente irregulares.

Figura 115 – peça 289 – 412

Fonte: LEPA-UFSM

Nº catálogo: 289 – 374 quadrícula A4

Análise visual: arenito amarelo claro, na superfície externa apresenta uma ampla face natural. Em uma lateral exibe duas grandes concavidades. Na parte inferior apresenta uma superfície rugosa sem nenhum brilho.

Análise tátil: material rígido apresentando textura rugosa em toda superfície da peça. Na parte superior do artefato sentimos uma superfície plana e irregular. Percebemos uma de suas bordas extremamente retas e outra convexa e côncava ao mesmo tempo.

Figura 116 – peça 289 – 374



Fonte: LEPA-UFSM

Nº catálogo: 289 – 29 quadrícula F4

Análise visual: arenito amarelo claro, na superfície externa apresenta uma ampla face natural bastante irregular. Na parte inferior apresenta uma superfície rugosa sem nenhum brilho.

Análise tátil: material rígido apresentando textura rugosa em toda superfície da peça. Na parte superior do artefato sentimos uma superfície plana e acidentada. Percebemos suas bordas convexas.

Figura 117 – peça 289 – 29



Fonte: LEPA-UFSM

Nº catálogo: 289 – 96 quadrícula C3

Análise visual: arenito amarelo escuro, na superfície externa apresenta uma ampla face natural exibindo uma superfície lisa e acidentada. Na parte inferior apresenta uma superfície plana e também irregular sem brilho.

Análise tátil: material rígido apresentando textura rugosa em toda superfície da peça. Na parte superior do artefato sentimos face áspera. Percebemos suas bordas retilíneas e em uma das extremidades possui morfologia côncava.

Figura 118 – peça 289 – 96



Fonte: LEPA-UFSM

Nº catálogo: 289 – 26 quadrícula F4

Análise visual: arenito marrom escuro na parte externa e claro na parte interna, na superfície externa apresenta uma ampla face natural exibindo uma extensa reentrância em uma das laterais. Na parte inferior apresenta uma superfície plana sem nenhum brilho.

Análise tátil: material rígido apresentando textura rugosa em toda superfície da peça. Na parte superior do artefato sentimos um negativo bastante extenso localizado em sua lateral. Percebemos suas bordas com morfologia reta.

Figura 119 – peça 289 – 26



Fonte: LEPA-UFSM

Nº catálogo: 289 – 532 quadrícula F2

Análise visual: arenito amarelo claro, na superfície externa apresenta uma extensa face modificada exibindo diversas concavidades com diferentes morfologias. Na parte inferior apresenta uma superfície rugosa sem nenhum brilho.

Análise tátil: material rígido apresentando textura rugosa em toda superfície da peça. Na parte superior do artefato sentimos diversos negativos um maior que o outro. Percebemos uma de suas bordas extremamente irregulares.

Figura 120 – peça 289 – 532

Fonte: LEPA-UFSM

Nº catálogo: 289 – 321 quadrícula A4

Análise visual: arenito vermelho escuro, na superfície externa apresenta significativas concavidades com morfologias variadas. Na parte inferior apresenta uma superfície lisa sem brilho.

Análise tátil: material rígido apresentando textura áspera em toda peça. Na parte superior do artefato sentimos três negativos que funcionariam como uma possível preensão do instrumento. Percebemos bordas regulares que criam perfis curvos.

Figura 121 – peça 289 – 321

Fonte: LEPA-UFSM

Nº catálogo: 289 – 38 quadrícula F4

Análise visual: arenito vermelho claro, na superfície externa apresenta uma ampla face bastante irregular e algumas reentrâncias muito acidentadas. Na parte inferior apresenta uma superfície rugosa sem nenhum brilho.

Análise tátil: material rígido apresentando textura rugosa em toda superfície da peça. Na parte superior do artefato sentimos uma superfície áspera e desigual. Percebemos suas bordas irregulares.

Figura 122 – peça 289 – 38



Fonte: LEPA-UFSM

Nº catálogo: 289 – 05 quadrícula E3

Análise visual: arenito cinza escuro, na superfície externa apresenta diversas concavidades com morfologias variadas. Na parte inferior apresenta uma superfície lisa sem brilho.

Análise tátil: material rígido apresentando textura lisa em toda peça. Na parte superior do artefato sentimos três negativos que funcionariam como uma possível preensão do instrumento. Percebemos bordas regulares que criam perfis retos.

Figura 123 – peça 289 – 05

Fonte: LEPA-UFSM

Nº catálogo: 289 – 12 quadrícula A4

Análise visual: arenito vermelho claro, na superfície externa apresenta várias reentrâncias com relativas profundidades em toda a sua face. Na parte ventral apresenta pouco brilho devido à escassa quantidade de sílica.

Análise tátil: material rígido apresentando textura lisa em toda peça. Na parte superior do artefato sentimos três negativos que dividem a peça como uma nervura e estas funcionariam como uma possível preensão do instrumento. Percebemos bordas irregulares que criam perfis curvos.

Figura 124 – peça 289 – 12

Fonte: LEPA-UFSM

Nº catálogo: 289 – 438 quadrícula F2

Análise visual: arenito vermelho claro, na superfície externa apresenta uma extensa face modificada exibindo diversas concavidades com diferentes morfologias e profundidades. Na parte inferior apresenta uma superfície plana sem nenhum brilho.

Análise tátil: material rígido apresentando textura abrasiva em toda superfície da peça. Na parte superior do artefato sentimos diversos negativos um maior que o outro e muito desiguais. Percebemos suas bordas extremamente irregulares sem nenhum padrão morfológico.

Figura 125 – peça 289 – 438



Fonte: LEPA-UFSM

Nº catálogo: 289 – 763 quadrícula B2

Análise visual: arenito marrom escuro, na superfície externa apresenta uma ampla face natural exibindo uma vasta reentrância em uma das laterais. Na parte inferior apresenta uma superfície limpa sem nenhum brilho.

Análise tátil: material rígido apresentando textura grosseira em toda superfície da peça. Na parte lateral do artefato sentimos um negativo bastante extenso e profundo. Percebemos suas bordas com morfologia convexa.

Figura 126 – peça 289 – 763

Fonte: LEPA-UFSM

Nº catálogo: 289 – 540 quadrícula F1

Análise visual: arenito cinza claro, na superfície externa apresenta duas reentrâncias com relativas profundidades em toda a sua face. Na parte inferior apresenta muito brilho devido a grande quantidade de sílica.

Análise tátil: material rígido apresentando textura limpa em toda peça. Na parte superior do artefato sentimos dois negativos que dividem a peça como uma nervura e estas possivelmente serviriam para prensão do instrumento. Percebemos bordas irregulares que criam perfis retos e côncavos.

Figura 127 – peça 289 – 540

Fonte: LEPA-UFSM

Nº catálogo: 289 – 874 quadrícula B4

Análise visual: arenito vermelho claro, na superfície externa apresenta uma ampla face bastante irregular e algumas reentrâncias muito acidentadas. Na parte inferior apresenta uma superfície abrasiva sem nenhum brilho.

Análise tátil: material rígido apresentando textura rugosa em toda superfície da peça. Na parte superior do artefato sentimos uma superfície áspera e desigual. Percebemos suas bordas irregulares.

Figura 128 – peça 289 – 874



Fonte: LEPA-UFSC

Nº catálogo: 289 – 179 quadrícula E2

Análise visual: arenito cinza claro, na superfície externa apresenta duas reentrâncias que definem toda a sua face. Na parte inferior apresenta muito brilho devido a grande quantidade de sílica.

Análise tátil: material rígido apresentando textura limpa em toda peça. Na parte superior do artefato sentimos dois negativos que dividem a peça como uma nervura e estas provavelmente conviriam para prensão do instrumento. Percebemos bordas irregulares que criam perfis retos.

Figura 129 – peça 289 – 179

Fonte: LEPA-UFSM

Nº catálogo: 289 – 908 quadrícula E3

Análise visual: arenito vermelho claro, na superfície externa apresenta duas reentrâncias que determinam a morfologia de toda a sua face. Na parte inferior apresenta muito brilho devido a grande quantidade de sílica.

Análise tátil: material rígido apresentando textura lisa em toda peça. Na parte superior do artefato sentimos dois negativos que dividem a peça ao meio e estas possivelmente serviriam para prensão do instrumento. Percebemos bordas irregulares que criam perfis retos e convexos.

Figura 130 – peça 289 – 908

Fonte: LEPA-UFSM

Nº catálogo: 289 – 432 quadrícula F1

Análise visual: arenito vermelho claro, na superfície externa apresenta muitas reentrâncias com relativas profundidades em toda a sua face. Na parte inferior apresenta pouco brilho devido alguma quantidade de sílica.

Análise tátil: material rígido apresentando textura extremamente áspera em toda superfície da peça. Na parte superior do artefato sentimos cinco negativos sendo estes muito variáveis em suas morfologias. Percebemos suas bordas bastante modificadas que delineiam uma morfologia reta e côncava.

Figura 131 – peça 289 – 432



Fonte: LEPA-UFSM

Nº catálogo: 289 – 364 quadrícula D4

Análise visual: arenito vermelho claro, na superfície externa apresenta quatro reentrâncias que definem toda a sua face. Na parte inferior apresenta pouco brilho devido à rara quantidade de sílica.

Análise tátil: material rígido apresentando textura limpa em toda peça. Na parte superior do artefato sentimos quatro negativos que dividem a peça em duas partes. Percebemos bordas irregulares que criam perfis retos.

Figura 132 – peça 289 – 364

Fonte: LEPA-UFSM

Nº catálogo: 289 – 743 quadrícula C3

Análise visual: arenito cinza escuro, na superfície externa apresenta uma grande reentrância que define toda a sua face. Na parte inferior apresenta muito brilho devido a grande quantidade de sílica.

Análise tátil: material rígido apresentando textura limpa em toda peça. Na parte superior do artefato sentimos um grande negativo que serviria para prensão do instrumento. Percebemos bordas irregulares que criam perfis convexos.

Figura 133 – peça 289 – 743

Fonte: LEPA-UFSM

Hilbert (2009) argumenta então que as pedras têm histórias oportunas para narrar, acontecidas muito antes do aparecimento da espécie humana. Essas histórias, que deixaram marcas nas pedras são resultados de ações da natureza como a água, a terra, o calor etc. Para finalizar este raciocínio citamos o próprio Hilbert com a seguinte passagem:

Que são substâncias? Substâncias existem, aparecem, são fracionáveis, são espécies naturais, elas têm tendências, qualidades, são materiais e concretas. Que são coisas? Coisas têm lados, se escondem, aparecem, têm tendências, têm história, são substanciais (HILBERT, 2009, s/p)

5.1.11 Paisagens reveladas

Podemos afirmar que a Antropologia Sensorial busca perceber as diferentes formas que os sentidos ganham dentro de uma determinada sociedade. A maioria de seus pesquisadores parte do pressuposto de que os sentidos são culturalmente construídos (HOWES & CLASSEN, 1991; VAN EDE, 2009). Constance Classen e David Howes demonstram que os sentidos são delineados pela cultura na qual um grupo está submetido e estes sentidos é o que nos ligam e nos fazem sentir o mundo da maneira que sentimos (CLASSEN, 1997, p. 401; HOWES, 2006).

We learn how to see; we learn to observe or not to observe. This is the same for all other senses as well. It is a process in which each person learns to put his biological, physical tools into use according to the rules and norms of one's culture and society. Therefore, distinctive cultures and social groups – based on ethnicity, social class, cultural preferences, religion, gender, or profession – differ in what they often take to be a very *natural* way of sensory perceiving and constructing the world. (VAN EDE, 2009, p. 65).

Partindo deste princípio David Howes (2006) ilustra em seu artigo a famosa fragmentação que a cultura Ocidental moderna faz dos sentidos com fins científicos e culturais. Em sua pesquisa neuropsicológica, Howes (2006) descreve avanços na organização multissensorial do cérebro que põe em cheque à ideia de cinco sentidos separados entre si e únicos em suas funções e modelos de atuação.

Ao apresentar tais argumentos, Howes (2006) quer rediscutir um ponto chave para a compreensão dos sentidos e este ponto seria o conceito de sinestesia. O grande avanço que Howes irá fazer em relação ao conceito já trabalhado por Merleau-Ponty é que para o primeiro autor as vinculações sinestésicas serão sempre apreendidas no engajamento diário

com o mundo e não apenas o resultado da capacidade biológica do corpo humano como pensava Merleau-Ponty.

Um exemplo deste tipo de situação sinestésica pode ser observado no artigo de Franck e Gold (1998) intitulado “*The limits of perceptual objectivity in international Peace observation*” quando estes estudam a Neuroquímica da percepção visual. Desta maneira, os pesquisadores demonstram que todos os elementos que foram experimentados por indivíduos anteriormente chegam ao cérebro e se adequam as mensagens já codificadas por suas bagagens sensitivas. Este seria um bom caminho para se entender o processo de sinestesia onde a percepção de um sabor, por exemplo, pode estar relacionada à memória de um cheiro, como citam os autores, pois a sua correlação é creditada por uma associação que fazemos ao longo de nossas vidas (ARAÚJO, 2016).

De acordo com Howes (2006), somos mecanicamente habituados a fragmentar nossos sentidos quando tratamos deles e, não percebemos que possuímos apenas um corpo no qual todos os sentidos atuam de forma sinérgica formando um complexo sensorial.

Um claro exemplo desta experiência sinestésica pode ser vista nos *Kogi*, grupo étnico da Colômbia, onde o uso dos cheiros é utilizado para “*order the experience and understand the space*” (HOWES, 2006). Outro importante exemplo desta situação é vista no grupo *Kaluli* de Papua Nova Guiné onde estes estruturam seu espaço de vida por meio das músicas e a relação sinestésica se dá por meio dos movimentos corporais que criam os caminhos e os espaços da vivência diária (VAN EDE, 2009).

Portanto, a Antropologia Sensorial deixa claro que para compreendermos nossos sentidos devemos estar imerso no mundo. Devemos estar dentro dele e não o observando. É de suma importância para o arqueólogo que pesquisa os sentidos, primeiramente, fazer sua própria etnologia crítica quanto a sua constituição sensorial como indivíduo engajado em uma sociedade. Segundo Araújo (2016), é preciso perceber nos exemplos pontuados pela Antropologia, a diversidade cultural e sensorial existente e, dessa forma, passar a imaginar o mundo do passado ao qual nos debruçamos com uma possível pluralidade nos mesmos quesitos. Desta maneira:

The archaeologies of the senses are attempts to come to terms with the fully embodied, experiential matter-reality of the past; to understand how people produce their subjectivities, their collectively and experientially founded identities, how they live their daily routines and construct their own histories, through the sensuous and sensory experience of matter, of other animate and inanimate beings, human, animal, plant, or other. In other words, they are attempts to come to terms with the skin and the flesh of the world (HAMILAKIS, 2011, p. 208).

Com esta citação acima, demonstramos como iremos revisar as Paisagens Sensoriais do Rincão do Inferno. Não temos a intenção de sentir o que os habitantes pré-coloniais sentiram, mas queremos entender como eles viviam e como eles construíam seu engajamento no mundo a sua volta por meio da experiência sensorial disposta pela Cultura Material que produziram.

Buscaremos entender a Paisagem arqueológica de Quaraí por meio do corpo, sendo que o ato de percebê-la requer a sua vivência e seu engajamento local (TILLEY, 1994; 2004). Além disto, Tilley (2004) demonstra que devemos entrar na paisagem e deixar que ela haja em nosso campo sensitivo, permitindo que tenhamos percepções provindas da imersão nela. Fica claro com estes argumentos que, devemos experimentar os lugares arqueológicos para criar nossas hipóteses sensitivas, ou seja, não podemos perceber um espaço sem ter a vivência dele. Desta forma, Pellini (2010), nos faz um alerta para que as paisagens não sejam apenas analisadas por meio da visão, pois paisagens, são encontros íntimos com o mundo que estamos engajados com todos os nossos sentidos.

No Brasil, as pesquisas que possuem esse referencial teórico sensitivo ainda são uma raridade. O principal defensor desta nova tendência na Arqueologia brasileira é o professor José Roberto Pellini. Em suas publicações sobre Arqueologia Sensorial sempre estão presentes conceitos como: Percepção, Realidade, Sensações, Sentidos, Fenomenologia e “Paisagem”.

No artigo *Mudando o coração, a mente e as calças* ele esclarece que: “*de como se dá a relação entre os indivíduos e o mundo material, partindo do pressuposto de que da mesma maneira que os objetos suscitam sensibilidades eles são sensíveis aos modelos senso-culturais de um grupo*” (PELLINI, 2010, p. 12). Desta forma, seus artigos orientaram nossas pesquisas e nos induziram a compreender que a Arqueologia Sensorial tem como foco entender a experiência humana a partir do seu engajamento sensitivo no mundo.

Desta maneira, o referencial teórico que aplicamos para o estudo das Paisagens Sensoriais da região do Rincão do Inferno foi o de entrelaçamento e vivência da localidade, não como um pesquisador, mas sim como alguém que conhece a região há quinze anos e já está imerso com os hábitos, as belezas, as cores, sons e cheiros do lugar e seus atuais habitantes. Apenas a vivência diária pode fornecer a possibilidade de compreender a região e dar subsídios para uma abordagem fenomenológica que busca entender a experiência do indivíduo em determinado contexto e as suas percepções sobre a realidade (TILLEY, 2004).

A partir disso, buscaremos compreender cinco áreas arqueológicas que foram estabelecidas por Lemes (2008) a partir das análises de dispersão de material arqueológico proposta por Pellini (2010) e por Araújo (2016).

→ A primeira proposta seria a Análise de Visibilidade, onde os pontos de maior alcance visual dentro dessas áreas e entre elas foram estabelecidos, possibilitando determinar assim, pontos que podiam ou não ser vistos em 360° de locais de observação específicos, sendo estes escolhidos *a priori*, pelo eixo de dispersão do material arqueológico (ARAÚJO, 2016).

→ A segunda variável fenomenológica seria a do Conforto Humano ou Conforto Térmico. De acordo com Araújo (2016), seu objetivo é captar a área na qual a relação vento/temperatura dentro dos assentamentos possibilitaria o melhor conforto térmico. Assim, foram utilizados anemômetros e termômetros em todas as três áreas estabelecidas realizando medições durante várias vezes ao dia.

→ A terceira variante seria a Comunicação Sensorial e segundo Pellini, “*se queremos entender as pessoas e não apenas os vestígios materiais, temos de entender as estratégias sociais envolvidas na ocupação e na instalação do sítio*” (PELLINI, 2011, p. 30). Araújo também esclarece a metodologia a ser empregada com a seguinte contribuição:

A análise partiu da determinação de uma área de comunicação sonora e gestual a partir do centro de dispersão horizontal de vestígios identificados. Foram utilizados 3 indivíduos para essa análise (dois homens e uma mulher), sendo que um permaneceu no ponto definido como central enquanto os demais, alinhados nos eixos dos pontos cardeais, foram se distanciando regularmente (entre 10, 20, 50, 100 metros, sendo a partir daí mantida essa última cota até o limite máximo possível) do primeiro. Simultaneamente, o indivíduo disposto no centro realizou atividades que foram analisadas pelos demais que se distanciavam. As medições realizadas nas metrificações dispostas acima levaram em conta a ausência total de comunicação, características ambientais que impedissem a continuidade do movimento de distanciamento (como, por exemplo, a potência dos ventos medida na análise anterior) possuindo como variáveis a possibilidade de comunicação verbal, de comunicação verbal forçada, gritos, comunicação gestual, reconhecimento do corpo, reconhecimento da face, reconhecimento de gestos não intencionais, de cheiros emanados ao longo do caminhamento (ARAÚJO, 2016, p. 68).

Logo abaixo, demonstraremos metodologicamente o que foi feito para que pudéssemos compreender algumas percepções que cercam estes ambientes.

Dessa forma, a primeira área experimentada por nós foram os **Topos de Interflúvio** onde a visibilidade do espaço do entorno é muito abrangente, pois esta categoria de sítios arqueológicos está situada nos pontos mais altos da região podendo manter contato visual direto com todos os ambientes e com as demais áreas arqueológicas identificadas até então. Dessa maneira, percebemos que o alcance visual a partir dos Topos obtém em todas as direções a visão **ampla e estendida** do horizonte.

As suas temperaturas foram medidas durante os horários das seis às dezoito horas durante os meses de janeiro e julho de 2018. No mês de janeiro apresentaram os níveis mais quentes ficando as medições entre 20 a 35 C°, com os momentos de maior incidência térmica entre as 13h00min horas à 16h00min horas. A velocidade dos ventos oscilava entre 5 a 15 km/h. No entanto, o mês de julho mostrou-se completamente oposto ao de janeiro. As temperaturas variaram entre 00 a 15 C° apresentando-se mais baixas nos primeiros horários da manhã e durante o fim do dia. A velocidade do vento era muito maior neste período e girava em torno dos 10 a 40 km/h. Os finais de tarde são os momentos de maior propagação eólica nestes assentamentos.

A análise de Comunicação Sensorial não demonstrou limites na troca de informação tendo como base as variáveis utilizadas chegando a 350 metros para o norte onde finaliza toda a comunicação.

Tabela 4: Comunicação Sensorial

Variáveis	Distância final em metros			
Comunicação verbal normal	75	80	80	70
Comunicação verbal forçada	150	150	150	150
Comunicação gestual	350	300	300	300
Gestos não intencionais	250	250	250	250
Reconhecimento facial	100	100	100	100
Reconhecimento do corpo	200	200	200	200
Assobio	200	200	200	200
Grito	150	150	150	150
	N	L	S	O
	Direção do Movimento			

Fonte: Araújo (2016).

Figura 134– Análise perceptiva dos Sítios Arqueológicos em Topo Interflúvio



Fonte: LEPA-UFSM.

Figura 135 – Análise perceptiva dos Sítios Arqueológicos em Topo Interflúvio



Fonte: LEPA-UFSM.

Já a segunda área experimentada por nós foram as **Cascalheiras** onde a visibilidade do espaço do entorno é bastante **limitada**, pois esta categoria de sítios arqueológicos está situada nos pontos mais baixos da região não mantendo desta forma, contato visual com os demais ambientes e com as demais áreas arqueológicas identificadas até então. Assim, percebemos que o alcance visual a partir das Cascalheiras alcança **pouquíssima** visibilidade do espaço.

As suas temperaturas foram medidas durante os horários das seis às dezoito horas durante os meses de janeiro e julho de 2018. No mês de janeiro apresentaram os níveis mais quentes ficando as medições entre 20 a 35 C°, com os momentos de maior incidência térmica entre as 11h00min horas à 15h00min horas. A velocidade dos ventos oscilava entre 5 a 10 km/h. No entanto, o mês de julho mostrou-se completamente oposto ao de janeiro. As temperaturas variaram entre 00 a 15 C° apresentando-se mais baixas nos primeiros horários da manhã e durante o fim do dia. A velocidade do vento era muito maior neste período e girava em torno dos 10 a 30 km/h. Os finais de tarde são os momentos de maior propagação eólica neste assentamento.

A análise de Comunicação Sensorial demonstrou ter muitos limites na troca de informação tendo como base as variáveis utilizadas chegando a 50 metros para o leste onde finaliza toda a comunicação.

Tabela 5: Comunicação Sensorial

Variáveis	Distância final em metros			
	N	L	S	O
Comunicação verbal normal	50	35	65	60
Comunicação verbal forçada	150	50	150	150
Comunicação gestual	300	50	200	150
Gestos não intencionais	125	50	100	100
Reconhecimento facial	100	50	60	80
Reconhecimento do corpo	150	50	100	100
Assobio	200	200	200	200
Grito	150	150	150	150
	N	L	S	O
	Direção do Movimento			

Fonte: Araújo (2016).

Figura 136 – Análise perceptiva dos Sítios Arqueológicos em Cascalheira



Fonte: LEPA-UFSM.

Figura 137 – Análise perceptiva dos Sítios Arqueológicos em Cascalheira



Fonte: LEPA-UFSM.

Já a terceira área experimentada por nós foram os **Terraços Fluviais** onde a visibilidade do espaço do entorno é também muito **limitada**, pois esta categoria de sítios arqueológicos está situada também em pontos muito baixos da região **não** mantendo contato visual com os demais ambientes. Dessa forma, percebemos que o alcance visual a partir dos Terraços alcança **pouquíssima** visibilidade do espaço.

As suas temperaturas foram medidas durante os horários das seis às dezoito horas durante os meses de janeiro e julho de 2018. No mês de janeiro apresentaram os níveis mais quentes ficando as medições entre 20 a 35 C°, com os momentos de maior incidência térmica entre as 13h00min horas à 16h00min horas. A velocidade dos ventos oscilava entre 5 a 15 km/h. No entanto, o mês de julho mostrou-se completamente oposto ao de janeiro. As temperaturas variaram entre 00 a 15 C° apresentando-se mais baixas nos primeiros horários da manhã e durante o fim do dia. A velocidade do vento era muito maior neste período e girava em torno dos 05 a 30 km/h. Os finais de tarde são os momentos de maior propagação eólica neste assentamento.

A análise de Comunicação Sensorial demonstrou ter muitos limites na troca de informação tendo como base as variáveis utilizadas chegando a 30 metros para o oeste onde finaliza toda a comunicação.

Tabela 6: Comunicação Sensorial

Variáveis	Distância final em metros			
	N	L	S	O
Comunicação verbal normal	80	60	70	30
Comunicação verbal forçada	100	120	150	100
Comunicação gestual	300	200	150	30
Gestos não intencionais	125	100	100	30
Reconhecimento facial	100	80	60	30
Reconhecimento do corpo	150	150	100	30
Assobio	200	200	200	200
Grito	150	150	150	150
	N	L	S	O
	Direção do Movimento			

Fonte: Araújo (2016).

Figura 138 – Análise perceptiva dos Sítios Arqueológicos em Terraço Fluvial



Fonte: LEPA-UFSM.

Figura 139 – Análise perceptiva dos Sítios Arqueológicos em Terraço Fluvial



Fonte: LEPA-UFSM.

Já a quarta área experimentada por nós foram os **Pavimentos Detríticos** onde a visibilidade do espaço do entorno é muito abrangente, pois esta categoria de sítios arqueológicos está situada nos pontos mais altos da região podendo manter contato visual direto com todos os ambientes e com as demais áreas arqueológicas identificadas até então. Dessa maneira, percebemos que o alcance visual a partir dos Pavimentos obtém em todas as direções a visão **ampla e estendida** do horizonte.

As suas temperaturas foram medidas durante os horários das seis às dezoito horas durante os meses de janeiro e julho de 2018. No mês de janeiro apresentaram os níveis mais quentes ficando as medições entre 20 a 35 C°, com os momentos de maior incidência térmica entre as 13h00min horas à 16h00min horas. A velocidade dos ventos oscilava entre 5 a 15 km/h. No entanto, o mês de julho mostrou-se completamente oposto ao de janeiro. As temperaturas variaram entre 00 a 15 C° apresentando-se mais baixas nos primeiros horários da manhã e durante o fim do dia. A velocidade do vento era muito maior neste período e girava em torno dos 10 a 40 km/h. Os finais de tarde são os momentos de maior propagação eólica nestes assentamentos.

A análise de Comunicação Sensorial não demonstrou limites na troca de informação tendo como base as variáveis utilizadas que chegaram a 350 metros para o sul onde foi finaliza toda a comunicação.

Tabela 7: Comunicação Sensorial

Variáveis	Distância final em metros			
Comunicação verbal normal	80	80	80	75
Comunicação verbal forçada	150	150	200	150
Comunicação gestual	300	300	350	300
Gestos não intencionais	250	250	250	250
Reconhecimento facial	100	100	100	100
Reconhecimento do corpo	200	200	200	200
Assobio	200	200	200	200
Grito	150	150	150	150
	N	L	S	O
	Direção do Movimento			

Fonte: Araújo (2016).

Figura 140 – Análise perceptiva dos Sítios Arqueológicos em Pavimento Detritico



Fonte: LEPA-UFSM

Figura 141 – Análise perceptiva dos Sítios Arqueológicos em Pavimento Detritico



Fonte: LEPA-UFSM

Já a quinta área experimentada por nós foram os **Areais** onde a visibilidade do espaço do entorno é bastante **limitada**, pois esta categoria de sítios arqueológicos está situada nos pontos mais baixos da região não mantendo desta forma, contato visual com os demais ambientes e com as demais áreas arqueológicas identificadas até então. Assim, percebemos que o alcance visual a partir dos Areais alcança **pouquíssima** visibilidade do espaço.

As suas temperaturas foram medidas durante os horários das seis às dezoito horas durante os meses de janeiro e julho de 2018. No mês de janeiro apresentaram os níveis mais quentes ficando as medições entre 15 a 35 C°, com os momentos de maior incidência térmica entre as 11h00min horas à 16h00min horas. A velocidade dos ventos oscilava entre 5 a 20 km/h. No entanto, o mês de julho mostrou-se completamente oposto ao de janeiro. As temperaturas variaram entre 00 a 10 C° apresentando-se mais baixas nos primeiros horários da manhã e durante o fim do dia. A velocidade do vento era muito maior neste período e girava em torno dos 15 a 35 km/h. Os finais de tarde são os momentos de maior propagação eólica neste assentamento.

A análise de Comunicação Sensorial demonstrou ter muitos limites na troca de informação tendo como base as variáveis utilizadas chegando a 70 metros para o leste onde finaliza toda a comunicação.

Tabela 8: Comunicação Sensorial

Variáveis	Distância final em metros			
	N	L	S	O
Comunicação verbal normal	50	35	65	60
Comunicação verbal forçada	150	70	150	150
Comunicação gestual	300	70	200	150
Gestos não intencionais	125	70	100	100
Reconhecimento facial	100	50	60	80
Reconhecimento do corpo	150	50	100	100
Assobio	200	200	200	200
Grito	150	150	150	150
	N	L	S	O
	Direção do Movimento			

Fonte: Araújo (2016).

Figura 142 – Análise perceptiva dos Sítios Arqueológicos em Areais



Fonte: LEPA-UFSM

Figura 143 – Análise perceptiva dos Sítios Arqueológicos em Areais



Fonte: LEPA-UFSM

O que propomos com esta reflexão sensitiva foi demonstrar que, é possível fazer uma Arqueologia de cunho Fenomenológico buscando contrapor toda uma construção cartesiana de registro arqueológico representado por anotações, planilhas e mapas. **Buscamos pautar às paisagens a partir da inclusão subjetiva do registo perceptivo e da inclusão sensorial local.**

Em relação à sensação de Conforto Térmico na área de localização dos sítios arqueológicos em Topos de Interflúvio, estes seriam um espaço um pouco mais ameno em relação às outras unidades geomorfológicas da região. Os ventos vindos do quadrante oeste sopravam na parte mais alta destas coxilhas fazendo deste espaço o lugar mais confortável do sítio arqueológico, especialmente durante as noites de verão. Já as estratégias de comunicação dentro do próprio sítio demonstraram a partir das experiências sensoriais uma boa troca de informação visual e auditiva, atingindo uma marca 150 metros em todas as direções.

Quando pensamos nesta estratégia sensitiva de compreensão do passado sempre imaginamos o Rincão do Inferno com várias pessoas espalhadas por ele debatendo os melhores lugares para habitá-lo. Busco imaginar o barulho dos ventos e o cheiro diário deste lugar que formariam com essas pessoas um sentimento de pertencimento daquela Paisagem e um elo de identidade e memória para com o lugar (ARAÚJO, 2016). Imaginemos a sua vegetação rasteira expressando suas texturas de maneira fluida e densa ao mesmo tempo.

Nas áreas dos Terraços Fluviais imaginemos como a água estava em constante alcance para esses grupos. Nesta mesma categoria de sítios arqueológicos a vegetação em sua volta é mais densa o que poderia prejudicar assim a sensação de visibilidade destes locais. No entanto, a audição, o olfato e o tato deveriam assumir um papel fundamental para compreender a localização destes lugares. A comunicação Sensorial nestes espaços se mostrou de curto alcance em relação à conversação usual. A Comunicação Gestual e por assobio foi a que se manteve por uma distância mais longa de 200 metros. Assim, elaboramos essa pequena compreensão deste espaço baseada em minha vivência do lugar, conjeturando que as construções paisagísticas do Rincão do Inferno também foram intensamente embasadas nos sentidos de seus antigos ocupantes, tanto no caminhar quanto no ato de escolher os locais para repousar.

CONCLUSÃO

Quando propomos estudar o Sítio Arqueológico Santa Clara e suas áreas adjacentes (Rincão do Inferno) queríamos na verdade buscar por meio de um olhar fenomenológico o engajamento perceptivo e corporal com o mundo material e ponderar assim o envolvimento ativo dos grupos de caçadores-coletores que ocuparam espaço da fronteira oeste gaúcha.

Utilizamos então o conceito de paisagem estabelecido por Ingold (2002) e Tilley (2004) dentro de uma perspectiva essencialmente transdisciplinar. Esta **transdisciplinaridade**, segundo Oppitz (2011), não se dá apenas porque a ideia de mundo vivido é um axioma que em seu entorno reúne diferentes áreas do conhecimento como a psicologia, a biologia, a antropologia e a filosofia, mas porque está de acordo com alguns dos princípios que conduzem a metodologia transdisciplinar: ou seja, **a superação da dicotomia sujeito-objeto, a complexidade e a lógica do terceiro-incluído**.

Desta maneira, a fenomenologia é, dentro deste trabalho, a ligação que conecta a noção de paisagem e a de transdisciplinaridade, corroborando uma afinidade que vai além da questão da superação de uma ordem disciplinar. A adaptação a tais fundamentos acontece pelo importante papel que as obras de Heidegger e Merleau-Ponty desempenharam no pensamento de Ingold (2002) e Tilley (2004) e pela estreita semelhança que pode ser constituída entre a fenomenologia e a transdisciplinaridade.

Portanto, é este conceito transdisciplinar de paisagem que admite, após a análise do padrão locacional estabelecido por Lemes (2008) pensar outras possibilidades para o modelo regional dos sítios arqueológicos da região de Quaraí-RS.

Entendemos então o Sítio Arqueológico Santa Clara como maneiras dadas às habilidades dos grupos humanos a eles integrados, podendo descrever que as diversidades encontradas entre os sítios do modelo locacional criado por Lemes (2008) como reflexos de sensibilidades e habilidades diferentes de seus antigos ocupantes. Segundo Oppitz (2011), se habilidades diferentes ocasionam formas distintas de viver o mundo e, logo, geram paisagens diferentes, então é aceitável assegurar que a região da fronteira oeste gaúcha compõe uma paisagem distinta daquelas do restante do estado, o que é apontado pela ocorrência de sítios pleistocênicos, a mais concreta evidência do engajamento característico de mundo que ali se deu.

Verificar que a área da fronteira oeste do estado do Rio Grande do Sul constitui uma paisagem com características diferentes das do restante do estado, é justamente constatar que

nela se deram relações distintas entre seres humanos e demais elementos que compõem o meio-ambiente, humanos e não humanos.

A revelação de um contexto característico do Sítio Arqueológico Santa Clara pode por isso estar relacionado ao estabelecimento dessas relações diferenciadas, ou melhor, como coloca Oppitz (2011), **a uma vivência de mundo individualizada**. Mas que vivência percebida foi esta? Bem, para responder tal questão nos amparamos em Tilley (2004, p. 31), quando ele argumenta que os corpos carregam conhecimentos, tradições, significados e símbolos específicos para os lugares e lá os articulam, então a principal característica do Sítio Arqueológico Santa Clara seria sua idade recuada e sua localização na paisagem que foge completamente aos modelos estruturados para os sítios pleistocênicos (longe das barrancas dos grandes rios).

Trazendo dessa forma alguns argumentos que Ingold (2002, p. 42) constrói em relação as sociedades de caçadores-coletores por ele analisadas, permite-nos reconhecer os seres humanos que habitaram o Sítio Arqueológico Santa Clara e assim compreender como se deu essa vivência e como se deram as relações entre humanos e não-humanos. E a partir do material lítico lascado abandonado por estas populações, somos colocados em relação direta com as mais diversas formas de perceber/experimentar/viver o mundo, tal qual a dos caçadores-coletores da fronteira oeste do Rio Grande do Sul.

Dentro desta perspectiva, Heidegger (2008) sempre destacou a relevância dos povos primitivos (assim por ele classificados) na busca por compreender formas de perceber e viver o mundo pré-reflexivo. Segundo o autor quando orientamos nossas análises da presença pela *“vida dos povos primitivos” podemos apresentar um significado metodológico positivo na medida em que, muitas vezes, os “fenômenos primitivos” são menos complexos e menos encobertos por uma interpretação própria, já muito abrangente, da respectiva presença* (HEIDEGGER 2008, p. 95).

Assim, esta consciência pré-reflexiva incorporada ao dia-a-dia dos grupos de caçadores-coletores da fronteira oeste do Rio Grande do Sul apresenta-se para nós completamente velada. De tal modo, esta prática de perceber o mundo como compreendemos aqui na tese (a partir do engajamento), não pode ser encontrada nas respostas construídas por Lemes (2008) porque os fenômenos (os sítios arqueológicos localizados) em si não puderam ser revelados. Conforme Heidegger (2008), o conceito que se contrapõe ao de fenômeno é o de encobrimento e, no caso do modelo locacional de Lemes, podemos dizer que os fenômenos permaneceram encobertos por nunca terem sido descobertos de fato.

Desta maneira Oppitz (2011) argumenta que o dualismo sujeito-objeto que rege nossa vivência de mundo nos distancia dos fenômenos, afasta-nos de nosso ser pré-conceitual ou pré-reflexivo: **afasta-nos de nós mesmos.**

Podemos pensar então que a Arqueologia nos aproxima das populações humanas pré-coloniais e suas experiências de mundo nos colocando em contato com aquilo que nós mesmos somos com nossa experiência pré-objetiva (OPPITZ, 2011).

Para que o arqueólogo consiga captar esta realidade fugaz, contudo, é importante deixar de lado o dualismo sujeito-objeto, desenvolvendo uma percepção holística de mundo que lhe permita atentar para todo o tipo de informação e, desta forma, perceber todo o tipo de percepção. E é aí que entra a transdisciplinaridade: convém à Arqueologia ser transdisciplinar se almeja compreender os grupos humanos pré-coloniais que viviam e pensavam transdisciplinarmente – ou melhor, “pré-disciplinarmente” –, sem divisão entre natureza e cultura, entre sujeito, objeto e conhecimento (OPPITZ, 2011, p. 115).

Nossa maior intenção nesta tese foi buscar mostrar que as populações humanas pré-coloniais que ocuparam a fronteira oeste gaúcha não se utilizavam da fragmentação do conhecimento estabelecido pelo paradigma cartesiano, revelando-nos assim a experiência pré-reflexiva e sinestésica do ser humano em sua amplitude máxima.

Assim, o que buscamos nesta pesquisa foi reverter à ordem de preferência que nos habituamos a aplicar nos estudos das populações pré-coloniais. Procuramos não mais percebê-las a partir de nós e, sim, a entender nós mesmos a partir delas, tomando a condição humana como sendo aquela de um ser imerso no mundo, num engajamento com todos os seus elementos constituintes. Uma ontologia do *dwelling*, segundo Oppitz (2011), *proporciona uma melhor forma de entender a natureza humana que a ontologia Ocidental, que toma como ponto de partida uma mente descolada do mundo que o formula em consciência antes de qualquer tentativa de engajamento* (OPPITZ, 2011, p. 116).

Com a abordagem fenomenológica e com auxílio de autores como Ingold e Tilley, onde podemos tratar a questão do “ser” no campo de estudo da Arqueologia, foi possível perceber para o contexto do Sítio Arqueológico Santa Clara, uma realidade muito mais complexa do que aparenta ser.

Baseamos então nossas análises na compreensão de que as substâncias líticas seriam elementos tão importantes do mundo quanto às próprias coisas em si. Percebemos então que os sentidos da visão e do tato harmonizavam-se melhor na percepção sinestésica dos elementos que compuseram as análises. Desta maneira, Bisinella (2011) nos questiona quantas experiências não devem ter sido proporcionadas em transações materiais como estas,

efetuadas por indivíduos engajados fisicamente e emocionalmente? Para tentar responder este questionamento, encontramos em Shanks a seguinte passagem:

(...) But I focus more widely on that it means to do archaeological things such as excavating, surveying and collecting the material past, visiting and valuing collections and monuments of the past, asking what it is that might make these attractive to many people. I am also interested in how archaeology is basically about particular experiences of the object world. I emphasize experience because, with others, I try to understand archaeology in materialist terms, that is not so much as a set of ideas or body of knowledge, but as a collection of things people do (...). I want to consider all dimensions of archaeological experience, not just the intellectual or the cognitive. I see this a part of a project of embodiment, of locating the practices and pleasures of archaeology not just within the mind but within the body: embodied experience (SHANKS, 1992, p. 1).

Nesta tese buscou-se mostrar que, ao sair do dualismo entre sujeito e objeto, podemos compreender os elementos humanos e não humanos que formam o mundo. Assim, com esta mudança na forma de entender/experienciar/conviver os sítios arqueológicos da fronteira oeste gaúcha resultaram numa forma distinta de entender os caçadores-coletores que habitaram essa parte do estado.

A nossa percepção é de que estes caçadores-coletores viveram o mundo de forma distinta, **em uma adaptação de atenção a determinados aspectos deste mundo**, possibilitado, pela obtenção de determinadas habilidades, no engajamento diário com o Sítio Arqueológico Santa Clara.

Já em relação à abordagem sensitiva, concordamos com Viveiros de Castro (2003), quando este demonstra que no mundo Ocidental e cartesiano, a construção do modelo ontológico do outro tem sido resumido em epistemologias, ou seja, a ontologia do outro passa a ser apenas uma representação equivocada, fragmentada e parcial de nossa ontologia ocidental (PELLINI, 2015). Desta maneira, Pellini nos mostra que:

Ele nos lembra que não importa se as crenças são verdades ou não, mas que as pessoas atuam com base em suas verdades, em suas visões de mundo, em suas ontologias. Um avanço ontológico na arqueologia só será possível se pensarmos nas teorias indígenas mais seriamente como ontologias, antes que epistemologias. Pensar que existe uma universalidade do corpo e das experiências sensoriais impede que consideremos variações da significação da experiência perceptiva, assim como nos impede de pensar mundos e ontologias alternativas. Ao mesmo tempo, isto nos induz a pensar que nossa experiência ocidental de mundo é a norma (PELLINI, 2015, p. 10).

REFERÊNCIAS

- AB' SÁBER, A. **O pale-índio brasileiro**. III Seminário Goiano de Arqueologia, 1969.
- AMEGHINO, F. *Noticias sobre antiguedades indias de la Banda Oriental*. **La aspiración, Mercedes**: 1877.
- ANDREFSKI, W. *Lithics: Macroscopic Approaches to Analysis*. Cambridge: Cambridge University Press. 1998
- ARAUJO, A. G. de M. **As propriedades físicas dos arenitos silicificados e suas implicações na aptidão ao lascamento**. Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia, São Paulo: p. 63-74, 1992.
- ARAÚJO, G.S. **Diário de uma Península: arqueologia das Paisagens Sensoriais de Marauá, Bahia**. Dissertação de mestrado UFC, Aracaju, 2016.
- AUDOUZE, F. Leroi-Gourhan, *a Philosopher of Technique and Evolution*. Journal of Archaeological Research, Vol. 10, December 2002.
- AUSTRAL, A. *Informe sobre la segunda campaña arqueológica al río Cuarein*. In: **Congreso Nacional de Arqueologia**, 5, 1980, Pay Passo .Anais. 3-7. Montevideo, 1982.
- BAEZA, J. **Los fechados Radiocarbónicos de Salto Grande**. Centro de Estudios Arqueológicos Estado actual de las investigaciones arqueológicas en el Uruguay (Parte 1), nº 3, Montevideo, 1985.
- BALFET, H. (Org.). **Observer l'action technique: Des Chaînes opératoires, pour qui faire?** Paris. CNRS, 1991.
- BALFET, H. *Des chaînes opératoires, pour quoi faire?* In: BALFET, H. (Dir.). **Observer l'action technique**. Des chaînes opératoires, pour quoi faire? CNRS, Paris: 11-9, 1991A.
- BALFET, H. *Chaîne opératoires et organisation sociale du travail: quatre exemples de façonnage de poterie au maghreb*. In: BALFET, H. (Dir.). **Observer l'action technique**. Des chaînes opératoires, pour quoi faire? CNRS, Paris: 87-96, 1991B.
- BALFET, H. *et al. Incident et maîtrise technique dans les chaînes opératoires*. In: BALFET, H. (Dir.). **Observer l'action technique**. Des chaînes opératoires, pour quoi faire? CNRS, Paris: 179-87, 1991.
- BARRETO, C. **A construção de um passado pré-colonial: Uma breve história da Arqueologia no Brasil**. In: Revista da USP, São Paulo: USP/CCS, nº 44, v.1, 76-94, 1999/2000.
- BIRD, J. *Antiquity and Migrations of the Early Inhabitants of Patagonia*. Geographical Review, Vol. 28, No. 2. 1938.

BISINELLA C. A. D. R. **Por uma arqueologia fenomenológica: experiências múltiplas em um lugar (sítio Ari Duarte I, Pinhal da Serra/RS)** Tese de Doutorado PUC RS, Porto Alegre 2011.

BOEDA, E. De la surface au volume. *Analyse des conceptions des débitages lavallois et laminaire*. In: **Paléolithique récent et Paléolithique supérieure ancien en Europe**. Colloque international de Nemours, 9-11 mai 1988. Mémoires du Musée de Préhistoire d'Île-de-France, 3: 63-68, 1990.

_____. **Approche de la variabilité des systèmes de production lithique des industries du Paléolithique inférieur et moyen: chronique d'une variabilité attendue**. Techniques et culture, (17-18): 37-79, 1991.

_____. *Le débitage discoïde et le débitage levallois récurrent centripète*. Bulletin de la Société Préhistorique Française. 90(6): 392-404, 1993.

_____. *Levallois: a volumetric construction, methods, a technique*. In: DIBBLE, H. L.; BAR-YOSEF, O. (Eds.). **The definition and interpretation of levallois technology**. BAR, (Monographs in World Archaeology), (23): 42-69, 1995A.

_____. **Caracteristiques techniques des chaînes de production lithique des opérateurs lithiques des niveaux Micoquiens de Külna (Tchécoslovaquie)**. Paléo, Supplément (1): 57-72 1985B.

_____. **Technogenese de sistemas de produção lithique au Paleolithique inférieur et moyen en Europe occidentale et au Proche-Orient**. Tese de Doutorado apresentada à Université de Paris X – Nanterre. Mimeografado, 1997.

_____. *Determination des unités techno-fonctionnelles de pièces bifaciales provenant de la couche acheuléen C'3 base du site de Barbas I*. In: CLIQUET, D. (Dir.). **Les industries à outils bifaciaux du Paléolithique moyen d'Europe occidentale**. Actes de l'atelier de l'Université de Caen (Basse-Normandie – France – 14 et 15 octobre 1999). Liège, Eraul 98: 51-75, 2001.

_____. **Uma antropologia das técnicas e dos espaços**. Habitus. Goiânia, Universidade Católica de Goiás: 19-49, 2004.

BOEDA, E.; GENESTE, J. M.; MEIGNEN, L. **Identification de chaînes opératoires lithiques du Paléolithique ancien et moyen**. Paléo, (2): 43-80, 1990.

BOEDA, E.; FOGAÇA, E.; HOELTZ, S.; VIANA, S.; MELLO, P. **Evolution technologique et territoire dans la préhistoire brésilienne: comportements techno-economiques des sociétés préhistoriques des plateaux central et meridional du Brésil**. Projeto apresentado à CAPES, 2005.

BOMBIN, M. **Modelo paleoecológico evolutivo para o neoquaternário da região da Campanha Oeste do Rio Grande do Sul (Brasil): A formação Touro Passo, seu conteúdo fóssilífero e a pedogênese Pós-deposicional**. Comunicações do Museu de Ciências da PUC RG, nº 15, p.1-90, Porto Alegre, 1976.

BOIVIN, N. *From veneration to exploitation*. In: BOIVIN, N.; OWOC, M. A (Eds.). **Soils, Stones and Symbols: Cultural Perceptions of the Mineral World**. London, 2004.

BÓRMIDA, M. **El Cuareimense**: Una antigua industria lítica en el norte del Uruguay. Publicaciones del Seminario de Estudios Americanos. Homenaje a Marques Miranda Madrid, 1964.

BRAIDWOOD, R. J. **Homens Pré-Históricos**. Editora Universidade de Brasília, Brasília, 1985.

BRASIL, Ministério da Agricultura. **Divisão de Pesquisas Pedológicas. Levantamento de reconhecimento dos solos do Rio Grande do Sul**. Recife, 431p, 1973.

CABRERA PÉREZ, L. **Patrimonio y Arqueología en la región platense**. Montevideo: Universidade de la República, 2011.

CHEBATAROFF, J. *El yacimiento lítico prehistórico del arroyo Catalán Chico*. Revista Nacional .v.60, p. 78-92, Montevideo, 1961.

CLARK, Gr. **Os caçadores da idade da pedra**. Verbo – Biblioteca das civilizações primitivas, Lisboa, 1969.

CLARK, G. **A pré-história**. Zahar Editores: São Pulo, 1975.

CLASSEN, C. **Foundations for an anthropology of the senses**. UNESCO. Malden: Blackwell Publishers. 1997.

COLLINS, M. B. *Lithic Technology as Mean of Processual Inference*. IN: SWANSON, E. (ed). **Lithic Technology: Making and Using Stone Tools**. Chicago, 1975.

CREMA, R. *Além das disciplinas: reflexões sobre transdisciplinaridade geral*. In: WEIL, Pierre; D'AMBROSIO, Ubiratan; CREMA, Roberto. **Rumo à nova Transdisciplinaridade: sistemas abertos de conhecimento**. São Paulo: Summus. p. 125-173, 1993.

CUPANI, A. **Filosofia da tecnologia: um convite**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2011.

CUCHE, D. **A noção de Cultura nas ciências sócias**. EDUSC, 2ª Edição, Bauru, 2002.

DAUVOIS, M. *Precis de dessin dynamique et structural des industries lithiques prehistoriques*. CNRS, 1976.

DA SILVA, J; SANTOS, E. F; FRANTZ, Luis Ca; MALHEIROS, R. P. **Arcabouço Geológico-Geomorfológico Da Bacia Hidrográfica Do Rio Quaraí - Rio Grande Do Sul/Brasil**. V Simpósio Nacional de Geomorfologia, I Encontro Sul-Americano de Geomorfologia UFSM – Santa Maria, 2004.

DEFORGE, Y. **Technologie et génétique de l'objet industriel**. Maloine, Paris, 1985.

DEFORGE, Y. *L'évolution des objets techniques*. In: **Simondon: Une pensée de l'individuation et de la technique**. Albin Michel, Paris: 173-81, 1994.

DELAPORTE, Y. *Le concept de variante dans l'analyse des chaînes opératoire*. In: BALFET, H. (Dir.). **Observer l'action technique**. Des chaînes opératoires, pour quoi faire? CNRS, Paris: 27-30, 1991.

DESROSIERS, S. *Sur le Concept de Chaîne opératoire*. In: BALFET, Hélène (Org.) **Observer l'action technique** – Des Chaînes opératoires, pour quoi faire? CNRS, Paris, 1991.

DIAS, A. **Um projeto para a Arqueologia brasileira**: breve histórico da implementação do PRONAPA. In: Revista do CEPA, Santa Cruz do Sul: V.19, p.25-39, 1995.

DURKHEIM, É. **As regras do método sociológico**. São Paulo: Abril Cultural, 1976.

_____. **Da divisão do trabalho social**. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

DUSEK, V. **Filosofia da Tecnologia**. São Paulo: Edições Loyola, 312 p., 2009.

EDGEWORTH, M. **Acts of Discovery: An Ethnography of Archaeological Practice**. 2006A. Disponível em <<http://www.humanitieslab.stanford.edu/38/1558>>. Acesso em 25 de setembro de 2017.

_____. **The clearing: Heidegger and Excavation**. 2006B. Disponível em: <<http://www.humanitieslab.stanford.edu/38/1558>>.

_____. **Rivers as artifacts**. 2008. Disponível em: <<http://www.humanitieslab.stanford.edu/38/1558>>. Acesso em 8 de janeiro de 2018.

_____. **Fields of artifacts**. Disponível em: <<http://www.humanitieslab.stanford.edu/38/1558>>. Acesso em 8 de janeiro de 2018.

_____. **Fluid Pasts: Archaeology of flow**. London: Bristol Classical Press, 2010.

EIROA, J. J. **Nociones de prehistoria general**. Madrid: Editorial Ariel, 2006.

EMPERAIRE, J; LAMING-EMPERAIRE, A; REICHLIN H, POULAINJOSIEN, Thérèse. *La grotte Fell et autres sites de la région volcanique de la Patagonie chilienne*. In: **Journal de la Société des Américanistes**. Tome 52, 1963.

FOGAÇA, E. **Mãos para o pensamento**. Tese Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2001.

FOGAÇA, E. **Um objeto lítico, além da forma, a estrutura**. Canindé, Xingó: MAX, vol.7, p. 11-35, 2003.

FOGAÇA, E; BÖEDA, E. *A Antropologia das técnicas e o povoamento da América do Sul Pré-histórica*. In: **Habitus**, Vol. 4, Goiânia, p.673-684, 2006B.

GALLAY, A. **L' Archeologie demain**. Paris, Pierre Belfont Éd., 1986. Tradução: E. Fogaça, 2002.

GENESTE, J-M. **Systemes techniques de production lithique:** variations technoeconomiques dans les processus de realisation des outillages paleolithiques. *Technique et culture*, (17/18): 1-35, 1991.

GOMES, F. F. F. **Aspectos da Cultura Material e Espacialidade na Estância Velha do Jarau (1928-1905):** Um Estudo de Caso em Arqueologia Histórica Rural. Dissertação (Mestrado em História). PUCRS, Porto Alegre, 2001.

GUEDES, C. et al. **Datação por luminescência opticamente estimulada:** princípios e aplicabilidade nos depósitos sedimentares brasileiros. XIII Congresso da Associação Brasileira de Estudos do Quaternário ABEQUA, III Encontro do Quaternário Sul-Americano, XIII ABEQUA Congress - *The South American Quaternary: Challenges and Perspectives*. Rio de Janeiro: 2011.

GRIMAL, P. **Diccionario de mitología griega y romana.** Editorial Paidós, 2008.

HAHN, H. P. & SOENTGEN, J. **Acknowledging Substances:** Looking at the Hidden Side of the Material World. *Philosophy & Tecnology*. N.24, N.1, p.19-33, 2010.

HAMILAKIS, Y. Archaeologies of the senses. In: INSOLL, Timothy. *The Oxford handbook of the Archaeology of Ritual and Religion*. Oxford, 2011.

_____. *Arqueología y Los Sentidos. Experiencia, memoria y afecto.* Traducción: Nekbet Corpas Cívicos. Madrid: JAS Arqueologia, 2015.

HARRIS, E. **Princípios de estratigrafia arqueológica.** Barcelona, Editorial Crítica, 1991.

HEIDEGGER, M. *Ensaio e Conferências* (E. C. Leão, G. Fogel & M. S. C. Schubak, Trans.). Petrópolis: Editora Vozes, 1992

HEIDEGGER, M. *Ser e tempo.* Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Ed. Universitária São Francisco, 2008.

HEIDEGGER, M. *“The Origin of the Work of Art,”* in: **Poetry, Language, Thought.** Trans., Hofstadter, A. New York: Harper & Row, 1971.

HEIDEGGER, M. **A questão da técnica.** *Cadernos de Tradução*, 2:40-93, 1997A.

HILBERT, K. **Aspectos de la arqueología en el Uruguay.** Mainz am Rhein: Von Zabern, 1991.

_____. **Arqueologia pré-histórica do Uruguai:** Uma revisão. *Estudos IberoAmericanos*. v. XX, n.1, Porto Alegre: PUCRS, 1994.

_____. *Indústrias Líticas como vetores de Organização Social Ou:* Um ensaio sobre pedras e pessoas. In: BUENO, L. & ISNARDIS, A. **Das Pedras aos Homens – Tecnologia Lítica na Arqueologia Brasileira.** Belo Horizonte: Argumentum, p.95-116, 2007.

_____. Diálogos entre substâncias, cultura material e palavras. **Métis: História e Cultura.** Caxias do Sul: Educ. Vol. 8, N. 16. p. 11-42, 2009

HOETLZ, S. **Tecnologia lítica**: Uma proposta para a compreensão das indústrias líticas do Rio Grande do Sul: Brasil em tempos remotos. Porto Alegre, PUCRS, 2005.

HOLTORF, C. Notes on the life history of a pot sherd. **Journal of Material Culture**. Vol. 7(1), p. 49–71, 2002.

_____. **From Stonehenge to Las Vegas: Archaeology as Popular Culture**. Walnut Creek: Altamira Press, 2005.

HOWES, D.; CLASSEN, C. **Sounding Sensory Profiles**. In: HOWES, D. (org.) *The Varieties of Sensory Experience*. University of Toronto Press, 1991.

HOWES, D. **Hearing Scents, Tasting Sights: Toward a Cross-Cultural Multi-Modal Theory of Aesthetics**. Art & The Senses Conference. Science Oxford, 27-29 October 2006.

IHDE, D. **Technology and the Lifeworld**: from garden to earth. Bloomington; Indianapolis: Indiana University Press, 1990.

_____. **Philosophy of Technology**: an introduction. New York: Paragon, 1993.

_____. **The structure of technology knowledge**. *Int. J. Technol. Des. Educ.*, v. 7, p. 73-9, 1997.

INIZAN, M; REDURON-BALLIGER, M; ROCHE, H; TIXIER, J. **Technologie de la pierre taillée**. Meudon: CREP, 1995.

INGOLD, T. **The perception of the environment: essays on livelihood, dwelling and skill**. London/ New York: Routledge, Taylor & Francis e-Library, 2002.

_____. *The temporality of the Landscape*. In: THOMAS, J. (Ed.). **Interpretive Archaeology – a Reader**. London and New York: Leicester University Pres. p. 510-530, 2000.

_____. **Materials against materiality**. *Archaeological Dialogues*, 14, p.1-16, 2007.

_____. **Bringing Things to Life**: Creative Entanglements in a World of Materials. University of Aberdeen July 2010 Realities, Sociology, Arthur Lewis Building, 2010.

JOHNSON, M. **Teoría Arqueológica**: Una Introducción. Barcelona: Ariel historia, 2000.

KARLIN, C & PELEGRIN, J. *Chaîne Opératoire*. In: LEROI-GOURHAN, André. **Dictionnaire de la préhistoire**. Paris: Quadrige/PUF, 1997.

KARLIN, C; PELEGRIN, J. *Instrument*. In: LEROI-GOURHAN, A. **Dictionnaire de la préhistoire**. Paris: Quadrige/PUF.,1997.

KARLIN, C; BODU, P; PELEGRIN, J. *Processus technique et chaîne opératoire – Comment les préhistoriens s'approprient un concept élaboré par les ethnologues*. In: BALFET, Hélène

(Org.). **Observer l'action technique: Des Chaînes opératoires, pour qui faire?** CNRS, PARIS, 1991.

KERN, A. **Le pré-céramique du plateau sud-brésilien, Paris.** Tese de doutoramento em Arqueologia, Ecole des Hautes Études en Sciences Sociales, Paris, 1981.

KERN, A. *Paleopaisagens e povoamento pré-histórico do Rio Grande do Sul.* In: **Estudos Ibero-Americanos.** V. VII, Nº 2, Porto Alegre: PUCRS, 1982.

KERN, A. *Origens da ocupação pré-histórica do Rio Grande do Sul na transição do Pleistoceno-Holoceno.* In: A. A. KERN (Org.) **Arqueologia pré-histórica do Rio Grande do Sul.** Porto Alegre: Mercado Aberto, 1991.

KERN, A. **Antecedentes indígenas.** Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1994.

LAMING-EMPERAIRE, A; MENEZES, M. J; ANDREATA, M. D. *O Trabalho da pedra entre os Xetá da Serra dos Dourados, Estado do Paraná.* Coleção Museu Paulista: série ensaios, São Paulo : Museu Paulista, n.2, p. 19-82, 1978.

_____. *A. Guia para estudo das indústrias líticas da América do Sul, Centro de Ensino e Pesquisas Arqueológicas,* 1967.

_____. *O problema do povoamento da América.* In: LEROIGOURHAN, André (org.) **Pré-História.** São Paulo: EDUSP-Pioneira Editora, 1981.

LAMING-EMPERAIRE. A., BAUDES. I. *Os predadores.* In: Leroi-Gourhan, André. (Org.) **Pré-História.** Edusp. São Paulo.1981.

LATOUR, B. Referência circulante: Amostragem do solo da floresta Amazônica. In: _____. **A Esperança de Pandora: Ensaio sobre a realidade dos estudos científicos.** Bauru: Edusc. p. 39-96. 2001

LEMES, L. **O sítio do Areal e a região do Rincão do Inferno: a variabilidade gestual e o modelo locacional para a fronteira oeste do Rio Grande do Sul.** Dissertação (Mestrado em Arqueologia) - Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

LEROI-GURHAN, A. *Technique et société chez l'animal et chez l'homme* In: LEROI-GURHAN, A. **Le fil du temps.** Fayard, Paris: 68-84, 1983A.

_____. **O gesto e a palavra I.** Técnica e linguagem. Edições 70, Lisboa, 1983B.

_____. **Evolução e Técnica I.** O homem e a matéria. Edições 70, Lisboa, 1984.

_____. **Evolução e Técnica II.** O meio e as técnicas. Edições 70, Lisboa, 1986.

_____. **O gesto e a palavra II.** Memória e ritmos. Edições 70, Lisboa, 1987.

_____. “*Note sur les rapports de la technologie et de la sociologie*” (1949), in SCHLANGER, Nathan (Éd.), Marcel Mauss. **Techniques, technologie et civilisation**, Paris: PUF, 2013.

_____. *Terminologia da pedra e do osso*. In: LEROI-GOURHAN, André (org.) **Pré-História**. São Paulo: EDUSP-Pioneira Editora, 1981. LEROI-GOURHAN, André (org.) *Pré-História*. São Paulo: EDUSP-Pioneira Editora, 1981.

_____. **Evolução e técnicas I: O homem e a matéria**. Lisboa: edições 70, 1984A.

_____. **Evolução e técnicas II: O meio e as técnicas**. Lisboa: edições 70, 1984b. LEROI-GOURHAN, André. *Evolución y técnica I: El hombre y la materia*. Madrid: Taurus comunicación, 1988.

_____. **Dictionnaire de la préhistoire**. Paris: Quadrige/PUF, 1997.

_____. **O gesto e a palavra I: Técnica e linguagem**. Lisboa: edições 70, 2002.

_____. **O gesto e a palavra II: Memória e Ritmos**. Lisboa: edições 70, 2002.

_____. **Os caçadores da pré-história**. Lisboa: edições 70, 2001.

_____. **As Religiões da Pré-História**. Lisboa: edições 70, 2007.

LOURDEAU, A. **Le Technocomplexe Itaparica: Définition techno-fonctionnelle des industries à pièces façonnées unifacielmant à une face plan dans le centre et le nord-est du Brésil pendant la transition Pleistocène-Holocène et L’Holocène ancien**. Tese: Université de Paris X –Nanterre: Paris, 2010.

LUSTIG-ARECCO, V. **Recursos naturais e técnicas de caça: Uma análise comparativa**. Revista de Antropologia, vol. XXII. Universidade de São Paulo. FFCLCH.São Paulo: p. 39-60, 1979.

MACIEL FILHO, C. L. **Carta geotécnica de Santa Maria. Santa Maria**. Imprensa Universitária UFSM, 1990.

MAUSS, M. Manuel d'Ethnographie. *Les classiques des Sciences sociales*, Edição Eletrônica, 2002.

MAUSS, M. **Les techniques et la technologie**. Revue du Mauss, n. 23. 2004.

MAUSS, M. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosacnaify, 2003.

MAUSS, M. *As técnicas do Corpo*. In.: **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosacnaify, 2003.

MAUSS, M, “Les techniques et la technologie” , in SCHLANGER, Nathan (Éd.), Marcel Mauss. **Techniques, technologie et civilisation**, Paris: PUF, 2013.

MELLO, P. J. C. **Análise de sistemas de produção e da variabilidade tecnofuncional de instrumentos retocados.** As indústrias líticas de sítios a céu aberto do vale do rio Manso (Mato Grosso, Brasil). Tese de Doutorado apresentada à PUC-RS, 2005.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção** (C. Moura, Trad.). São Paulo: Martins Fontes. (Texto original publicado em 1945) 1999.

MILDER, S.E. S., OLIVEIRA, E. V. **Cronologia da sequência dos eventos climáticos do Quaternário do Oeste do Rio Grande do Sul.** Hífen, Uruguaiana, n. 18, p. 55-61, 1993.

MILDER, S. E. S. **A fase Ibicuí:** uma revisão arqueológica, cronológica e estratigráfica. Dissertação de Mestrado em Arqueologia. Porto Alegre, PUCRS. 136 p. 1994A.

_____. **Pesquisas arqueológicas na região platina.** Revista do Centro de Ciências Sociais e Humanas. UFSM. Santa Maria. v.9, n°7, 1994B.

_____. **Uma breve análise da Fase arqueológica Ibicuí.** Revista do Cepa, Santa Cruz do Sul. v.19, n° 22, 1995.

_____. **Arqueologia do sudoeste do rio grande do sul, uma perspectiva geoarqueológica.** Tese de doutorado. São Paulo, MAE/USP, 2000.

_____. **Projeto de levantamento e salvamento arqueológico referente a área de instalação da linha de transmissão (Uruguaiana/Maçambará e Santo Angelo/Santa Rosa).** Relatório Técnico final ao IPHAN, Santa Maria, 2003.

MILLER, T. O. *Tecnologia lítica Arqueológica.* In: **Anais do Museu de Antropologia UFSC.** Ano VII, Florianópolis: UFSC, 1975.

_____. **Pesquisas arqueológicas paleoindígenas no Brasil Ocidental.** Estudios Atacamenos, Chile, 8:37-61, 1987.

_____. **Pesquisas arqueológicas efetuadas no Oeste do Rio Grande do Sul (Campanha e Missões).** Publicações avulsas do Museu Emilio Goeldi. Belém, n. 13, 1969.

MORAIS, J. L. **Perspectivas geoambientais da arqueologia do Paranapanema Paulista.** Tese de Livre Docência, MAE-USP, São Paulo, 1999.

MORELLO, F. **Tecnología y métodos para el desbaste de lascas en el norte de tierra del fuego:** los núcleos del sitio cabo san Vicente 1. Magallania, Chile, Vol. 33(2) 2005.

MULLER F, I, L. **Notas para o Estudo da Geomorfologia do Rio Grande do Sul.** Santa Maria: Ministério da Educação e Cultura/UFSM/Departamento de Geociências, 1970.

NAPIER, J. **A mão do homem.** Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1983.

NEWCOMER, M. H. ; HIVERNEL-GUERRE, F. *Nucléus sur éclat: Technologie et utilisation par diferentes cultures préhistoriques.* In.: **Bulletin de la Société préhistorique française.** Comptes rendus des séances mensuelles. Tome 71, n° 4, 1974.

NICOLESCU, B. *Um novo tipo de conhecimento: transdisciplinaridade*. In: NICOLESCU, Basarab et al. **Educação e Transdisciplinaridade**. Brasília: UNESCO, 2000. p. 13-30, 2000.

_____. **Towards transdisciplinary education and learning**. Paper presented in the conference Science and Religion: Global Perspectives, Philadelphia, 2005.

_____. Transdisciplinarity: past, present and future. In: HAVERKORT, Bertus; REIJNTJES, Coen (Eds.). **Moving worldviews: reshaping sciences, policies and practices for endogenous sustainable development**. Holland: COMPAS, 2006.

NIMER, E. *Climatologia do Brasil*. 2. ed. Rio de Janeiro: IBGE, Departamento de Recursos Naturais e Estudos Ambientais, 422p, 1989.

NOBRE, C. K. **Ar Livre e Carne em Abundância**: Um estudo histórico-cultural do gaúcho e sua alimentação no século XIX. Dissertação (Mestrado Profissionalizante em Patrimônio Cultural), Universidade Federal de Santa Maria. Santa Maria, 2011.

NOELLI, F. S. **A ocupação humana na região sul do Brasil**: Arqueologia debates e Perspectivas. In: Revista USP, São Paulo, n 44, 2000.

ODELL, G. *Lithic Analysis*. Nova Iorque: Kluwer Academic/Plenum Publishers, 2004.

OPPITZ G. **Vivendo a paisagem**: contribuições transdisciplinares para o estudo do contexto regional de sambaquis do litoral central de Santa Catarina. Florianópolis, UFSC, 2011.

OUZMAN, S. **Seeing is deceiving**: rock art and the non-visual. World Archaeology Vol. 33(2), p. 237-256, 2001.

PALLESTRINI, L; MORAIS, J. L. **Arqueologia pré-histórica Brasileira**. São Paulo: Universidade de São Paulo – Museu Paulista, 1982.

PELEGRIN, J. **Technologie lithique: le Châtelperronien de Roc-de Combe (Lot) et de La Côte (Dordogne)**. Bordeaux: Paris, Ed. CNRS. Cahiers du Quatenaire, 20: 298, 1985.

PERLÈS, C. *Les industries lithiques taillées de Franchthi* (Argolide, Grèce). Indiana University Press, Bloomington, Tome In: **Présentation générale et industries paléolithiques**, Fascicle 3, 1987A.

_____. *Bases inferentielles pour l'interpretation de la variabilite des industries lithiques*, 1987B.

_____. **In search of lithic strategies**: a cognitive approach to prehistoric chipped stone assemblage. In: Representation in Archaeology / Ed. J. – C. Gardin et C. Perlès. Bloomington and Indianapolis: Ed. Indiana University Press, 223-247, 1992.

PELLINI, J. R. **Mudando o coração, a mente e as calças. A Arqueologia Sensorial**. Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia, São Paulo, 20: 3-16, 2010.

_____. **Nem melhor nem pior. Apenas uma escavação diferente**. R. Museu Arq. Etn., São Paulo, n. 21, p. 3-15, 2015.

PENA, R.A. *O Bioma Pampa*. Acesso 10.09.1979 <https://www.uol.com.br/bioma-pampa.htm>. 2004.

PES, J. **Sítio Arqueológico Ruínas da Estância Santa Clara**: uma unidade doméstica da fronteira oeste/RS. Dissertação de Mestrado apresentada no Programa de Pós-Graduação Profissionalizante em Patrimônio Cultural da Universidade Federal de Santa Maria. Santa Maria, 2013.

PILAU, E. M. **Perspectivas geográficas pertinentes para uma análise integrada da Cuesta de Haedo Brasil-Uruguai**. Porto Alegre: UFRGS, 2011.

PLOUX, S.; KARLIN, C. *Le travaille de pierre au Paléolithique*. Ou comment retrouver l'acteur technique et social grace aux vestiges archaeologiques. In: LATOUR, B.; LEMMONIER, P. (Dir.). **De la préhistoire aux missiles balistiques**. Editions la Découverte, Paris: 65-82, 1994.

POLITIS, G. *The Pampas and Campos of South America*. In: SILVERMAN, Helaine; ISBELL, William (org.). **The Handbook of South American Archaeology**. New York: Springer, 2008.

POSSAMAI, F.V. *A técnica e a questão da técnica em Heidegger*. Revista Intuito, Porto Alegre, 2010.

PROUS, A. Artefato líticos – **Elementos descritivos classificatórios**. Arquivos do Museu de História Natural – UFMG. Belo Horizonte: Volume XI, 1986.

PROUS, A. **Arqueologia Brasileira**. Brasília: UNB, 1992.

PROUS, A. **Apuntes para análisis de industrias líticas**. Ortegalia, dezembro de 2004.

PROUS, A. **O Brasil antes dos Brasileiros**: A pré-história do nosso país. Rio de Janeiro: Zahar Editora, 2012.

RABARDEL, P. **Les hommes & les technologies**. Approche cognitive des instruments contemporains. Armand Colin, Paris, 1995.

RADAM/BRASIL, *Projeto. Folha. SH 22 Porto Alegre e Partes das Folhas SH. 21 Uruguaiana e SI.22 Lagoa Mirim*: Geologia, geomorfologia, pedologia, vegetação, uso geral da terra / Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Rio de Janeiro: IBGE, 1986.

RAMBO, B. *Arqueologia rio-grandense*. In: **Fundamentos da cultura RioGrandense**, 2ª série, Porto Alegre: Faculdade de Filosofia UFRGS, 1957.

RAMBO, B. **Viagens ao Sudoeste do Rio Grande do Sul**, Santa Maria: Editora da UFSM, 2014.

REINERT, D. J. *et al.* **Principais solos da depressão central e campanha do Rio Grande do Sul: guia de excursão**. Universidade Federal de Santa Maria-Centro de ciências Rurais-Departamento de solos, 2007.

REIS, J. A. “**Não pensa muito que dói**”: um palimpsesto sobre teoria na arqueologia. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.

RIBEIRO, P. A. M. *A Tradição Umbu no Sul do Brasil*. In: Revista do CEPA. V.17, nº 20, Santa Cruz do Sul: Faculdades Integradas de Santa Cruz do Sul, 1990.

RIBEIRO, P. A. M; FÉRIS, J. S. *Sítios com petroglifos na campanha do Rio Grande do Sul, Brasil*. In: Revista do CEPA. v. 11, nº 13, Santa Cruz do Sul: Faculdades Integradas de Santa Cruz do Sul, 1984.

RIBEIRO, P. A. M; FÉRIS, J. S; HERBERTS, A. L. *Levantamentos arqueológicos da região do Areal, Quaraí, RS*. In: **Arqueologia no Uruguay**: 120 despues. Maldonado: Congresso nacional de arqueologia uruguaia, 1994.

SANTI, J. R. **Estabelecimento de Estâncias**: Estratégia imposta pela Coroa Luso-Brasileira na fixação dos limites da fronteira oeste do Rio Grande do Sul. Dissertação (Mestrado em Integração Latino-Americana), Universidade Federal de Santa Maria, 2004.

SCHERER, C. M. S.; FACCINI, U. F.; LAVINA, E. L. Arcabouço estratigráfico do mesozóico da Bacia do Paraná. In: HOLZ, M; DE ROS, L. F. *Geologia do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: CIGO/UFRGS. 2000.

SCHMITZ. P. I. *Indústrias líticas en el sur del Brasil*. In: Estudos Leopoldenses. Ano XVII, v. 18, nº64, São Leopoldo: UNISINOS, 1982.

_____. **O pale-índio brasileiro**. III Seminário Goiano de Arqueologia, 1980.

_____. *O Mundo da caça, da pesca e da coleta*. In: **Pré-história do Rio Grande do Sul**. Documentos 05, 2ª Edição, São Leopoldo: Instituto Anchieta de Pesquisas, 2006.

SCHMITZ. P. I; BROCHADO. J. P. *Datos para una secuencia cultural del Estado del Rio Grande do Sul (Brasil)*. In: **Estudos Leopoldenses**. Ano XVII, v. 18, nº64, São Leopoldo: UNISINOS, 1982.

SCHMITZ. P. I; BROCHADO. J. P. *Arqueologia do Rio Grande do Sul*. In: **Estudos Leopoldenses**. Ano XVII, v. 18, nº64, São Leopoldo: UNISINOS, 1982.

SCHMITZ. P. I; BECKER, I. B; LA SALVIA, F; NAUE. In: *Pré-história Brasileira, XIX Reunião Anual da Sociedade Brasileira Pelo Progresso da Ciência, São Paulo*: Instituto de Pré-história da Universidade de São Paulo, 1968.

SCHOBINGER, J. **Prehistoria de suramerica**. Barcelona: Nueva colección labor, 1969.

SEMA (Secretaria do Meio Ambiente – RS) *Bacia hidrográfica do rio Quaraí*. http://www.sema.rs.gov.br/conteudo.asp?cod_menu=58&cod_conteudo=6016. Acessado em março de 2018.

SEMENOV. S. A. **Prehistoric technology**: an experimental study of the oldest tools and artefacts from traces of manufacture and wear. London: Cory, Adams & Mackay, 1964.

SIGAUT, F. Technology. In.: INGOLD, Tim (org.) **Companion encyclopedia of anthropology**. Routledge: New York e London, 2003.

SILVA, B. G. **Tecnologia lítica do Sítio Santa Clara, Quaraí, Rio Grande do Sul**. Santa Maria, UFSM/CCSH, 2014.

SILVA, B. G. **Os sistemas de debitage e a produção de suportes predeterminados no sítio pré-histórico areal**. Dissertação de Mestrado, UFPEL, 2017

SILVA, B. G; LEMES, L; MILDRE, S. E. S. **Considerações acerca de um método de debitage sobre lasca na região de quaraí, rio grande do sul**. Tecnologia e Ambiente, [S.l.], v. 19, fev. 2014. ISSN 2358-9426. Disponível em: <<http://periodicos.unesc.net/tecnoambiente/article/view/1319>>. Acesso em: 16 jul. 2018.

SIMONDON, G. **El modo de existencia de los objetos técnicos**. Buenos Aires: Editorial Struhart & Cia, 1985.

SUÁREZ, R. **Paleoindian Components of Northern Uruguay: New Data on Early Human Occupations of the Late Pleistocene and Early Holocene**. In *Voices from South America a Peopling of the Americas Publication*, 2003.

SUÁREZ, R. *Cazadores recolectores tempranos, supervivencia de fauna del pleistoceno (equus sp. y glyptodon sp.) y tecnología lítica durante el holoceno temprano en la frontera Uruguay Brasil*. In *Revista da SAB*, V. 23, nº 2, dezembro, 2010A.

SUÁREZ, R. **Arqueología prehistórica en la localidad arroyo Catalán Chico: Investigaciones pasadas replanteo y avances recientes**. Montevideo: Biblioteca plural, 2010b.

SUÁREZ, R. *Movilidad, acceso y uso de ágata translúcida por los cazadores recolectores tempranos durante la transición pleistoceno-holoceno en el norte de Uruguay (ca. 11,000 – 8500 a.p)*. [S.l.], Latin American Antiquity, 2011.

SUERTEGARAY, D. M. A. *A trajetória da natureza: um estudo geomorfológico sobre: Os areais de Quaraí-rs/uma síntese*. In.: **Boletim Gaúcho de Geografia**, v. 17, Porto Alegre: Associação dos Geógrafos Brasileiros, 1998.

_____. **Influencia morfoestructural en la génesis de los procesos de arenización en Rio Grande do Sul, Brasil**. *Revista de Geografia Norte Grande*, v. 39, 2008.

SUERTEGARAY, D. M. A; SILVA, L. P. **Sobre a gênese dos areais (SW/RS): Uma contribuição de interface**. *Biologia – Gemorfologia*. Terra Livre, São Paulo: Ano 25, v.2, n 33, 2009.

SUERTEGARAY, D. M. A. **Geografia física e Geografia humana: Uma questão de método – Um ensaio a partir da pesquisa sobre arenização**. *Geographia - Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal Fluminense*, 2010.

SUERTEGARAY, D. M. A. (org.); BELLANCA, E. T.; FACHINELLO, A.; CÂNDIDO, L. A.; SILVA, C. R.; ROSSATO. **Terra – Feições Ilustradas**. 3ª edição. Porto Alegre. Editora da UFRGS, 264p, 2001.

TADDEI, A. **Alguns aspectos de la arqueología prehistorica del Uruguay**. Estudios Atacameños, 1987.

TADDEI, A. **El Rio Negro Medio**. Centro de Estudios Arqueológicos Estado actual de las investigaciones arqueológicas en el Uruguay (Parte 1), nº 3, Montevideo, 1985.

TADDEI, A; FERNÁNDEZ, J. C. Um preceramico de Lascas en el A° Catalán Chico (Dpto. de Artigas). **El sitio Arqueológico**. 19-S-4. VII Congresso Nacional de Arqueologia, 1982.

TILLEY, C. **A Phenomenology of landscape: places, paths and monuments**. Oxford: Berg Publishers, 1994.

TILLEY, C. Y. **The materiality of stone: explorations in landscape phenomenology**. Oxford/New York: Berg, 2004.

THOMAS, J. *Archaeologies of place and landscape*. In: HODDER, Ian (Ed.). **Archaeological theory today**. Cambridge/Malden: Polity Press/Blackwell Publishers, 2001.

_____. *Materiality and the social*. In: FUNARI, Pedro Paulo; ZARANKIN, Andrés; STOVEL, Emily (Eds.). **Global archaeological theory: contextual voices and contemporary thoughts**. New York: Kluwer Academic / Plenum Publishers, 2005.

_____. **Time, culture and identity: An Interpretive Archaeology**. Londres and New York: Routledge, 2006a.

_____. **Archaeology and modernity**. Londres, New York: Routledge, 2004.

_____. *Phenomenology and material culture*. In: TILLEY, C et al (Eds.). **Handbook of material culture**. London: Sage Publications. p. 43-59, 2006.

THOMASI, D. I. **Metais da Estância Velha do Jarau-Quaraí-RS: uma análise do cotidiano de uma estância na fronteira Brasil-Uruguaí no século XIX através da Arqueologia Histórica**. Monografia de especialização (Pós Graduação em Arqueologia – Processos Interdisciplinares em Arqueologia, URI), Erechim: 2008.

TIXIER, J; TURQ, A. Kombewa et al. In.: *Paléo*, nº 11, 1999.

TIXIER, J.; INIZAN, M.L.; ROCHE, H. (1980). **Préhistoire de Ia Pierre Taille: Terminologie et Technologie**. CREP, Valbonne.

TOLEDO, G. T. **A Estância Velha do Jarau e o contexto fronteiriço: os lugares e as louças no espaço doméstico**. Monografia apresentada no Curso de Graduação em História da Universidade Federal de Santa Maria. Santa Maria, 2008.

TRIGGER, B. **História do Pensamento Arqueológico**. Odysseus, 2011.

TURQ, A. *Les méthodes de taille*. In.: Paléo, supplément, 2000.

VAN EDE, Y. **Sensuous Anthropology: Sense and Sensibility and the Rehabilitation of Skill**. ANTHROPOLOGICAL NOTEBOOKS 15 (2): 61–75. Slovene Anthropological Society 2009.

VELOSO, H. P. *et al. Manual técnico da vegetação brasileira*. Rio de Janeiro: IBGE, 1992.

VENÂNCIO, E. Radiohead: Paranoid Android, 2008. Acessado em 22.10.2016 <http://evenancio.blogspot.com/2008/07/radiohead-paranoid-android.html>

VERDUN, R. **Approche Géographique des “déserts” dans les communes de São Francisco de Assis et Manuel Viana, État du Rio Grande do Sul, Brésil**. Toulouse: Université de Toulouse Le Mirail, 1997.

VIANA, S. A. **Instrumentos fora de seus contextos de produção: Instrumentos planoconvexos provenientes de sítios lito cerâmicos do estado de Mato Grosso**. In.: Habitus, Goiânia Vol. 9, 2005.

VIANNA, S. A. **Variabilidade tecnológica do sistema de debitage e de confecção dos instrumentos líticos lascados de sítios lito-cerâmicos da região do Rio Manso/MT**. Porto Alegre: PUC/RS, 2005.

WARNIER, J. **Construire la culture matérielle: L'Homme qui pensait avec ses doigts**. Paris: Presses universitaires de France, 1999 .

WARNIER, J. **A mundialização da Cultura**. EDUSC, Bauru. 2003B.

WEIL, P. *A axiomática transdisciplinar para um novo paradigma holístico*. In: WEIL, Pierre; D'AMBROSIO, Ubiratan; CREMA, Roberto. **Rumo à nova Transdisciplinaridade: sistemas abertos de conhecimento**. São Paulo: Summus, 1993.

WILLEY, G. **An introductory to American archeology II - South America**. New Jersey, 1971.

WILLEY, G. **Estimated correlation and dating of south and Central American culture sequences**. American Antiquity (32). Salt Lake City, 1978.

WHITE, H. **Metahistória: a imaginação histórica da Europa do século XIX**. São Paulo, Edusp, 1992



Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Pró-Reitoria Acadêmica
Av. Ipiranga, 6681 - Prédio 1 - 3ª. andar
Porto Alegre - RS - Brasil
Fone: (51) 3320-3500 - Fax: (51) 3339-1564
E-mail: proacad@pucrs.br
Site: www.pucrs.br/proacad